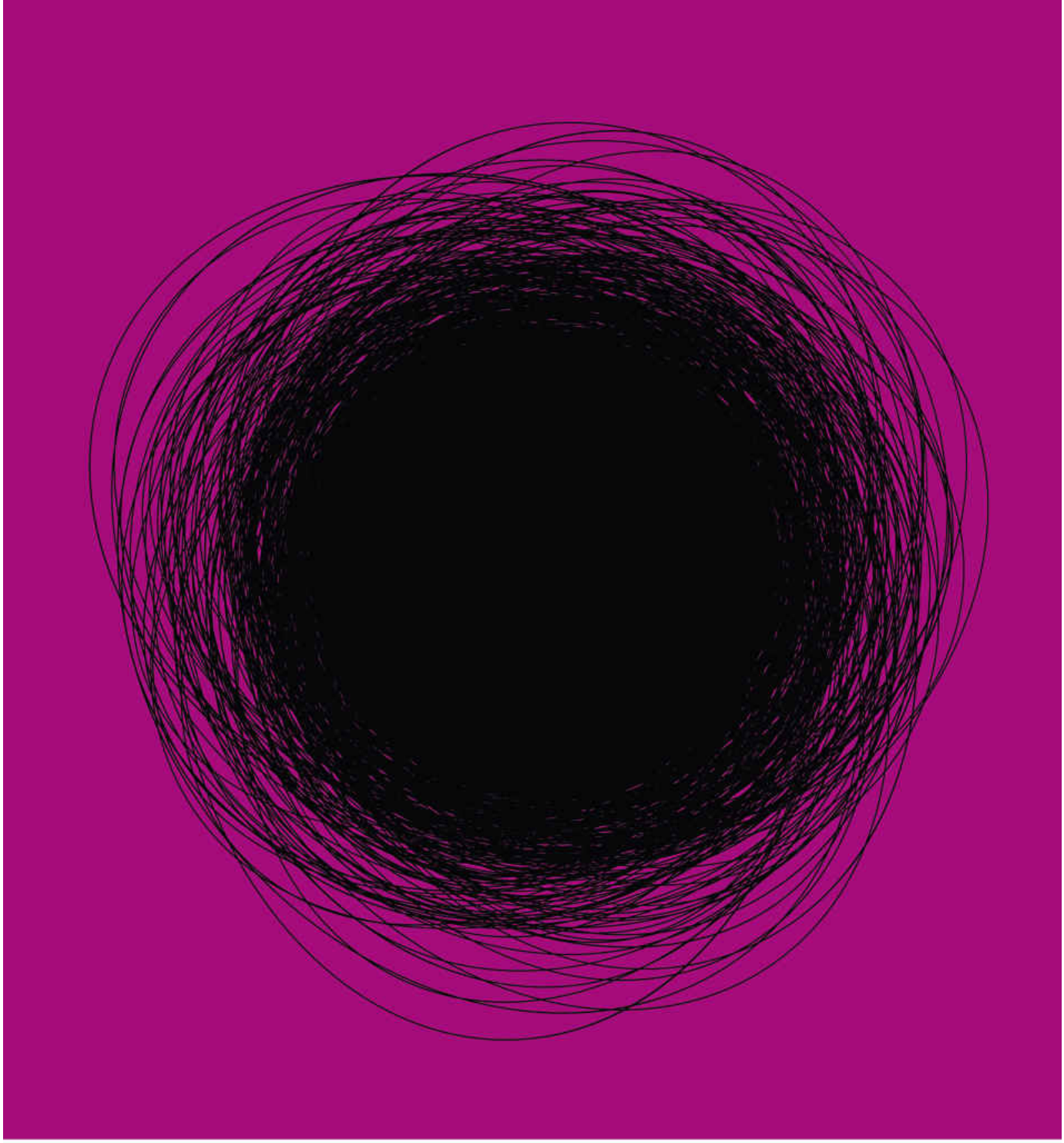


PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Memórias do subsolo

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

Memórias do subsolo

Tradução do russo, apresentação e notas de
RUBENS FIGUEIREDO

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Capa
Folha de rosto
Sobre o autor

Apresentação — Rubens Figueiredo
Nota da edição

MEMÓRIAS DO SUBSOLO

I. Subsolo
- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII
- IX
- X
- XI

II. A propósito da neve molhada

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X

Notas
Créditos

COMPANHIA DAS LETRAS

MEMÓRIAS DO SUBSOLO

fiódor mikháilovitch dostoiévski nasceu em 1821, em Moscou, no hospital onde seu pai trabalhava como médico. A mãe morreu de tuberculose em 1837 e Dostoiévski foi para São Petersburgo com o irmão, para estudar engenharia. O pai morreu em 1839, depois de uma fase de depressão e alcoolismo. Dostoiévski formou-se em 1843, obtendo a patente militar de subtenente. Deu os primeiros passos na literatura com duas peças teatrais, que ficaram inacabadas, e a tradução do romance *Eugénie Grandet*, do escritor francês Honoré de Balzac (1844). Seu primeiro romance foi *Gente pobre* (1846), escrito após abandonar a carreira militar. Seguiram-se o romance *O duplo* (1846) e as novelas *A senhoria* (1847) e *Noites brancas* (1848), além do romance inacabado *Niétotchka Niezvánovna*. Nessa época, Dostoiévski participava de um grupo clandestino chamado Círculo de Petrachévski, no qual se liam e discutiam textos proibidos. Petrachévski, mentor do grupo, era adepto do socialista utópico francês Charles Fourier. Em 1849, vários membros do círculo foram presos e condenados à morte, entre eles Dostoiévski. No último instante, porém, a pena foi cancelada e convertida em quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria e cinco de serviço militar como soldado raso. No exílio,

Dostoiévski conheceu sua primeira esposa, Maria Dmítrievna Issáieva, e nessa mesma época sofreu os primeiros ataques de epilepsia. Em 1859, voltou para São Petersburgo e, com o irmão, fundou a revista *Vrémia* (Tempo), na qual publicou seu romance *Humilhados e ofendidos* (1861). Em 1862, na revista *Mundo Russo*, publicou *Memórias da casa dos mortos*, lembranças do tempo de prisão disfarçadas de romance. Em 1862 e 1863, viajou por algumas cidades da Europa Ocidental, onde perdeu muito dinheiro no jogo e conheceu uma amante. Em 1864, morreram sua esposa e seu irmão, que, além da viúva, deixou quatro filhos e uma enorme dívida. Coube a Dostoiévski sustentar a todos, além do enteado e outro irmão alcoólatra, situação que o deixou cada vez mais endividado. Em 1864, publicou *Memórias do subsolo* e, em 1866, *Crime e castigo*. Seu romance seguinte, *O jogador*, foi escrito às pressas para saldar dívidas. A fim de entregá-lo no prazo exigido pelo editor, Dostoiévski contratou a estenógrafa Anna Grigórievna Snítkina, que tinha 24 anos à época e com quem Dostoiévski se casou em 1867. Os dois partiram para morar em Dresden e então em Genebra, onde sua primeira filha nasceu e, pouco depois, morreu. De volta a Dresden, viu nascer a segunda filha. Em 1868, publicou *O idiota* e, em 1872, *Os demônios*, romance que polemiza diretamente com alguns setores do movimento revolucionário. Entre 1873 e 1874, escreveu *Diários de um escritor*, uma série de artigos e contos publicados de modo seriado num periódico. Em 1875, publicou o romance *O adolescente*. Por fim, *Os irmãos Karamázov* veio a lume em 1881, ano em que morreu de enfisema pulmonar, em São Petersburgo. A adesão de Dostoiévski à Igreja ortodoxa, que vinha de muitos anos, o levara, nessa altura da vida, a manter

estreitas relações com expoentes do clero ortodoxo, bem como com autoridades do governo e com a própria família do tsar. Dostoiévski foi sepultado no mosteiro de Alexandre Niévski, em São Petersburgo, e seu enterro, como era praxe entre escritores russos, foi acompanhado por uma multidão.

rubens figueiredo nasceu em 1956, é escritor e tradutor. Entre seus livros, estão os romances *Barco a seco* (2001, Prêmio Jabuti), *Passageiro do fim do dia* (2010, Prêmio Portugal-Telecom e Prêmio São Paulo) e os livros de contos *O livro dos lobos* (1994-2008), *As palavras secretas* (1998, Prêmio Jabuti e Prêmio da Biblioteca Nacional) e *Contos de Pedro* (2006). Suas traduções incluem obras russas de Tchékhov, Turguêniev, Gontcharóv, Górki, Tolstói, Dostoiévski, Gógol e Bábel. Recebeu o prêmio da Biblioteca Nacional pela tradução de *Ressurreição*, e os prêmios da Academia Brasileira de Letras e da apca pela tradução de *Guerra e paz*, ambos de Liev Tolstói.

Apresentação

rubens figueiredo

Dostoiévski publicou *Memórias do subsolo* em 1864, em dois números da revista *Época*, de propriedade de seu irmão Mikhail. O periódico teve vida curta e foi criado para substituir a revista *Tempo*, outra iniciativa editorial malsucedida dos dois irmãos.[1] O escritor tinha 43 anos e residia em Moscou. Era casado e a esposa estava gravemente enferma — na verdade, em suas últimas semanas de vida. Poucos anos antes, em 1860, Dostoiévski tinha retomado a atividade literária, após o período de trabalhos forçados e exílio interno a que fora condenado em 1849.

Imediatamente antes de *Memórias do subsolo*, Dostoiévski publicou *Humilhados e ofendidos* (1861), *Memórias da casa dos mortos* (ou *da casa morta*, 1862) e *Notas de inverno sobre impressões de verão* (1863). Era o início da segunda fase do escritor, ao longo da qual, até sua morte em 1881, foram publicadas suas obras mais famosas. O ponto de partida dessa nova etapa, segundo opinião corrente entre os críticos, encontra-se justamente nesta novela de 1864. No entanto, é preciso ressaltar que *Memórias do subsolo* deve bastante ao livro que o precedeu, *Notas de inverno*

sobre impressões de verão. Nessa obra, o escritor discute as experiências de uma viagem a países europeus onde as relações capitalistas se encontravam num estágio mais avançado do que no Império Russo. O componente jornalístico e polêmico das *Notas de inverno*, o tom acerbo e agressivo, o uso desabrido da primeira pessoa, a retórica de desafio contra um interlocutor invisível, ou pelo menos não identificado, bastariam para aproximar as duas obras. Mas, a par de semelhanças técnicas, existe uma afinidade de fundo entre ambas.

Pouco antes, em 1861, a Rússia emancipara os servos, passo crucial na expansão das relações capitalistas, almejada por boa parte da classe dominante. A rigor, um amplo conjunto de reformas estava em curso, todas com esse mesmo propósito. De outro lado, a resistência a tais mudanças exprimia tendências e preocupações muito díspares, que se manifestavam na forma de conflitos veementes, disseminados por toda a sociedade. Para as camadas sociais mais instruídas, os países europeus que Dostoiévski visitara e retratara, com franca hostilidade, em *Notas de inverno*, representavam, em maior ou menor medida, um modelo a ser emulado. O problema era que a cultura e as instituições russas, de raízes seculares, estavam muito arraigadas à história do país e à vida do povo, sem contar que, também elas, haviam se desenvolvido bastante, à sua maneira e segundo sua lógica própria. O choque só poderia ser traumático.

Portanto, é sob essa pressão que Dostoiévski escreve, em poucas semanas, estas *Memórias do subsolo.* Algumas cartas para seu irmão dão testemunho das dificuldades do autor. Na carta de 9 de fevereiro, por exemplo, confessa: “Não vou esconder que meu

trabalho vai mal. De repente, minha novela passou a me desagradar. Aliás, é minha culpa. Eu mesmo fiz algo errado. Não sei mais no que vai dar".

Na carta de 20 de março, diz:

> Sentei para trabalhar na novela […]. É muito mais difícil de escrever do que eu imaginava. Entretanto, é preciso que fique boa, é uma necessidade *minha*. Tem um tom demasiado estranho, um tom brutal e desvairado: pode ser que não agrade; por conseguinte, é necessário que a poesia suavize e ampare tudo.

Outra carta para o irmão, já depois da publicação da revista, vale como indício dos problemas e das expectativas do escritor a respeito da novela:

> Era melhor não ter publicado o penúltimo capítulo (o capítulo em que se exprime a própria ideia) do que publicar a novela desse jeito, ou seja, com frases incoerentes e em contradição consigo mesma. Porém, o que fazer? Malditos censores: onde eu achincalho tudo e às vezes blasfemo, da boca para fora, aí eles deixaram passar; e onde concluo, de tudo isso, a necessidade da fé e de Cristo, aí eles cortaram. O que os censores estão fazendo? Conspirando contra o governo?

Cabe frisar, no entanto, que Dostoiévski nunca restabeleceu o texto tal como era antes dos cortes da censura, o que poderia muito bem ter feito por ocasião da publicação da novela em forma de livro. O motivo é desconhecido. A falta de tempo é uma hipótese. Outra, é ter, ele mesmo, admitido que daquele modo a novela ficou melhor. Uma possível explicação é que a censura era exercida, não raro, por escritores experientes, que, no caso, teriam agido como editores. Por outro lado, o que chama a atenção na carta, e causa certa estranheza, é — além da suspeita da ação antigovernamental dos censores — a menção a Cristo e à fé. Afinal, como esse tema se incorpora à novela?

Memórias do subsolo é composta de duas partes muito distintas. A primeira se apresenta como uma explanação polêmica e acusatória, cujo alvo não é delimitado com clareza. Entre ditos e desditos, a ênfase parece valer mais do que os argumentos, o páthos, mais do que a razão, a vontade, mais do que os números. Ao final, o protagonista é apresentado como anti-herói e paradoxista. A segunda parte relata três situações vividas pelo anti-herói, casos exemplares de suas *Memórias do subsolo*. Aqui, os componentes do melodrama e do humor bufo se associam, de modo inesperado, a uma dramática exploração psicológica, que se aprofunda nas contradições presentes nos sentimentos mais prestigiosos. A suposta pureza de tais sentimentos é posta em questão, bem como o teor otimista da visão romântica em geral.

A figura do protagonista anônimo que se isola do meio social, procura deliberadamente uma espécie de autoalienação e recusa a si mesmo toda chance de felicidade já era patente, por exemplo, em *Noites brancas*, novela escrita por Dostoiévski em 1848, ainda em sua primeira fase. Porém, agora, a linguagem e todo o ambiente do relato se tornaram muito mais violentos. Sinal de que as pressões históricas também se mostravam mais agudas.

A implantação das relações capitalistas em uma sociedade em que esse processo não é originário precisa ser acompanhada de um verdadeiro bombardeio de ideias, a rigor, alheias a ela. No caso da Rússia tsarista, tida como atrasada por boa parte da elite nacional, esse processo já vinha de algumas décadas. O acirramento crescente das polêmicas refletia a situação objetiva do país, que se apresentava de maneira cada vez mais ambígua. Formas sociais ligadas a estruturas agrárias ancestrais coexistiam, de um lado, com

as novas relações capitalistas e urbanas e, de outro lado, com as pressões para superar essas mesmas relações, que, a rigor, mal haviam começado a se constituir na Rússia. Era como se, no mínimo, três tempos históricos convivessem em conflito encarniçado, embora houvesse eventuais alianças entre as forças representantes de cada um deles.

Desse modo, uma perspectiva mais promissora para compreender *Memórias do subsolo*, bem como outras obras de Dostoiévski, depende de conseguirmos situar o autor naquele quadro de forças históricas, por mais dinâmicas que pudessem ser. Para tal fim, digamos que três marcos balizam a posição de Dostoiévski: a Igreja ortodoxa, a monarquia tsarista e o nacionalismo russo. A partir desse ponto de apoio, Dostoiévski tentou reagir contra forças percebidas como invasoras.

O livro *Memórias do subsolo* tem sido lido como uma crítica a Tchernichévski, grande pensador russo, associado, em geral, ao socialismo utópico de origem francesa. No entanto, o pensamento de Tchernichévski é bem mais complexo e se enraíza nas ideias dos ideólogos do capitalismo, em particular dos ingleses Jeremy Bentham (que viveu na Rússia por um tempo), Stuart Mill e Adam Smith, bem como em sua doutrina do utilitarismo. Ou seja, o pensamento de Tchernichévski, que, aliás, não é mencionado na novela de Dostoiévski, exprime aquela concomitância de distintos tempos históricos (no caso, capitalismo e socialismo), que apontei acima, no corpo da sociedade russa. Ao contrário do que alegam muitos comentaristas, não há nessa combinação nenhuma extravagância. O pressuposto de boa parte das correntes socialistas da época é que, antes de estabelecer relações de propriedade mais

igualitárias, a Rússia precisava, de algum modo, desenvolver a fundo as relações capitalistas.

O leitor pode facilmente observar que a maior parte das invectivas do narrador de *Memórias do subsolo* se concentra na visão otimista do ser humano como indivíduo racional, base do liberalismo burguês de Bentham e Smith. Segundo tal doutrina, os indivíduos fazem sempre escolhas racionais em busca de seus objetivos. A mera interação dos indivíduos resultaria, de modo espontâneo, numa ordem racional: a célebre "mão invisível" de Adam Smith. Entre isso e a tese do "egoísmo racional" de Tchernichévski, o parentesco é óbvio. Portanto, não se pode entender, nem mencionar, o pensador russo sem tratar a sério dos filósofos burgueses que o precederam.

A par disso, cabe ressaltar que o pensador efetivamente citado na novela de Dostoiévski é o historiador inglês Henry Buckle (1821-62). Apoiando-se no utilitarismo e no positivismo, ele defendeu o colonialismo inglês e a superioridade de certas civilizações sobre as demais, por efeito de causas naturais. Segundo Buckle, a história dos países é regida por leis tão exatas quanto as da natureza, passíveis de se serem expressas em estatísticas, tabelas e números. Sua tese se baseia, explicitamente, na supressão dos dogmas teológicos e na negação do livre-arbítrio, tido como dogma metafísico. Esse ímpeto matemático (que levou Bentham a afirmar que a ética devia se tornar uma ciência "exata como a matemática"),[2] a abolição do livre-arbítrio, o primado da razão, a superioridade de certa civilização sobre as demais, em suma, todas as teses mencionadas neste parágrafo são referidas, em geral de modo explícito, e repisadas com virulência por Dostoiévski nas páginas de *Memórias do subsolo*. E não só isso: o autor incorpora

tais ideias ao chamado “cálculo utilitarista”, outra tese de Bentham e Mill que, em forma de paródia, perpassa várias páginas da novela. O conjunto de tais doutrinas e especulações opera como um bombardeio ideológico, para o qual o subsolo do título da novela, afinal, serve de abrigo.

Dessa perspectiva, podemos compreender melhor a maneira como a segunda parte de *Memórias do subsolo* valoriza a dimensão irracional do comportamento e do pensamento humanos. Movido por esse impulso de resistência, Dostoiévski abre um campo de exploração psicológica que, para todos os efeitos, renova as possibilidades da literatura. A linguagem, por sua vez, movimenta-se no mesmo sentido e a lógica mecânica da sintaxe se vê abalada sob a pressão direta das emoções brutas, do desvario e do capricho. As repetições, as digressões, os paradoxos, as interpolações, os cortes abruptos, os desmentidos em série terminam se revelando pertinentes e funcionais, tendo em vista o alvo que o autor pretende atingir. Por último, a defesa da pobreza, que emerge em várias passagens, vincula-se também ao repúdio ao ideário burguês do progresso e da prosperidade individual como objetivos supremos da vida.

Portanto, a visão religiosa — os trechos cortados pela censura tsarista, mencionados acima — habita o subsolo da própria novela. Confere ao conjunto da obra uma densidade de fundo e reforça sua ofensiva retórica. Serve como barreira contra o otimismo, o racionalismo, a crença na ciência — percebidos como meras fachadas de uma força invasora, cujos interesses verdadeiros são outros, não declarados. No entanto, a rigor, muito mais do que algum conteúdo religioso propriamente dito (“a necessidade de

Cristo e da fé", nas palavras do autor), tal visão religiosa expressa a seu modo, e traduz em seus próprios termos, um conflito histórico determinado: o conflito vivido de forma traumática por uma sociedade em transição, sob pressões enormes, mas com um amplo horizonte aberto à sua frente. Os intelectuais russos, em seu aguerrido compromisso com o país, responderam a esse processo de várias perspectivas, mas com tal seriedade que sua voz ressoa até hoje com muita pertinência.

Nota da edição

Original usado para esta tradução: Ф. М. Достоевский. Собрание сочинений в *15* томах. Ленинград, Наука, 1989. т. 4. (F. M. Dostoiévski. *Obras reunidas em 15 volumes*. Leningrado: Naúka, 1989. v. 4.)

Memórias do subsolo

O autor das memórias e as próprias “memórias”, é claro, são inventados. No entanto, pessoas como o autor destas memórias não só podem como devem existir em nossa sociedade, levando em conta as circunstâncias em que nossa sociedade, em geral, se desenvolveu. Eu queria apresentar ao público, com mais destaque do que o habitual, um dos tipos humanos de nosso passado recente. Trata-se de um dos representantes de uma geração que ainda vive. Nesta parte, intitulada “Subsolo”, essa pessoa apresenta a si mesma, seus pontos de vista e, de certa forma, quer esclarecer os motivos pelos quais ela surgiu, e tinha de surgir, em nosso meio. Na parte seguinte, virão as “memórias”, propriamente ditas, dessa pessoa, acerca de certos acontecimentos de sua vida.

(n. a.)

1. Subsolo

I

Sou um homem doente… Sou um homem raivoso. Sou um homem sem graça nenhuma. Acho que sofro do fígado. Na verdade, não tenho a menor ideia da minha doença nem sei direito o que dói. Não me trato e nunca me tratei, apesar de respeitar a medicina e os médicos. Além do mais, sou supersticioso ao extremo; bem, pelo menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou instruído o suficiente para não ser supersticioso e, mesmo assim, sou supersticioso.) Não, meus senhores, eu não quero me curar da raiva. E isso, não há dúvida, é uma coisa que os senhores não vão se dar ao trabalho de compreender. Mas, muito bem, eu compreendo os senhores. Claro, neste caso, não sou capaz de explicar quem é que estou infernizando com a minha raiva; sei muito bem que não posso, nem de longe, causar dano aos médicos, por não me tratar com eles; e sei, melhor do que qualquer um, que, com isso, só prejudico a mim mesmo e mais ninguém. Porém, apesar de tudo, se eu não me trato, é de raiva. O fígado está doendo; pois que doa ainda mais!

Já faz tempo que vivo assim — uns vinte anos. Agora, tenho quarenta. Antes, eu trabalhava no serviço público e agora não

trabalho mais. Fui um funcionário cruel. Era bruto e nisso encontrava prazer. Sabe, eu não aceitava suborno, portanto, tinha de me recompensar pelo menos dessa forma. (Que piadinha ruim; mas não vou riscar. Escrevi isso achando que ia ficar muito espirituoso; agora, como eu mesmo percebi que, desse modo, eu só queria me exibir, e da maneira mais detestável, não vou riscar, e não vou riscar de propósito!) Antigamente, quando as pessoas chegavam à minha mesa de trabalho para pedir alguma coisa, eu rangia os dentes para elas e sentia um prazer insaciável quando conseguia fazer mal a alguém. E quase sempre conseguia. Na maioria, era gente tímida: todo mundo sabe como é essa gente que procura as repartições. Porém, entre as pessoas mais presunçosas, havia em particular um oficial que eu não conseguia suportar. Ele não queria de jeito nenhum se sujeitar à minha superioridade e fazia tinir o sabre de modo abominável. E, por causa daquele sabre, durante um ano e meio, eu e ele travamos uma guerra. No fim, levei a melhor. Ele parou de tinir o sabre. Aliás, isso aconteceu na minha mocidade. Mas os senhores querem saber qual era o motivo principal da minha raiva? A questão toda, e nisso é que estava a maior sordidez, a questão toda se resumia ao fato de que eu, a todo momento, e até nos momentos do rancor mais brutal, reconhecia com vergonha que eu não só não era raivoso como não era nem mesmo uma pessoa de maus bofes, eu apenas ficava espantando pardais à toa, e com isso me divertia. A minha boca espumava, mas bastava me trazerem um bonequinho qualquer, me darem um chazinho com açúcar, que eu podia logo me acalmar. Eu ficava até sinceramente comovido, se bem que depois, com certeza, ia ranger

os dentes para mim mesmo e, de vergonha, teria insônia durante meses. É meu jeito de ser.

Eu menti antes, quando disse que era um funcionário cruel. E menti de raiva. Eu apenas ficava de brincadeira com as pessoas comuns, e também com o oficial, mas, no fundo, nunca consegui me tornar maldoso. A todo momento, eu percebia em mim mesmo uma porção de elementos completamente contrários a isso. Eu sentia que eles fervilhavam dentro de mim, aqueles elementos contrários. Eu sabia que tinham fervilhado dentro de mim a vida toda e imploravam para vir à tona, mas eu não os deixava sair, não deixava de propósito, eu não deixava sair nada. Eles me atormentavam até a vergonha; me levavam até a convulsão e, por fim, acabaram me deixando aborrecido, muito aborrecido mesmo! Afinal de contas, não parece aos senhores que, agora, estou mostrando meu arrependimento, que eu estou pedindo perdão aos senhores?… Estou convencido de que, para os senhores, é isso que parece… Aliás, eu lhes garanto que, para mim, tanto faz como tanto fez, se parece ou não parece…

Não só não consegui me tornar maldoso como fui incapaz de me tornar qualquer coisa: nem mau nem bom, nem crápula nem puro, nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo no meu canto e atiço a mim mesmo com um consolo pérfido, que não serve para nada, e que vem da ideia de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se coisa nenhuma e que só um imbecil se torna alguma coisa. Sim, meus senhores, o homem inteligente do século xix deve, é sua obrigação moral, ser uma criatura, por excelência, sem caráter; afinal, o homem com caráter, o homem de ação, é uma criatura por excelência limitada. É a minha convicção, aos quarenta

anos de idade. Tenho agora quarenta anos e, afinal, quarenta anos é toda uma vida; a rigor, é a velhice mais acabada. Viver mais de quarenta anos é indecente, vulgar, imoral! Quem é que vive mais de quarenta anos? Respondam com sinceridade, com honestidade. Vou lhes dizer quem é que vive: os imbecis e os canalhas. Eu digo isso na cara de todos os mais velhos, todos esses velhos respeitáveis, todos esses velhos perfumados e de cabelos cor de prata! Vou dizer isso na cara de todo mundo! Tenho o direito de falar assim, porque eu mesmo vou viver até os sessenta. Vou viver até os setenta! Vou viver até os oitenta!… Esperem um pouco! Deixem-me tomar fôlego…

Na certa, estão pensando que quero fazer os senhores rir, não é? Pois também nisso estão enganados. Não sou nem de longe uma pessoa divertida, como parece aos senhores, ou como talvez pareça aos senhores; aliás, se por estarem irritados com todo este falatório (e já estou sentindo que estão irritados), cismarem de me perguntar quem sou eu exatamente, então vou responder: sou um assessor colegiado.[1] Trabalhei para ter o que comer (mas só para isso) e quando, no ano passado, um parente distante me deixou seis mil rublos de herança, em testamento, na mesma hora pedi demissão e fui me instalar no meu canto. Antes, eu já morava neste canto, mas agora me instalei aqui de vez. Meu quarto é abominável, nojento, na periferia da cidade. Minha criada, uma camponesa velha, é raivosa de tão burra e, além disso, exala o tempo todo um cheiro medonho. Dizem que o clima de Petersburgo está se tornando nocivo para mim e que, com meus recursos insignificantes, viver em Petersburgo é oneroso demais. Eu sei de tudo isso melhor do que todos esses conselheiros e bajuladores experientes e mais do que

sensatos. Mas vou ficar em Petersburgo; não vou sair de Petersburgo! E não vou sair porque… Ah! Afinal, tudo isso não faz a menor diferença — se vou sair ou não.

De resto, sobre o que uma pessoa respeitável pode falar com a máxima satisfação?

Resposta: sobre si.

Então, eu também vou falar sobre mim.

ii

Agora, estou com vontade de contar aos senhores, queiram ouvir ou não, por que não consegui me tornar nem mesmo um inseto. Vou contar com toda a pompa que, muitas vezes, eu quis me tornar um inseto. Mas nem disso eu fui digno. Juro aos senhores que ter consciência demais é uma doença, uma doença de verdade, perfeita. Para uso humano, seria mais do que suficiente a consciência humana de praxe, ou seja, metade ou um quarto da porção que cabe a cada pessoa instruída em nosso infeliz século xix e que, além disso, tem o duplo infortúnio de morar em Petersburgo, a cidade mais abstrata e premeditada de todo o globo terrestre. (Existem cidades premeditadas e não premeditadas.) Seria de todo suficiente, por exemplo, uma consciência igual àquela com que vivem as chamadas pessoas práticas e os homens de ação. Aposto que os senhores estão pensando que eu escrevo tudo isso por presunção, para me mostrar espirituoso à custa dos homens de ação, e também que, por uma presunção de mau gosto, eu faço tinir um sabre, como aquele meu oficial. Mas, senhores, onde já se viu alguém ter orgulho das próprias doenças e ainda por cima exibi-las com ostentação?

Aliás, o que é que estou dizendo? Todo mundo faz isso; todos se orgulham de suas doenças e eu, talvez, mais do que qualquer um. Não vamos discutir; minha objeção é absurda. Apesar dos pesares, estou firmemente convencido de que não só muita consciência como até qualquer consciência é uma doença. Eu insisto nisso. Mas deixemos isso de lado um minuto. Digam-me o seguinte: por que aconteceu que, como se fosse de propósito, exatamente, sim, exatamente nos momentos em que eu era mais capaz de reconhecer todas as sutilezas "de tudo que é belo e sublime",[2] como diziam entre nós há algum tempo, me ocorreu de já não reconhecer nada e praticar atos tão deploráveis que… está bem, numa palavra, que talvez, quem sabe, todos pratiquem, mas que, como se fosse de propósito, aconteceram comigo justamente quando eu tinha a maior consciência de que não devia, de jeito nenhum, praticá-los? Quanto mais eu tinha consciência do bem e de todo aquele "belo e sublime", mais fundo eu descia no meu lodo e mais capaz eu me tornava de me atolar nele por completo. Porém o ponto mais importante era que tudo aquilo parecia não ter acontecido comigo por acaso, mas como se tivesse de ser assim. Como se fosse o meu estado normal e nem de longe uma doença ou um defeito, de modo que, no final, eu nem tinha mais vontade de lutar contra aquele defeito. Acabou que eu quase, quase acreditei (mas talvez eu tenha acreditado, de fato) que aquele, quem sabe, era mesmo meu estado normal. E no começo, lá bem no início, quantos tormentos eu tive de suportar nessa luta! Eu não acreditava que com os outros acontecesse a mesma coisa e, por isso, a vida toda eu escondia aquilo de mim mesmo, como um segredo. Eu me envergonhava (e, mesmo agora, quem sabe eu não sinta vergonha?); cheguei a tal

ponto que, naquele tempo, sentia uma espécie de prazerzinho secreto, anormal, cafajestezinho, de voltar para o meu canto numa sórdida madrugada petersburguesa e, com esforço, tomar consciência de que, naquele dia, eu tinha, mais uma vez, praticado atos infames, que o que estava feito não podia de maneira nenhuma ser desfeito e, por dentro, em segredo, por causa disso, eu roía e roía a mim mesmo com os dentes, serrava e sugava a mim mesmo, até que a amargura se transformasse, afinal, numa espécie de doçura infame, maldita e, por fim, num prazer definitivo e grave! Sim, num prazer, num prazer! Eu insisto nisso. Pois, se eu toquei neste assunto, é porque quero saber com certeza: será que outras pessoas também têm prazeres assim? Vou explicar: esse prazer vem justamente da clareza excessiva da consciência a respeito de sua própria humilhação; vem de perceber que você desceu ao último degrau; de que isso é detestável, mas não pode ser diferente; de que não há saída e de que você nunca vai ser uma pessoa diferente; de que, mesmo que ainda restasse tempo e fé para se transformar em outra coisa, com certeza, você mesmo não ia querer se transformar; porém, se quisesse, ainda assim não faria nada, porque, no fundo, talvez não exista nada em que se transformar. O principal, no fim das contas, é que tudo isso se passa segundo as leis normais e fundamentais da consciência amplificada e também por efeito da inércia que decorre diretamente dessas leis e, em consequência, nesse caso, você não só não vai se transformar como também, pura e simplesmente, não vai fazer nada. Por exemplo, eis aqui um efeito da consciência amplificada: você sabe que é um canalha e assim, para um canalha, parece que é um consolo perceber que ele mesmo é de fato um canalha. Mas

chega… Ah, falei pelos cotovelos, e o que foi que eu expliquei?… Como se explica o prazer, neste caso? Mas eu vou explicar! De um jeito ou de outro, vou levar isso até o fim! Foi para isso que peguei a pena…

Por exemplo, sou horrivelmente presunçoso. Sou cheio de cismas e suscetível como um corcunda ou um anão, mas, na verdade, eu passei por momentos em que, se acontecesse de me darem uma bofetada, eu poderia até, quem sabe, ficar contente com isso. Estou falando sério: com certeza, eu saberia, até nisso, encontrar meu tipo de prazer, o prazer do desespero, é claro, mas é nesse desespero que estão os prazeres mais ardentes, sobretudo quando se adquire uma consciência muito forte de que a situação não tem saída. E então, na hora da bofetada, aí é que bate a consciência de que você foi triturado até virar uma pasta. Só que o mais importante é que, por mais que eu reflita, no final das contas, eu sou sempre o maior culpado e ainda por cima, e isto é o mais ultrajante de tudo, sou um culpado sem culpa e, por assim dizer, por força das leis da natureza. Sou culpado, em primeiro lugar, porque sou mais inteligente do que todos que me rodeiam. (Eu sempre me considerei mais inteligente do que todos que me rodeiam e às vezes — acreditam? — até disso eu tinha vergonha. Pelo menos, a vida toda eu olhava meio de lado e jamais consegui fitar direto nos olhos das pessoas.) E sou culpado, enfim, porque, mesmo se houvesse dentro de mim alguma generosidade, só serviria para aumentar meus tormentos, por conta da consciência que eu tenho de toda a inutilidade disso. Afinal, sem dúvida nenhuma, eu não saberia o que fazer da minha generosidade: ela nem serve para perdoar, pois aquele que me ofendeu talvez tenha me agredido conforme as leis da natureza, e

ninguém pode perdoar as leis da natureza, mas também não pode esquecê-las, pois, mesmo no caso das leis da natureza, ainda assim é ultrajante. Enfim, mesmo se eu quisesse ser completamente destituído de generosidade e, ao contrário, desejasse me vingar de quem me ofendeu, eu não seria capaz de me vingar de coisa nenhuma e de ninguém, porque, com certeza, não tomaria a iniciativa de fazer o que quer que fosse, mesmo que pudesse. E por que não tomaria a iniciativa? Sobre isso eu gostaria de dizer duas palavrinhas à parte.

iii

Afinal, as pessoas capazes de se vingar e que, no geral, sabem se defender… por exemplo, digamos, como é que elas fazem isso? Então, vamos supor, o sentimento de vingança toma conta dessas pessoas a tal ponto que, nessa hora, já não resta mais nada dentro delas, a não ser aquele sentimento. Um cavalheiro desse tipo se lança direto para alcançar seu objetivo, como um touro enfurecido, com os chifres abaixados e, quem sabe, só um muro poderá detê-lo. (Aliás, na frente do muro, cavalheiros desse tipo, ou seja, pessoas práticas e de ação, sinceramente, se dão por vencidos. Para eles, o muro não é um desvio, como é para nós, por exemplo, pessoas que pensam e que, por isso, não fazem nada; o muro não é um pretexto para voltar, pretexto em que pessoas como nós, em geral, não acreditam, mas que sempre nos deixa muito contentes. Não, eles se dão por vencidos com toda a sinceridade. Para eles, o muro tem algo de tranquilizador, representa uma solução moral e definitiva, tem até, quem sabe, algo de místico… Mas vamos deixar o muro para depois.) Muito bem, senhores, pois então aí está o que considero um verdadeiro homem prático, normal, como a carinhosa mãe natureza gostaria de vê-lo, quando o trouxe ao mundo com

todo amor. Eu invejo esse homem até a última gota de fel. Ele é um imbecil, isso eu não discuto com os senhores, mas talvez um homem normal tenha mesmo de ser imbecil, quem vai saber? Talvez isso seja até muito bonito. E estou a tal ponto convencido dessa suspeita, digamos assim, que se, por exemplo, pegarmos a antítese do homem normal, ou seja, o homem de consciência amplificada, que não brotou do seio da natureza, é claro, mas sim de uma proveta (isso já é quase misticismo, senhores, mas eu também desconfio disso), então esse homem de proveta às vezes se dá por vencido a tal ponto em face da sua antítese que ele mesmo, de boa-fé, com toda sua consciência amplificada, considera-se um camundongo, em vez de um homem. Pois que seja um camundongo de consciência amplificada, mas ainda assim é um camundongo, porém, no caso, é um homem e, por conseguinte… etc. etc. O mais importante é que ele mesmo, veja bem, ele mesmo se considera um camundongo; e ninguém está pedindo isso dele; mas este é um ponto importante. Agora, vamos dar uma olhada nesse camundongo em ação. Suponhamos, por exemplo, que o camundongo também se sinta ofendido (e quase sempre ele se sente ofendido) e também deseje vingar-se. Nele, essa cólera talvez se acumule em quantidade ainda maior do que no *homme de la nature et de la vérité*.[3] Um desejozinho nojento, rasteiro, de retaliar o agressor com a mesma raiva talvez fique remoendo dentro dele, de modo ainda mais nojento do que no *homme de la nature et de la vérité*, porque o *homme de la nature et de la vérité*, por sua intrínseca estupidez, considera que sua vingança é, pura e simplesmente, uma questão de justiça; e o camundongo, por causa da consciência amplificada, rejeita, neste caso, a justiça. Enfim, desse modo, ele acaba

chegando ao problema em si, ao próprio ato da vingança. O camundongo desafortunado, além da mera sordidez de origem, já conseguiu acumular à sua volta, em forma de perguntas e dúvidas, uma quantidade equivalente de outras tantas imundícies; para cada pergunta, ele acrescentou tantas outras perguntas sem resposta que, em volta dele, inevitavelmente, vai se amontoando uma espécie de gosma fatídica, uma lama fedorenta, formada por suas dúvidas, perturbações e, por fim, pelas cusparadas lançadas sobre ele pelos homens práticos e de ação, postados com ar solene a seu redor, com ar de juízes e ditadores, e que o ridicularizam às gargalhadas, com suas goelas transbordantes de saúde. Claro, resta ao camundongo fazer, com a pata, um gesto de desdém para todos e, com um afetado sorriso de desprezo, no qual ele mesmo não acredita, esgueirar-se envergonhado para seu buraquinho na parede. Lá, no seu subsolo execrável, que fede a subsolo, nosso camundongo ultrajado, espancado e ridicularizado, rapidamente mergulha na raiva fria, venenosa e, acima de tudo, eterna. Durante quarenta anos seguidos, ele vai lembrar-se de sua afronta, até os últimos e mais vergonhosos pormenores, e assim, a cada vez, vai acrescentar por conta própria outros tantos pormenores dos mais vergonhosos, escarnecendo de si mesmo e atiçando a si mesmo, por pura maldade, com a ajuda de sua própria fantasia. Ele mesmo vai envergonhar-se de sua fantasia, mas, apesar disso, vai lembrar-se de tudo, vai analisar tudo, vai inventar para si histórias fantásticas, sob o pretexto de que também poderiam acontecer na realidade, e não vai perdoar nada. Talvez comece a se vingar, mas de forma esporádica, lançando mão de coisas ridículas, escondido atrás da estufa, sem ninguém ver, sem acreditar nem no seu direito

de se vingar nem no sucesso de sua vingança, e sabendo de antemão que, em todas as suas tentativas de se vingar, ele mesmo vai sofrer mais do que a pessoa que é o alvo da vingança e que ela, talvez, não sinta nem uma coceirinha. No leito de morte, porém, vai lembrar-se de tudo outra vez, e com o acréscimo dos juros acumulados durante todo esse tempo e… Mas é justamente nesse frio e repulsivo semidesespero, nessa semifé, nesse consciente sepultamento de si mesmo, em vida, no subsolo, por desgosto, e aos quarenta anos de idade, nessa sua situação sem saída criada à força e, no entanto, em parte, duvidosa, é em todo esse veneno de desejos insatisfeitos, levados para dentro dele, em toda essa febre de vacilações, de decisões tomadas de uma vez para sempre e que, um minuto depois, dão lugar, de novo, aos remorsos — é em tudo isso que se encerra o sumo daquele estranho prazer de que falei acima. Ele é tão sutil, às vezes escapa à consciência a tal ponto, que pessoas só um pouquinho limitadas, ou até pessoas simples e com nervos fortes, não vão perceber nenhum sinal dele. “Talvez aqueles que nunca levaram uma bofetada também não notem”, acrescentarão os senhores, por sua conta, com um sorriso aberto, e desse modo vão insinuar, delicadamente, que eu, na minha vida, quem sabe, também experimentei uma bofetada e, por isso, falo com conhecimento de causa. Eu aposto que os senhores estão pensando assim. Mas fiquem calmos, senhores, eu não levei bofetadas, embora para mim não faça a menor diferença o que os senhores pensam ou deixam de pensar sobre o assunto. Talvez eu mesmo até lamente ter dado poucas bofetadas na minha vida. Mas chega, nem uma palavra a mais sobre esse tema, de tão extraordinário interesse para os senhores.

Vou continuar falando, tranquilamente, sobre as pessoas de nervos fortes que não compreendem a já mencionada sutileza dos prazeres. Aqueles senhores, em certos casos excepcionais, por exemplo, embora lancem urros, como touros, de goela aberta, ainda que isso, vamos admitir, também lhes traga enorme honra, mesmo assim, como já afirmei, em face de uma impossibilidade, eles logo se mostram resignados. A impossibilidade, portanto, é o muro de pedra? O que é o muro de pedra? Está certo, é claro: as leis da natureza, as conclusões das ciências naturais, a matemática. Quando provarem, por exemplo, que você provém do macaco, não faça nenhuma cara feia, aceite as coisas como são. Quando provarem para você que, na realidade, uma gotinha da sua gordura deve ser mais preciosa para você do que cem mil dos seus semelhantes e que, no saldo dessa conta, está a solução definitiva da questão de todas as assim chamadas virtudes e obrigações, bem como dos demais delírios e preconceitos, então trate de aceitar, não faça nada, porque dois e dois são quatro — é matemática. E experimente só contestar.

"Queira perdoar", vão gritar para os senhores, "mas é impossível revoltar-se: dois e dois são quatro! A natureza não está interessada no que os senhores pensam; ela não quer saber dos desejos dos senhores e muito menos se gostam ou não gostam de suas leis. Os senhores têm a obrigação de aceitá-la tal como ela é e, portanto, aceitar todos os seus resultados. Um muro, afinal de contas, é mesmo um muro… etc. etc." Meu Deus, o que me importam as leis da natureza e da aritmética, se, por um motivo qualquer, não me agradam essas leis nem esse "dois e dois são quatro"? Claro, não vou ficar batendo a cabeça nesse muro se, de fato, eu não tiver

força para derrubá-lo, mas também não vou me conformar com ele, só porque é um muro de pedra e eu não tive forças para derrubá-lo.

Como se esse muro de pedra, na verdade, fosse um consolo e, na verdade, encerrasse em si mesmo, quem sabe, alguma palavra para o mundo, unicamente porque esse muro é o “dois e dois são quatro”. Ah, absurdo dos absurdos! O que importa mesmo é compreender tudo, ter consciência de tudo, de todas as impossibilidades e muros de pedra; não se conformar com nenhuma dessas impossibilidades e muros de pedra, se para os senhores for nojento se conformar; o que importa é, por meio das combinações lógicas mais inexoráveis, chegar às conclusões mais repugnantes sobre a eterna questão segundo a qual, até desse muro de pedra, parece que você mesmo tem alguma culpa, embora esteja bem claro, mais uma vez, e seja até evidente, que você não é culpado e, por causa disso, rangendo os dentes, mudo e sem forças, você acaba prostrado numa inércia voluptuosa, refletindo, em devaneios, que você não tem nem mesmo contra quem se irritar; o que importa é que você não encontra e, quem sabe, nunca vai encontrar um objeto contra o qual se irritar, que aqui há um engodo, uma fraude, uma trapaça, que há aqui simplesmente uma barafunda — não se sabe o quê, não se sabe quem, mas, apesar de tudo isso que se ignora, apesar de todas essas incertezas e fraudes, os senhores sentem uma dor e, quanto mais ignoram, mais forte é essa dor!

iv

— Ha-ha-ha! Ora, depois de tudo isso, o senhor é capaz de achar prazer até numa dor de dente! — vão berrar os senhores, entre risadas.

— E como não? Existe prazer numa dor de dente — vou responder. — Eu tive dor de dente um mês inteiro; eu sei como é. Claro, a gente não se aflige calado, fica gemendo; mas os gemidos não são sinceros, são gemidos misturados com sarcasmo, e é nesse sarcasmo que está o xis da questão. Nesses gemidos se exprime o prazer do sofredor; se não sentisse prazer com isso, ele nem começaria a gemer. Este é um bom exemplo, senhores, e eu vou desenvolver essa ideia. Nesses gemidos, exprime-se, em primeiro lugar, toda a inutilidade da dor dos senhores, tão humilhante para a nossa consciência; toda a legitimidade da natureza, a qual os senhores, é claro, querem desprezar, só que é por causa dela que os senhores sofrem, enquanto ela mesma não sofre nada. Exprime-se a consciência de que não é possível encontrar um inimigo para os senhores, mas, mesmo assim, a dor existe; a consciência de que os senhores, com todos os Wagenheim[4] possíveis, são totalmente escravizados por seus

dentes; a consciência de que, se alguém quiser, seus dentes vão parar de doer, e se não quiser, vão ficar doendo mais três meses; e, por fim, a consciência de que, se os senhores ainda não estão de acordo e, apesar de tudo, protestam, então restará aos senhores, para consolo próprio, apenas chicotear a si mesmos ou golpear o seu muro, de maneira um pouco mais dolorosa, com os punhos cerrados, e rigorosamente mais nada. Pois bem, senhores, é dessas afrontas sangrentas, é dessas chacotas de autor ignorado, que nasce, afinal, um prazer que alcança, por vezes, a volúpia suprema. Peço aos senhores que escutem, um dia, os gemidos de um homem culto do século xix que sofre por causa dos dentes, lá pelo segundo ou terceiro dia da doença, quando ele começa a gemer de um jeito diferente de como gemia no primeiro dia, ou seja, não só porque os dentes estão doendo; ele não geme como um mujique rude qualquer e sim como geme um homem contaminado pelo desenvolvimento e pela civilização europeia, como um homem que "renunciou ao solo e às origens populares", como se exprimem hoje em dia.[5] Seus gemidos se tornam espúrios, indecentes e raivosos, e se prolongam durante dias e noites inteiros. E, de resto, ele mesmo sabe que os gemidos não vão lhe trazer nenhum proveito; sabe, melhor do que ninguém, que é em vão que ele irrita e inferniza a si mesmo e todo mundo; sabe que até o público diante do qual se esforça para chamar a atenção e toda sua família, que já está farta e ouve seus gemidos apenas com repugnância, não acreditam nele nem um pouquinho e compreendem, no íntimo, que ele poderia gemer de outro jeito, mais simples, sem trinados e sem floreios, e que ele faz essas palhaçadas por pura maldade e sarcasmo. Pois muito bem: é em todas essas consciências e em todos esses

vexames que se encerra a volúpia. “Vão dizer que estou perturbando os senhores, que eu irrito o seu coração, que não deixo ninguém dormir sossegado em sua casa. Pois então que fiquem mesmo sem dormir, que sintam a todo instante que meus dentes estão doendo. Agora, para vocês, eu já não sou um herói, como antes queria parecer, agora eu não passo de um homem asqueroso, um *chenapan*.[6] Pois que seja! Fico muito contente de terem me desmascarado. Acham horrível ouvir meus gemidos sorrateiros? Pois que achem horrível; vejam, agora eu vou fazer uns trinados ainda mais horríveis para vocês…” E então, será que nem agora os senhores estão entendendo? Não, está bem claro, é preciso desenvolver-se e tomar consciência a fundo, até o final, para entender todos os meandros dessa volúpia! Os senhores estão rindo? Fico muito contente. Minhas gracinhas, senhores, é claro, são de mau gosto, rudes, confusas, sem nenhuma autoconfiança. Mas, afinal, isso é porque eu mesmo não me respeito. Acaso uma pessoa consciente pode respeitar a si mesma, por pouco que seja?

V

Está certo, mas será que é possível, será que é possível uma pessoa respeitar a si mesma, por pouco que seja, depois que tentou encontrar prazer até no sentimento da própria humilhação? Não estou falando isto agora movido por algum arrependimento meloso. Além do mais, eu nunca suportei dizer: “Desculpe, papai, eu não vou fazer mais isso”. Não porque eu fosse incapaz de dizer isso, mas sim, ao contrário, talvez porque justamente eu fosse capaz até demais, hein, que tal? Como se fosse de propósito, acontecia de eu me meter em situações das quais eu não tinha a mínima culpa, nem em pensamento, nem em sonho. E isso era o mais nojento de tudo. Nesses casos, mais uma vez, eu me comovia a fundo, eu me arrependia, derramava lágrimas e, é claro, ludibriava a mim mesmo, embora não estivesse fingindo, de jeito nenhum. Nesse caso, era o coração que estava fazendo suas porcarias… Nesse caso, já não dava nem para acusar as leis da natureza, se bem que foram essas leis da natureza, mais do que qualquer outra coisa, que me desacataram o tempo todo, a vida inteira. Dá nojo recordar tudo isso, é verdade, e na época também dava. Afinal, um minutinho de nada depois, cheio de raiva, eu já me dava conta de que era tudo

mentira, só mentira, e mentira forçada, detestável, ou seja, todo aquele arrependimento, todas aquelas humilhações, todas aquelas juras de regeneração. Mas não vão me perguntar por que eu mutilava e torturava tanto a mim mesmo? Resposta: porque era maçante demais ficar parado, de braços cruzados; então eu saía por aí fazendo essas extravagâncias. Sério, era exatamente isso. Observem um pouco melhor a si mesmos, senhores, e aí vão notar que é assim. Eu inventava aventuras para mim mesmo e imaginava uma vida para eu viver, pelo menos de algum jeito. E quantas vezes me aconteceu de… bem, por exemplo, de eu me sentir ofendido de propósito, sem motivo nenhum; e no fundo eu até sabia que não tinha motivo para ficar ofendido, mas bancava o ofendido, e tanto eu me esforçava que, falando sério, acabava me sentindo ofendido de verdade. De certo modo, a vida toda eu me vi impelido a desperdiçar meu tempo com essas bobagens, tanto que acabei perdendo também o domínio de mim mesmo. De outra feita, eu quis me apaixonar à força, e até por duas vezes. E eu sofria, senhores, eu juro. Bem lá no fundo, a gente não acredita que está sofrendo, fica de zombaria, no entanto eu sofria, e do modo mais verdadeiro e autêntico; eu sentia ciúmes, ficava louco… E tudo por puro tédio, senhores, por puro tédio; a inércia me esmagava. Afinal, o fruto da consciência, o fruto direto, legítimo, imediato, é a inércia, ou seja, ficar sentado-de-braços-cruzados. Já mencionei isso antes. Repito, e repito com ênfase: todas as pessoas práticas e de ação, todas elas, são tolas e limitadas porque são pessoas de ação. Como isso se explica? Da seguinte maneira: por conta de sua limitação, elas tomam as causas mais próximas e secundárias como se fossem primordiais e, dessa forma, acabam convencidas, de modo mais

fácil do que outras pessoas, de que encontraram o fundamento inabalável de sua atividade, e então, pronto, ficam tranquilas; afinal, isso é o mais importante. Como se sabe, para começar a agir, é preciso, antes de tudo, estar perfeitamente tranquilo, e que não reste absolutamente nenhuma dúvida. Muito bem, mas como é que eu, por exemplo, me acalmo? Onde estão minhas causas primordiais, aquelas nas quais eu me apoio? Onde estão os fundamentos? De onde vou tirar tudo isso? Faço uma ginástica mental e, por isso, qualquer causa primordial que eu arranjo logo arrasta atrás de si outra causa mais primordial ainda, e assim por diante, ao infinito. É exatamente essa a essência de toda consciência e de toda reflexão. Portanto, mais uma vez, já são as leis da natureza. E, no fim, qual é o resultado? Ora essa, é o mesmo. Lembrem-se: agora há pouco, eu falei de vingança. (Os senhores, com toda a razão, não pensaram a sério no assunto.) Eu disse: a pessoa se vinga, porque nisso encontra a justiça. Quer dizer que a pessoa descobriu a causa primordial, encontrou o fundamento, que é justamente este: a justiça. Portanto, de todos os lados, a pessoa está tranquila e, por conseguinte, leva a cabo a vingança com tranquilidade e sucesso, pois está convencida de que sua ação é correta e justa. Só que eu mesmo não vejo, no caso, nenhuma justiça, não identifico tampouco nenhuma boa ação e, portanto, se eu for me vingar, vai ser por mera raiva, e mais nada. A raiva, é claro, poderia sobrepujar tudo, todas as minhas dúvidas e, portanto, com pleno êxito, poderia servir de causa primordial, justamente porque ela não é uma causa. Mas o que fazer, se eu não tenho raiva (afinal, agora há pouco, eu comecei dizendo isso). No entanto, mais uma vez, em consequência dessas malditas leis da

consciência, o meu rancor está sujeito à decomposição química. Quando a gente olha, a coisa volatiza, as razões evaporam, não se acha mais o culpado, a ofensa deixa de ser ofensa e vira uma fatalidade, algo semelhante a uma dor de dente, da qual ninguém tem culpa, e por isso, mais uma vez, resta apenas a mesma saída — ou seja, esmurrar o muro de forma ainda mais dolorosa. E aí você deixa tudo para lá, porque não encontrou as causas primordiais. Mas então tente se encher de entusiasmo pelo seu próprio sentimento, às cegas, sem raciocínio, sem causa primordial, rechaçando a consciência, pelo menos nesse momento; odeie ou ame, só não pode é ficar sentado de braços cruzados. Depois de amanhã, o mais tardar, você vai começar a ter desprezo por si mesmo, porque, de caso pensado, você ludibriou a si mesmo. O resultado: bolha de sabão e inércia. Ah, senhores, afinal, talvez eu me considere uma pessoa inteligente só porque passei toda a vida sem conseguir começar nem terminar coisa alguma. Certo, certo, eu sou um tagarela, um tagarela inofensivo e irritante, como todos nós. Porém, o que fazer se o destino, único e manifesto, de qualquer pessoa inteligente é a tagarelice, ou seja, de propósito, ficar jogando conversa fora?

vi

Ah, quem dera eu não fizesse nada por pura preguiça. Meu Deus, como eu respeitaria a mim mesmo, nesse caso! E respeitaria justamente porque eu teria a capacidade de abrigar, dentro de mim, pelo menos a preguiça; pelo menos haveria em mim uma qualidade mais ou menos positiva, da qual eu mesmo estaria convencido. Pergunta: Quem é esse aí? Resposta: Um preguiçoso. Sim, afinal, seria muito agradável ouvir isso a respeito de mim mesmo. Quer dizer que eu fui definido de forma positiva, que há o que dizer a meu respeito. “Preguiçoso!” Afinal, vejam só, isso é um título, uma função, isso já é uma carreira, senhores. Não brinquem, é assim mesmo. Então, por direito, eu seria membro do clube mais seleto e minha ocupação única seria respeitar a mim mesmo, e de maneira ininterrupta. Conheci um senhor da sociedade que, durante toda a vida, se orgulhava de ser um conhecedor dos vinhos Laffite. Considerava que isso era um mérito seu, algo positivo, e nunca punha a si mesmo em dúvida. Morreu com a consciência não só tranquila, mas exultante, e tinha toda razão. Então eu poderia escolher uma carreira para mim: eu seria preguiçoso e glutão, só que não seria um preguiçoso e glutão qualquer, mas sim, por

exemplo, do tipo que tem simpatia por tudo que é belo e sublime. Gostaram disso? Faz muito tempo que isso anda na minha cabeça. Aos quarenta anos, esse “belo e sublime” fica pisando com toda a força na minha nuca, mas antes… ah, antes, seria diferente! Naquele tempo, eu encontraria para mim uma atividade adequada — por exemplo: beber à saúde de tudo o que é belo e sublime. Eu não desprezaria nenhuma chance de, antes de mais nada, derramar uma lágrima na minha taça e depois beber essa taça à saúde de tudo o que é belo e sublime. Naquele tempo, eu transformaria tudo o que há no mundo em belo e sublime; e naquilo que é mais sórdido, nas mais incontestáveis imundícies, eu encontraria o belo e o sublime. Eu me tornaria lacrimoso, como uma esponja encharcada. Um pintor, por exemplo, pintou um retrato de Guê.[7] Na mesma hora, eu bebo à saúde do pintor que fez o retrato de Guê, porque eu amo tudo que é belo e sublime. Um autor escreveu “e cada um que entenda como quiser”;[8] na mesma hora, eu bebo à saúde de “cada um que entenda como quiser”, porque eu amo tudo o que é “belo e sublime”. Por isso eu exijo respeito e vou perseguir quem não demonstrar respeito por mim. Eu vivo sossegado, eu vou morrer em triunfo — afinal, essa é a maravilha, é a maravilha das maravilhas! E então eu arranjaria para mim uma bela barriga, eu montaria um tremendo queixo triplo, deixaria crescer um nariz de beberrão tão perfeito que qualquer um que me encontrasse diria, olhando para mim: “Este sim é um vencedor! Um sujeito realmente positivo!”. Mas, afinal, digam o que quiserem, senhores, é muitíssimo agradável ouvir tais comentários em nosso século tão negativo.

vii

Mas tudo isso são sonhos dourados. Ah, digam lá, quem foi que primeiro anunciou, quem foi que primeiro proclamou que o homem só faz porcarias porque não conhece seus verdadeiros interesses e que, se o esclarecermos, se abrirmos seus olhos para seus interesses verdadeiros e normais, logo ele vai parar de fazer porcarias, logo ele vai passar a fazer coisas boas e nobres, porque, uma vez esclarecido, e compreendendo quais são seus interesses verdadeiros, ele veria no bem justamente o seu próprio lucro, e como se sabe que pessoa nenhuma pode agir de propósito contra seus próprios lucros, conclui-se que ele passaria a fazer o bem, por assim dizer, forçado pela necessidade?[9] Ai, que bebezinho! Ai, criancinha pura e inocente! Mas, em primeiro lugar, durante todos esses milênios, quando foi que o ser humano agiu só e apenas em razão de seu próprio lucro? Então, o que fazer com os milhões de fatos que atestam que as pessoas, *de caso pensado*, ou seja, com a perfeita compreensão de quais são seus lucros verdadeiros, deixaram isso em segundo plano e se lançaram em outra direção, rumo ao perigo, à incerteza, sem que nada nem ninguém as forçasse a fazer tal coisa, como se elas não quisessem justamente

tomar o caminho indicado, e mais nada, e de maneira teimosa, proposital, abriram outro caminho, árduo, absurdo, saíram à procura desse caminho no escuro, quase às cegas? Afinal, isso quer dizer que, de fato, para essas pessoas, a obstinação e a intenção consciente eram mais agradáveis do que qualquer lucro… O lucro! O que é o lucro? Será que os senhores aceitariam a tarefa de definir, com perfeita exatidão, em que consiste precisamente o lucro para um ser humano? E se acontecer que, *em certos casos*, o lucro para um ser humano não apenas pode como até deve consistir justamente, alguma vez, em desejar para si algo ruim e não algo vantajoso? E, se é assim, se um caso como esse simplesmente pode existir, toda essa regra vira pó. O que os senhores acham: um caso como esse pode existir? Os senhores estão rindo; podem rir, mas me respondam só o seguinte: será que os lucros humanos foram corretamente contabilizados? Será que não existem aqueles lucros que não apenas não se encaixam como não podem mesmo se encaixar em nenhuma classificação? Afinal, os senhores, meus caros, até onde sei, montaram sua tabela de lucros humanos por meio de uma média numérica, a partir de indicadores estatísticos e de fórmulas econômicas e científicas. Afinal, os lucros dos senhores são o bem-estar, a riqueza, a liberdade, a tranquilidade etc. etc.; portanto, o ser humano que, por exemplo, com toda a clareza e de caso pensado, agisse de modo contrário a toda essa tabela seria, para os senhores, e também, é claro, para mim, um ignorante ou um rematado louco, não é mesmo? Mas vejam só o que é surpreendente: por que todos esses estatísticos, tão doutos e que amam tanto a espécie humana, ao enumerarem os lucros humanos, sempre deixam de fora um determinado lucro? Eles nem o levam

em conta da maneira como deve ser levado, e disso depende o resultado de todo o cálculo. Não haveria nenhuma grande tragédia, se pegassem esse lucro e incluíssem na lista geral. Mas a desgraça é que esse lucro problemático não se encaixa em nenhuma classificação, não se enquadra em nenhuma lista. Eu tenho um amigo, por exemplo… Ei, senhores! Ora essa, ele também é amigo dos senhores; sim, aliás, de quem ele não é amigo? Enquanto se prepara para o trabalho, esse cavalheiro vai explicar aos senhores, de modo claro e eloquente, como ele precisa agir, com rigor, segundo as leis da razão e da verdade. E mais ainda: vai falar aos senhores, com entusiasmo e fervor, a respeito dos interesses humanos normais e verdadeiros; vai censurar com escárnio os míopes imbecis que não entendem sequer os próprios interesses, nem o sentido verdadeiro das boas ações; e então — pontualmente, quinze minutos depois, sem nenhum motivo repentino e exterior, mas devido a algo tão íntimo que é mais forte do que todos os seus interesses —, ele vai se desviar e tomar uma direção que ninguém espera, ou seja, vai agir, da maneira mais clara, contra aquilo que ele mesmo disse: contra as leis da razão, contra seu próprio lucro, em suma, contra tudo que… Eu previno que meu amigo é um personagem coletivo e, por isso, vai ser um tanto difícil condenar só a ele. E é a este ponto, senhores, que eu queria chegar: será que existe mesmo, para quase todas as pessoas, algo que valha mais do que seus melhores lucros, ou (para respeitar a lógica) será que existe um lucro tão lucrativo (exatamente aquele lucro omitido, do qual falamos há pouco) que possa ser mais importante e mais vantajoso do que todos os demais lucros, e em nome do qual o ser humano, se necessário, esteja disposto a ir contra todas as leis, ou

seja, contra a razão, a honra, a tranquilidade, o bem-estar — em suma, contra todas essas coisas belas e úteis, apenas para alcançar esse lucro original, o lucro mais lucrativo, e que, para o ser humano, é a coisa mais preciosa que existe?

— Está certo, tudo bem, mas, ainda assim, isso continua a ser um lucro — os senhores vão me interromper.

— Com licença, deixem-me explicar mais um pouco, e aqui não é uma questão de jogo de palavras, mas sim que esse tal lucro é tanto mais maravilhoso porque destrói todas as nossas classificações e despedaça continuamente todos os sistemas estabelecidos para a felicidade da espécie humana por aqueles que amam a espécie humana. Em suma, ele atrapalha tudo. Mas antes de eu dizer aos senhores qual é o nome desse lucro, quero me comprometer pessoalmente e, por isso, anuncio com audácia que todos esses belos sistemas, todas essas teorias destinadas a elucidar para a humanidade seus interesses normais e verdadeiros, para que ela, ao se empenhar necessariamente na obtenção de tais interesses, na mesma hora se torne boa e nobre — até agora, na minha opinião, não passam de uma lógica vazia! Sim, senhores, lógica vazia! Afinal, sustentar, por pouco que seja, essa teoria da renovação de toda a espécie humana com base no sistema de seus próprios lucros, isso, a meu ver, convenhamos, é quase a mesma coisa que… muito bem, é quase a mesma coisa que sustentar, por exemplo, segundo Buckle,[10] que o ser humano se torna manso graças à civilização e, por consequência, torna-se menos sanguinário e menos capaz de travar guerras. Parece que foi pela lógica que ele chegou a essa conclusão. No entanto, a pessoa é tão apaixonada pelo sistema e pela dedução abstrata que está disposta

a distorcer a verdade intencionalmente, está disposta a não enxergar o que os olhos veem e não ouvir o que os ouvidos escutam, a fim de justificar sua lógica. Por isso eu tomo este exemplo, que é um exemplo claro demais. Pois bem, olhem à sua volta; o sangue está correndo como um rio, e mais ainda, o sangue corre com alegria, como se fosse champanhe. Aí está, senhores, o que é o nosso século xix, no qual viveu Buckle. Aí está o Napoleão, o grande e o atual.[11] Aí está a América do Norte, a União perpétua.[12] Aí está, por fim, a caricatura que é Schleswig-Holstein…[13] E em que é que a civilização está nos deixando mais mansos? A civilização desenvolve, no ser humano, apenas uma variedade de sensações e… rigorosamente mais nada. Por meio do desenvolvimento dessa variedade de seres humanos, pode ser, quem sabe, que a civilização chegue até a procurar no sangue um prazer. Afinal, isso já aconteceu. Será que os senhores não perceberam que os sanguinários mais refinados foram, quase sem exceção, os cavalheiros mais civilizados, e que todos os Átilas e os Stienkas Rázin[14] deste mundo não chegaram nem aos seus pés, e que, se eles não chamam tanta atenção como Átila e Stienka Rázin, é justamente porque são encontrados com demasiada frequência, são rotineiros demais e nós já estamos habituados a eles. O mínimo que se pode dizer é que, por efeito da civilização, o ser humano se tornou, se não apenas mais sanguinário, pelo menos, com certeza, pior e mais brutalmente sanguinário do que antes. Pois antes ele via no derramamento de sangue uma questão de justiça e, com a consciência tranquila, massacrava quem julgava necessário; mas hoje em dia, apesar de considerarmos o derramamento de sangue uma coisa sórdida, mesmo assim, nos ocupamos em praticar essa

coisa sórdida, e ainda mais do que antes. O que é pior? Decidam os senhores mesmos. Dizem que Cleópatra (desculpe o exemplo colhido na história de Roma) adorava cravar alfinetes de ouro no peito de suas escravas e encontrava prazer nos gritos e espasmos daquelas mulheres. Os senhores dirão que isso se deu numa época, vamos admitir, relativamente bárbara; dirão que os tempos atuais também são bárbaros, porque (falando, também, em termos relativos) hoje em dia também cravam alfinetes; dirão que o ser humano, também hoje em dia, embora às vezes tenha aprendido a ver as coisas de maneira mais clara do que nos tempos bárbaros, ainda está longe de *ter se acostumado* a agir como a razão e a ciência indicam. Todavia, os senhores estão perfeitamente convencidos de que, por bem ou por mal, ele vai se acostumar, quando todos e quaisquer costumes antigos e nocivos tiverem ficado para trás e quando o bom senso e a ciência tiverem reeducado o ser humano por completo e tiverem encaminhado a natureza humana rumo à normalidade. Os senhores estão convencidos de que aí, então, o ser humano, por si só, *voluntariamente*, vai parar de se equivocar e, por assim dizer, a contragosto, não vai querer separar sua vontade de seus interesses normais. Além disso, nesse tempo, dizem os senhores, a própria ciência vai ensinar ao ser humano (se bem que isso já seria um luxo, a meu ver) que ele não tem vontade nem caprichos e até que, na realidade, tais coisas nunca existiram e que ele mesmo não passa de uma espécie de tecla de piano ou pedal de órgão; e que, acima de tudo, ainda existem no mundo as leis da natureza; portanto, tudo que ele fizer sempre será feito não por sua vontade, mas por si mesmo, por força das leis da natureza. Por conseguinte,

basta apenas descobrir essas leis da natureza para que o ser humano não tenha mais de responder por seus atos e, assim, para ele, viver será extremamente fácil. Todos os atos humanos, em si, serão calculados matematicamente segundo essas leis, numa espécie de tábua de logaritmos, até cento e oito mil, e inscritos numa agenda; ou, melhor ainda, vão aparecer publicações muito bem-intencionadas, do tipo dos atuais dicionários enciclopédicos, em que tudo será numerado e indicado de forma tão exata que, no mundo, já não haverá mais ações nem aventuras.

Nesse tempo — e tudo isso são os senhores que estão dizendo —, terão início novas relações econômicas, perfeitamente preparadas e calculadas com precisão matemática, de tal modo que, num piscar de olhos, desaparecerão todos os tipos de perguntas, justamente porque elas vão receber todos os tipos de respostas. Nesse tempo, vão construir um palácio de cristal.[15] Nesse tempo… Muito bem, numa palavra, nesse tempo vai baixar dos céus o pássaro Kagan.[16] Claro, é de todo impossível garantir (isso já sou eu que digo) que tudo, nesse tempo, não acabará se tornando, por exemplo, tremendamente maçante (porque, afinal, o que é que haverá para a gente fazer, quando tudo estiver numerado numa tabela?); em compensação, tudo será ponderado ao extremo. Mas, claro, com tanto tédio, o que não irão inventar! Afinal, até cravam alfinetes de ouro por causa do tédio; mas tudo isso ainda não seria nada. Horrível mesmo (mas isso, de novo, sou eu que estou dizendo) é que, nesse tempo, as pessoas espetadas com alfinetes de ouro talvez até se regozijem com isso. Afinal, o ser humano é imbecil, prodigiosamente imbecil. Ou melhor, mesmo que não seja um imbecil completo, em compensação, ele é a tal ponto

ingrato que, se a gente procurar outro igual, não vai encontrar. Sabe, eu, por exemplo, não vou me admirar nem um pouco se, de repente, sem mais nem menos, em meio ao bom senso geral do futuro, surgir um cavalheiro de fisionomia vulgar ou, melhor dizendo, retrógrada e irônica, e declarar a todos nós, com as mãos na cintura: E aí, meus senhores, que tal dar um pontapé em todo esse bom senso de uma vez por todas, para que ele vire pó, e mandar todos esses logaritmos para o diabo, para que assim, mais uma vez, nós possamos viver segundo a nossa liberdade imbecil? E isso ainda não seria nada, o vexaminoso é que, sem dúvida nenhuma, ele encontraria seguidores: assim é feito o ser humano. E tudo isso por um motivo mais do que fútil e que, pelo visto, não vale nem a pena mencionar: isso acontece justamente porque o ser humano, sempre e em toda parte, quem quer que ele seja, adora agir como bem entende e nem de longe como ordenam a razão e o lucro; e ele pode, muito bem, querer agir contra seu próprio lucro, e às vezes, inclusive, ele deve, inapelavelmente (mas isso já é ideia minha), fazer isso. Sua escolha livre, própria, sem constrangimentos, seu capricho pessoal, mesmo o mais desarvorado, sua fantasia, por vezes exasperada até as raias da loucura — é isso que importa e é esse o tal lucro omitido, o tal lucro mais lucrativo que não se encaixa em nenhuma classificação e que sempre manda para o diabo qualquer teoria e qualquer sistema. Afinal, de onde todos esses sábios tiraram a ideia de que o ser humano precisa de sei lá que vontade normal e virtuosa? De onde foi que inventaram, imperiosamente, que o ser humano precisa, imperiosamente, de uma vontade racional e lucrativa? O homem só precisa de uma vontade *independente*, custe o que custar essa independência, e

não importa para onde ela possa acabar levando. Mas, afinal, da vontade, o diabo é quem sabe…

viii

— Ha-ha-ha! Ora essa, a rigor, se quer saber, essa tal vontade nem existe! — me interrompem os senhores, às gargalhadas. — A ciência já conseguiu analisar a anatomia do ser humano com tamanho sucesso que agora já sabemos que a vontade e o chamado livre-arbítrio não passam de…

— Esperem aí, senhores, eu mesmo queria falar desse jeito. Até eu fiquei assustado, confesso. Agora mesmo eu queria berrar que só o diabo sabe do que depende a vontade e que, talvez, nós devamos dar graças a Deus por isso, mas aí me lembrei da ciência e… parei. E então os senhores começaram a falar. Afinal, na realidade, ora essa, caso descubram, não sei onde, a fórmula de todas as nossas vontades e caprichos, ou seja, do que elas dependem, por efeito de quais leis precisamente elas ocorrem, como se difundem, em que direção tendem a se mover em tal e tal caso etc. etc., ou seja, uma fórmula matemática verdadeira — aí então, afinal, o ser humano, quem sabe, na mesma hora, vai parar de querer e, mais ainda, quem sabe, é certo que ele vai, pura e simplesmente, parar. Muito bem, mas qual é a graça de querer e ter vontade de acordo com uma tabela? Mais ainda: na mesma hora, o

ser humano vai se transformar num pedal de órgão ou algo do tipo; porque, afinal, um ser humano assim, sem desejo, sem vontade, sem gana, só pode mesmo ser um pedal de órgão. Os senhores não acham? Vamos avaliar as probabilidades. Isso pode acontecer ou não?

— Hum… — os senhores vão concluir. — Nossas vontades, em sua maior parte, são equivocadas por causa de nossa visão equivocada de nossos lucros. Às vezes, o que queremos é o mais completo absurdo, porque, por tolice nossa, vemos em tal absurdo o caminho mais fácil para alcançar algum lucro já determinado de antemão. Pois bem, e quando tudo isso for explicado, quantificado num papelzinho (o que é muito possível, pois é medonho e sem sentido acreditar, de antemão, que existam certas leis da natureza que o ser humano não vai descobrir), aí então, está claro, não existirão mais os chamados desejos. Afinal, se algum dia a vontade coincidir de maneira exata com a razão, aí então, nesse dia, nós vamos raciocinar e não mais querer, propriamente falando, porque, enfim, é impossível, por exemplo, conservando a razão, *querer* algo sem sentido e, portanto, de caso pensado, ir contra a razão e desejar para si mesmo algo prejudicial… E assim, como todas as vontades e os raciocínios poderão ser, de fato, calculados, pois um dia serão reveladas as chamadas leis do nosso assim chamado livre-arbítrio, então, portanto, e sem brincadeira, vai ser possível montar uma espécie de tabela para que nós, realmente, só venhamos a querer em conformidade com essa tabela. Afinal, se eu, por exemplo, for submetido a um cálculo e ficar provado que, se fiz um gesto obsceno com o dedo para alguém, foi justamente porque eu não podia deixar de fazer o gesto e tinha de mostrar exatamente

aquele dedo e daquele jeito, o que vai restar em mim de *livre*, ainda mais se sou uma pessoa culta e concluí, sei lá onde, um curso de ciências? Pois bem, aí eu vou poder calcular, de antemão, minha vida inteira por trinta anos; em suma, se isso for montado, nós já não vamos ter de fazer mais nada; de um jeito ou de outro, vamos ter de aceitar. Sim, e no geral nós devemos, de forma incansável, repetir para nós mesmos que, precisamente em tal momento e em tais circunstâncias, a natureza não vai perguntar o que nós achamos; é preciso aceitá-la como ela é e não como a fantasiamos, e se nós, de fato, almejamos uma tabela, uma agenda e também um… muito bem, vá lá que seja, um tubo de ensaio, o que se vai fazer? É preciso aceitar também o tubo de ensaio! Senão o próprio tubo de ensaio vai aceitar a si mesmo, à revelia do senhor…

— Pois é, senhores, mas é justamente isso que eu não engulo! Senhores, me desculpem se desandei a filosofar; afinal, são quarenta anos no subsolo! Deixem-me fantasiar um pouquinho. Vejam bem: a razão, no fim das contas, é uma coisa boa, isso nem se discute, mas a razão é só a razão e satisfaz apenas a capacidade humana de raciocinar, ao passo que a vontade é a manifestação de toda a vida, ou seja, a vida humana em seu todo, com a razão e também com todas as comichões que existem. E mesmo que nossa vida, nessa sua manifestação, acabe sendo, não raro, uma bela porcaria, ainda assim é a vida, e não a mera extração da raiz quadrada. Afinal, eu, por exemplo, quero viver de forma perfeitamente natural para satisfazer todas as minhas capacidades de viver, e não para satisfazer apenas a minha capacidade de raciocínio, ou seja, uma vigésima parte, se tanto, de toda minha capacidade de viver. O que é que a razão sabe? A razão

só sabe o que conseguiu descobrir (fora isso, convenhamos, não vai saber mais nada; pode não ser um consolo, mas por que não declarar isso abertamente?), ao passo que a natureza humana age como um todo, com tudo que há nela, consciente ou inconsciente e, embora minta, ela está viva. Desconfio, meus caros, que os senhores estejam olhando para mim com pena; os senhores repetem para mim que um ser humano esclarecido e culto, em suma, tal como será o homem do futuro, não pode, de caso pensado, querer algo desvantajoso para si mesmo, que isso é uma questão matemática. Eu concordo inteiramente, é de fato matemático. Mas repito para os senhores, pela centésima vez: existe um só caso, apenas um, em que um ser humano pode, de propósito, de forma consciente, desejar para si algo até prejudicial, tolo, tolo demais, até, ou mais exatamente: pode *ter o direito* de desejar para si algo tolo demais, sem ser tolhido pela obrigação de desejar para si só o que for inteligente? Pois essa coisa tola demais, pois esse seu capricho, no fundo, senhores, pode acabar sendo mais vantajoso do que tudo que existe no mundo, para os nossos semelhantes, especialmente em certos casos. Mas, em particular, isso pode ser mais vantajoso do que todos os lucros até mesmo num caso em que nos traga um prejuízo óbvio e contradiga as conclusões mais saudáveis da nossa razão acerca dos lucros — porque, de um jeito ou de outro, conserva para nós o principal, o que há de mais precioso, ou seja, nossa personalidade e nossa individualidade. Vejam, há quem afirme que isso, para o ser humano, de fato, é mais valioso do que todo o resto; a vontade, é claro, também pode, se quiser, coincidir com a razão, sobretudo se não abusar da razão, mas usá-la de maneira moderada; isso é útil e,

às vezes, louvável. Mas a vontade, muitas vezes, e até na maioria das vezes, diverge obstinadamente da razão e… e… e os senhores não sabiam que isso também é útil e às vezes até muito louvável? Senhores, vamos admitir que o ser humano não é imbecil. (Na verdade, afinal, não se pode, de maneira nenhuma, afirmar isso a respeito dele, no mínimo pelo simples fato de que, se fosse imbecil, então quem é que seria inteligente?) No entanto, se não é imbecil, pelo menos há de ser monstruosamente ingrato! Prodigiosamente ingrato. Eu acho que a melhor definição do ser humano é esta: criatura bípede e ingrata. Mas isso ainda não é tudo; não é esse seu principal defeito; seu defeito supremo é o constante mau comportamento, constante desde os tempos do Dilúvio até o período schleswig-holsteiniano dos destinos humanos. O mau comportamento e, por conseguinte, a insensatez; porque há muito se sabe que a insensatez não provém de outra coisa que não do mau comportamento. Experimentem só dar uma olhada na história da humanidade; pois bem, o que estão vendo? É grandiosa? Pode ser até que haja algo grandioso; um Colosso de Rodes, por exemplo, quanto é que não deve valer? Não é à toa que o sr. Anaiévski[17] atesta que, na opinião de alguns, parece tratar-se de uma obra feita por mãos humanas; já outros garantem que foi criado pela própria natureza. A história da humanidade é colorida? Vá lá, pode até ser colorida. Apenas analisar, em todos os séculos e em todos os povos, só os uniformes de gala militares e civis, só isso, quanto não deve valer? E se acrescentarmos, ainda por cima, os uniformes comuns de serviço, aí então ninguém aguenta; nenhum historiador do mundo vai resistir. Ela é monótona? Bem, talvez seja monótona: brigam o tempo todo, brigam hoje, brigaram antes,

brigaram depois — os senhores hão de convir que isso chega a ser monótono até demais. Em suma, pode-se dizer tudo a respeito da história universal, tudo que puder ocorrer à imaginação mais conturbada. Só não se pode dizer uma coisa: que ela é sensata. Logo nas primeiras palavras, os senhores vão engasgar. E vejam só que tipo de coisa ocorre, nesse caso, a todo momento: afinal, surgem constantemente, na vida, pessoas tão bem-comportadas e sensatas, tão sábias e amantes da espécie humana, que tomam para si como objetivo de toda a vida comportar-se da melhor maneira possível e mais sensata possível e, por assim dizer, fazerem de si mesmas uma luz que ilumine os seus semelhantes, exatamente para mostrar a eles que, de fato, é possível viver neste mundo de forma sensata e bem-comportada. E então? É sabido que muitos desses amantes da espécie humana, cedo ou tarde, nem que seja no fim da vida, traíram a si mesmos, transformaram-se numa espécie de anedota, às vezes até do tipo mais indecente. E agora farei uma pergunta aos senhores: o que se pode esperar de um ser humano, se ele é uma criatura dotada de qualidades tão estranhas? Pois bem, despejem sobre ele todas as venturas que há no mundo, afoguem o ser humano de cabeça na felicidade, de modo que só as borbulhas apareçam na superfície da felicidade, como acontece na água; forneçam a ele tamanha satisfação econômica que já não lhe reste mais nada a fazer senão dormir, comer pão de mel e cuidar da continuidade da história universal — e então, mesmo nesse caso, os senhores vão ver como o tal do ser humano, por pura ingratidão, de pura chacota, vai fazer suas porcarias. Vai pôr em risco até os pães de mel e vai desejar, de propósito, o absurdo mais pernicioso, a besteira mais antieconômica, só para

misturar, em toda essa sensatez positiva, o seu elemento fantástico e pernicioso. Ele vai querer conservar consigo justamente seus sonhos fantásticos, sua tolice mais vulgar, só para afirmar a si mesmo (como se isso fosse muito necessário) que as pessoas ainda são gente, e não teclas de piano, mesmo que sejam as leis da natureza, com as próprias mãos, que toquem nessas teclas, com a ameaça de que podem continuar tocando e tocando a tal ponto que, para as pessoas, já não vai ser possível querer mais nada além de ter uma agenda. Só que isso ainda não é tudo: mesmo no caso de o ser humano se descobrir convertido numa tecla de piano, mesmo que as ciências naturais e a matemática provem para ele que tudo é assim mesmo, nem nesse caso ele vai criar juízo e, ao contrário, fará, de propósito, algo no sentido oposto, por pura ingratidão; justamente para fincar pé e agir do seu jeito. E, no caso de não ter meios para isso, ele vai inventar a destruição e o caos, vai imaginar vários sofrimentos e, a despeito de tudo, vai fincar pé e agir do seu jeito! Vai espalhar sua maldição mundo afora e, exatamente como só o ser humano é capaz de amaldiçoar (e esse é o seu privilégio, aquilo que o distingue, de forma primordial, dos outros animais), ele, quem sabe, só com a maldição vai alcançar o que pretende, ou seja, convencer-se, de fato, de que é um ser humano, e não uma tecla de piano! Se os senhores disserem que tudo isso, o caos, as trevas, a maldição, também pode ser calculado numa tabela e que, portanto, a mera possibilidade de um cálculo prévio já basta para barrar tudo isso e que a razão vai triunfar — aí então, nesse caso, o ser humano vai se tornar louco de propósito, a fim de livrar-se da razão, fincar pé e agir do seu jeito! Acredito nisso, respondo por isso, porque, afinal, toda a questão humana, ao que parece, se resume,

na verdade, apenas em que o ser humano precisa provar para si mesmo, a todo instante, que ele é um ser humano, e não o pedal de um órgão! Nem que seja ao preço de levar pancadas nas costas, ele tem de provar; nem que seja virando um troglodita, ele tem de provar. E depois disso, como não pecar, como não ser grato por não existirem ainda tais coisas e pelo fato de que, por enquanto, só o diabo sabe do que depende a vontade…

Os senhores gritam para mim (se é que ainda me honram com seus gritos) que, afinal, nesse caso, ninguém está tirando a minha vontade; que apenas estão cuidando de organizar tudo de um jeito que a minha vontade, minha vontade própria, coincida com os meus interesses normais, com as leis da natureza e com a aritmética.

Ora essa, senhores, mas que vontade própria ainda vai restar quando chegarmos à tabela e à aritmética, quando tudo que existir for apenas “dois e dois são quatro”? Mesmo sem a minha vontade, dois e dois serão quatro. E quem disse que existe esse tipo de vontade própria?

ix

Senhores, é claro que estou brincando, e eu mesmo sei que minhas brincadeiras não têm graça, mas afinal não se pode mesmo levar tudo na brincadeira. Mas quem sabe eu faça minhas brincadeiras rangendo os dentes? Senhores, há questões que me atormentam; solucionem tais questões para mim. Olhem só, por exemplo, os senhores querem emancipar o ser humano de seus hábitos antigos e aprimorar sua vontade, de acordo com as normas da ciência e do bom senso. Mas por que os senhores sabem que o ser humano não só pode como *precisa* reformular isso? De onde os senhores tiraram a conclusão de que a vontade humana *necessita* se aprimorar de maneira tão premente? Em suma, por que os senhores sabem que tal aprimoramento trará, de fato, algum lucro para o ser humano? E, para dizer tudo logo de uma vez, por que os senhores estão convencidos com tanta *certeza* de que não ir contra os lucros verdadeiros e normais, assegurados pelos argumentos da razão e da aritmética, será sempre realmente vantajoso para o ser humano e constitui uma lei para toda a humanidade? Afinal, por enquanto, isso é só uma suposição dos senhores. Vamos admitir que seja uma lei da lógica, porém talvez não seja, nem de longe, uma lei da

humanidade. Os senhores talvez achem que sou louco, não é? Permitam que eu faça uma ressalva. Admito: o ser humano é, por excelência, um animal criativo, condenado a almejar objetivos de forma consciente e ocupar-se com a arte da engenharia, ou seja, sem cessar e eternamente, abrir caminhos para si mesmo, ainda que *não importe onde eles vão dar*. Mas é exatamente por isso, quem sabe, que às vezes ele tem vontade de enveredar por um desvio, que ele está condenado a desbravar um caminho, e também é por isso que, talvez, por mais imbecil que seja o homem prático em geral, às vezes, mesmo assim, lhe vem à cabeça a ideia de que o tal caminho, no final das contas, quase sempre vai dar *não importa onde* e que o xis da questão não é onde ele vai dar, mas sim que a estrada esteja aberta e funcionando e que essa criança bem-comportada, ao deixar de lado a arte da engenharia, não se entregue ao ócio nocivo, que, como se sabe, é a mãe de todos os vícios. O ser humano adora criar e abrir caminhos, isso nem se discute. Mas por que ele também adora, até as raias da paixão, a destruição e o caos? Aí está, digam lá os senhores! Todavia, sobre isso, eu mesmo gostaria de acrescentar duas palavrinhas à parte. Será que ele, talvez, adora tanto a destruição e o caos (afinal, isso nem se discute, às vezes ele gosta demais disso, não há dúvida), porque ele mesmo, de forma instintiva, teme alcançar o objetivo e terminar o edifício que está em construção? Como os senhores vão saber? Talvez ele ame o edifício só à distância, mas, de perto, não goste nem um pouco; talvez ele ame apenas construir o edifício, mas não morar nele e, por isso, depois o entrega *aux animaux domestiques*,[18] como as formigas, os carneiros etc. etc. E vejam só como as formigas têm um gosto completamente diverso. O edifício

que elas constroem é de um tipo prodigioso, para sempre indestrutível: o formigueiro.

As veneráveis formigas começaram com o formigueiro e, sem dúvida, terminarão também com o formigueiro, o que muito honra sua constância e determinação. Mas o ser humano é uma criatura leviana e inconveniente e, talvez, a exemplo de um jogador de xadrez, goste apenas do processo da conquista do objetivo e não do objetivo propriamente dito. E, quem sabe (é impossível garantir), talvez todo objetivo que o ser humano almeje na Terra se resuma apenas a essa continuidade ininterrupta do processo de conquista, ou, em outras palavras, à própria vida em si, e não especificamente ao objetivo, o qual, é claro, não deve ser outro que não “dois e dois são quatro”, ou seja, uma fórmula, pois, afinal, “dois e dois são quatro” já não é a vida, senhores, mas sim o começo da morte. Pelo menos, o ser humano sempre teve certo medo desse “dois e dois são quatro”, e agora até eu tenho medo. Vamos admitir que o ser humano não faça outra coisa senão procurar esse “dois e dois são quatro”, ele cruza os oceanos, sacrifica a vida nessa busca, mas descobrir, encontrar de fato, ah, santo Deus, disso ele tem certo medo. Pois pressente que, quando encontrar, já não haverá mais nada a procurar. Encerrado o trabalho, os operários pelo menos recebem um dinheiro, se metem numa taberna e, depois, vão parar na delegacia — muito bem, isto já dá para encher uma semana. Mas e o ser humano, para onde vai? Pelo menos, dá para notar que, toda vez que conquista objetivos desse tipo, o ser humano fica meio embaraçado. Ele gosta da ação de conquistar, mas da conquista de fato, disso ele não gosta nem um pouco e, é claro, isso é tremendamente ridículo. Numa palavra, o ser humano é feito de

maneira cômica; em tudo isso, é óbvio, se encerra um jogo de palavras. Mas “dois e dois são quatro”, apesar de tudo, é uma coisa completamente insuportável. “Dois e dois são quatro”, afinal, na minha opinião, não passa de um desaforo, meus senhores. “Dois e dois são quatro” fica lá olhando para nós com ar esnobe, plantado no meio do nosso caminho, com as mãos na cintura, e cospe para o lado. Admito que “dois e dois são quatro” é uma coisa excelente; porém, se for mesmo para sair por aí elogiando tudo, então, às vezes, “dois e dois são cinco” é uma coisinha meiga demais.

E por que os senhores se mostram convencidos de maneira tão firme, tão solene, de que só o normal e o positivo — em suma, de que só o bem-estar é vantajoso para o ser humano? Será que essa tal de razão não está enganada a respeito dos lucros? Afinal, quem sabe o ser humano não goste só do bem-estar? Quem sabe ele goste do sofrimento, e na mesma proporção? Quem sabe o sofrimento é tão vantajoso para ele quanto o bem-estar? Só que o ser humano, às vezes, ama demais o sofrimento, ama até as raias da paixão, e isso é um fato. E, nesse aspecto, de nada adianta consultar a história universal; perguntem a si mesmos se os senhores são seres humanos e se viveram, por pouco que seja. No que diz respeito à minha opinião pessoal, amar apenas o bem-estar chega a ser indecente. Bom ou ruim, o fato é que, de vez em quando, quebrar alguma coisa também é muito agradável. Afinal, aqui, eu não estou, propriamente, defendendo o sofrimento e tampouco o bem-estar. Eu defendo… eu estou defendendo minha extravagância e que ela seja garantida para mim, quando necessário. Por exemplo, o sofrimento não é admitido nos *vaudevilles*, eu sei disso. No palácio de cristal, o sofrimento também

é inconcebível: sofrimento é dúvida, é negação, e o que seria de um palácio de cristal em que fosse possível ter dúvidas? Entretanto, estou convencido de que o ser humano jamais abrirá mão do sofrimento verdadeiro, ou seja, da destruição e do caos. O sofrimento, afinal de contas, é a causa única da consciência. Apesar de eu ter afirmado, no início, que a consciência, para mim, é o supremo infortúnio do ser humano, eu sei que o ser humano ama o sofrimento e não vai trocá-lo por prazer nenhum. A consciência, por exemplo, é infinitamente mais elevada do que “dois e dois são quatro”. Depois de “dois e dois são quatro”, está claro, já não resta nada, não só para fazer, como nem mesmo para saber. Tudo o que poderemos fazer, então, é calar os cinco sentidos e mergulhar na contemplação. Pois bem, mas com a consciência, na verdade, chega-se também ao mesmo resultado, ou seja, também não haverá nada a fazer, só que pelo menos dá para chicotear a si mesmo, de vez em quando, e isso, apesar dos pesares, dá um pouco de ânimo. Pode ser um tanto retrógrado, mas, mesmo assim, é melhor do que nada.

X

Os senhores acreditam num edifício de cristal para sempre indestrutível, ou seja, algo para o qual será impossível mostrar a língua, mesmo às escondidas, ou fazer um gesto obsceno com o dedo, ainda que com a mão enfiada no bolso. Muito bem, mas eu, talvez por isso mesmo, tenho medo desse edifício, por ser de cristal, por ser para sempre indestrutível, por ser impossível mostrar a língua para ele, nem que seja às escondidas.

Por favor, vejam só o seguinte: se, em vez de um palácio, houver um galinheiro e cair uma chuva, eu, quem sabe, vou me agachar e entrar no galinheiro para não ficar encharcado, mas, mesmo assim, não vou tomar o galinheiro por um palácio só porque estou grato por ele ter me protegido da chuva. Os senhores estão rindo, e até dizem que, nesse caso, galinheiro ou palácio, tanto faz, dá na mesma. Sim, respondo eu, de fato, se a questão for viver só para não ficar encharcado.

Mas o que se vai fazer se eu meti na cabeça que não vivo só para isso e que, se é para viver, então que eu viva logo em um palácio? É a minha vontade, é o meu desejo. Os senhores só vão extirpar isso de mim quando mudarem meus desejos. Muito bem, podem mudar,

seduzam-me com outros desejos, me deem outro ideal. Mas, por enquanto, não vou tomar um galinheiro por um palácio. Pois bem, que seja assim, vamos admitir que o edifício de cristal é conversa fiada, que pelas leis da natureza ele não é viável e que eu inventei tudo isso só por causa da minha estupidez pessoal, devido a certos costumes estranhos e irracionais da nossa geração. Mas o que me importa se ele não é viável? Não dá na mesma se ele existe nos meus desejos ou, melhor dizendo, se existe enquanto existirem os meus desejos? Quem sabe os senhores estão rindo de mim outra vez? Podem rir à vontade; vou aceitar todas as zombarias, mas, mesmo assim, não vou dizer que estou saciado quando eu quiser comer; ainda assim, eu sei que eu não vou sossegar com alguma concessão, com um zero periódico e constante, só porque ele existe pelas leis da natureza e existe *na realidade*. Não vou aceitar, como coroação dos meus desejos, um prédio majestoso, com apartamentos para inquilinos pobres, que assinam contratos de mil anos e, por via das dúvidas, com uma tabuleta do dentista Wagenheim na entrada. Aniquilem meus desejos, extirpem meus ideais, mostrem-me algo melhor e, então, eu seguirei os passos dos senhores. Na certa, dirão que não vale a pena se envolver comigo; mas nesse caso, afinal, eu também posso responder aos senhores a mesma coisa. Estamos raciocinando a sério; no entanto, se não quiserem me honrar com sua atenção, então também não vou me fazer de humilde. Eu tenho o subsolo.

Mas por enquanto eu ainda vivo e desejo — e que minha mão murche se eu levar um tijolinho que seja para um edifício majestoso como esse![19] Não reparem no fato de que eu mesmo, agora há pouco, repudiei o edifício de cristal só porque não vai ser possível

mostrar a língua para ele. Mas, absolutamente, não foi porque eu goste tanto assim de mostrar a língua para os outros que eu falei tudo isso. Talvez eu tenha apenas me irritado porque, entre todos os edifícios dos senhores, até agora, não se encontra nem um para o qual seja possível não mostrar a língua. Ao contrário, eu deixaria, perfeitamente, que cortassem minha língua, só de gratidão, se as coisas fossem organizadas de tal forma que eu mesmo nunca mais tivesse vontade de pôr a língua para fora. Para mim, tanto faz se é impossível conseguir isso e se é necessário contentar-se com os apartamentos. Por que eu sou feito de tais desejos? Será possível que eu seja feito só para isso, só para chegar à conclusão de que toda minha formação não passa de conversa fiada? Será possível que todo meu objetivo se resuma a isso? Não acredito.

E, aliás, fiquem sabendo de uma coisa: estou convencido de que é preciso manter nosso irmão do subterrâneo seguro com rédea curta. Embora seja capaz de ficar quarenta anos calado no subsolo, se ele sai para a luz do dia e irrompe na superfície, desanda a falar, falar e falar…

xi

Final da história, senhores: é melhor não fazer nada! É melhor a inércia consciente! Portanto, viva o subsolo! Apesar de eu ter dito que invejo o homem normal até minha última gota de fel, ainda assim, nas condições em que eu o vejo, eu não quero ser ele. (Se bem que nem por isso eu deixe de ter inveja dele; não, não, em todo caso, o subsolo é mais vantajoso!) Lá, pelo menos, é possível… Ah! Ora essa, agora eu também estou mentindo! Estou mentindo porque eu mesmo sei que dois e dois são quatro, que o subsolo não é melhor de maneira nenhuma, e que aquilo que eu almejo é algo muito diferente, só que não vou encontrá-lo em parte alguma! Para o diabo, o subsolo!

Seria melhor até isto: se eu mesmo acreditasse, por pouco que fosse, em tudo o que acabei de escrever. Juro aos senhores, meus caros, que não acredito em nenhuma palavrinha, nem umazinha sequer, de tudo que rabisquei aqui! Ou melhor, acredito, talvez, mas ao mesmo tempo, sei lá por quê, sinto e desconfio que estou mentindo como um sapateiro.

— Então, para que o senhor escreveu tudo isso? — me perguntam os senhores.

— Vejam bem, e que tal se eu deixasse os senhores presos por quarenta anos e sem nenhuma ocupação e, depois de quarenta anos, fosse lhes fazer uma visita lá no subsolo, para ver a que ponto os senhores chegaram? Por acaso, dá para deixar uma pessoa sozinha, e sem nada para fazer, por quarenta anos?

— Mas isso não é uma vergonha, e também não é uma humilhação! — talvez me retruquem os senhores, balançando a cabeça com desdém. — O senhor está ávido para viver, mas o senhor mesmo quer resolver os problemas da vida por meio de uma confusão lógica. E como são impertinentes, como são desaforados os seus disparates e, ao mesmo tempo, como o senhor tem medo! O senhor diz coisas absurdas e fica satisfeito com esses absurdos; o senhor fala desaforos, mas o senhor mesmo, o tempo todo, fica assustado com seus desaforos, e pede desculpas. O senhor garante que não tem medo de nada e, ao mesmo tempo, em nossa opinião, tenta, a todo custo, ganhar nossa simpatia. O senhor garante que range os dentes, mas, ao mesmo tempo, fala gracinhas para nos divertir. O senhor sabe que seus gracejos não são espirituosos, mas, é óbvio, está muito satisfeito com seus méritos literários. O senhor, quem sabe, realmente sofreu, algum dia, porém não tem nenhum respeito pelo próprio sofrimento. No senhor, existe verdade, mas não existe pureza; movido pela vaidade mais rasteira, o senhor põe a nu a sua verdade e a expõe à desonra geral na feira… De fato, o senhor quer dizer algo, mas, por temor, esconde sua última palavra, porque o senhor não tem determinação para pronunciá-la, tem apenas uma petulância covarde. O senhor se gaba da consciência, mas apenas hesita e mais nada, porque, embora sua mente funcione, o coração está escurecido pela depravação e, sem

um coração puro, não haverá consciência plena e correta. E quanta impertinência da sua parte, como o senhor é insistente, como é cheio de trejeitos e caretas! Mentira, mentira e mentira!

Claro, todas essas palavras que os senhores estão dizendo, fui eu mesmo que acabei de inventar. Também vieram do subsolo. Durante quarenta anos seguidos, fiquei escutando essas suas palavras através do buraquinho. Eu mesmo inventei essas palavras, pois era só isso que dava para inventar. Não admira que tenham ficado na minha memória e ganhado forma literária…

Mas será possível, será mesmo que os senhores, de fato, são tão crédulos que imaginam que eu, por acaso, vou imprimir tudo isso e ainda por cima darei para os senhores lerem, depois? E aqui está mais um problema para mim: para que, na realidade, eu chamo os senhores de “caros senhores”, para que eu me dirijo aos senhores como se estivesse falando, de fato, com leitores? Confissões como as que pretendo começar a expor não são publicadas nem oferecidas para que os outros leiam. Pelo menos, eu não tenho tanta força assim nem considero necessário ter essa força. Vejam bem: eu meti na cabeça uma fantasia e quero realizar essa fantasia a qualquer preço. A questão é a seguinte.

Nas memórias de qualquer pessoa, existem coisas que ela não revela para todo mundo, só para os amigos. Existem memórias que ela não revela nem para os amigos, mas só para si, e mesmo assim em segredo. No entanto, existem também, afinal, memórias que a pessoa teme revelar até para si, e qualquer pessoa respeitável acumula um bocado de coisas do tipo. E existe até o seguinte: quanto mais a pessoa é respeitável, mais tem coisas dessa espécie. Pelo menos, só há pouco tempo eu mesmo decidi trazer à memória

algumas das minhas aventuras passadas, e até então eu sempre as evitava, até com certa inquietação. Mas agora, que eu não só recordo como até decidi escrever, agora eu quero exatamente pôr isto à prova: será que é possível ser inteiramente sincero, pelo menos consigo mesmo, e não ter receio de toda a verdade? A propósito, eu observo: Heine[20] afirma que as autobiografias fiéis são quase impossíveis e que, ao falar de si mesmo, o ser humano, com certeza, vai mentir. Em sua opinião, Rousseau, por exemplo, mentiu sobre si mesmo em suas confissões,[21] e mentiu até intencionalmente, por vaidade. Estou convencido de que Heine tem razão: compreendo muito bem que, às vezes, é possível, apenas por mera vaidade, lançar calúnias contra si mesmo, atribuir-se crimes tremendos, e eu consigo conceber perfeitamente de que tipo pode ser essa vaidade. Mas Heine se referia a uma pessoa que se confessava diante de uma plateia. Já eu estou escrevendo só para mim e aviso logo, de uma vez por todas, que, se escrevo como se estivesse me dirigindo aos leitores, é só uma encenação, porque, para mim, desse modo é mais fácil escrever. A forma, aqui, é uma forma vazia; leitores mesmo, eu nunca vou ter. Já avisei isso…

Na redação de minhas memórias, não quero me deixar tolher por nada. Não vou estabelecer nem ordem nem sistema. O que vier à cabeça, vou escrever.

Vejam aqui, por exemplo: os senhores poderiam criar caso com algumas palavras e me indagar: se o senhor, de fato, não está levando em conta os leitores, então por que faz todas essas exortações para si mesmo, e até por escrito, como quando disse que não vai estabelecer nem ordem nem sistema, que vai escrever

o que vier à cabeça etc. etc.? Para quem o senhor está fazendo todo esse alarde? De que está se desculpando?

Certo, esperem um pouco… já vou responder.

Neste ponto, aliás, há toda uma psicologia. Pode ser, também, que eu seja só um covarde. E pode ser, também, que eu, de propósito, imagine uma plateia diante de mim para me comportar de modo mais decente na hora de escrever. Podem ser mil causas diferentes.

Mas vejam ainda o seguinte: para que, por que, a rigor, eu quero escrever? Afinal, se não é para o público, então, eu não poderia apenas recordar tudo em pensamento, sem transpor para o papel?

De fato, senhores; mas no papel, não sei por quê, acaba soando mais solene. Dessa forma, há algo de mais convincente, e assim também terei de adotar um critério mais rigoroso comigo mesmo, o estilo sairá ganhando. Além disso, na realidade, talvez eu extraia algum alívio destas anotações. Vejam, por exemplo, agora mesmo, uma recordação muito antiga está me pressionando. Ela me veio à memória com nitidez, há poucos dias, e desde então ficou na minha cabeça, como um motivo musical irritante que não quer nos largar. Entretanto, é preciso livrar-se dela. Recordações desse tipo, eu tenho às centenas; mas, de tempos em tempos, alguma delas se destaca das centenas e me oprime. Por alguma razão, eu acredito que, se eu escrever essa recordação, ela vai acabar se desprendendo de mim. Então, por que não experimentar?

Por fim, estou entediado, fico o tempo todo sem fazer nada. E, na verdade, escrever essas memórias parece um trabalho. Dizem que, com o trabalho, o ser humano se torna bom e honesto. Pois bem, pelo menos aqui está uma chance.

Hoje a neve está caindo, amarela, turva, quase molhada. Ontem também nevou, e também há alguns dias. Acho que foi por causa da neve molhada que me lembrei de uma anedota que, agora, não quer me sair da cabeça. Pois bem, que isto vire uma novela sobre a neve molhada.

ii. A propósito da neve molhada[1]

Quando tirei tua alma caída
Das sombras da perdição
Com o ardor da palavra amiga,
Rogaste pragas, torcendo as mãos,
Profundamente aflita,
Contra o vício, tua prisão.

Para punir com a memória
A consciência esquecida,
Tu me contaste a história
Do que fora tua vida.

Com as mãos, cobriste o rosto,
De vergonha e desgosto.
Em pranto, abriste o coração,
Transtornada de indignação.
Etc. etc. etc.

De um poema de N. A. Nekrássov[2]

i

Naquele tempo, eu tinha só vinte e quatro anos. Minha vida, na ocasião, já era triste, desordenada e solitária, à beira da selvageria. Não me dava com ninguém, até evitava falar e, cada vez mais, vivia metido no meu canto. No trabalho, na repartição, eu fazia força até para não olhar para ninguém e percebia perfeitamente que os colegas de trabalho não só me consideravam um excêntrico — eu também achava isso, o tempo todo — como pareciam olhar para mim com uma espécie de nojo. E então me vinha à cabeça: por que será que nenhum outro funcionário além de mim acha que os outros olham para ele com nojo? Um de nossos colegas tinha o rosto repugnante, cheio de marcas de varíola, parecia até um bandido. Se meu rosto fosse tão indecente, acho que nem teria coragem de olhar para ninguém. Outro funcionário tinha o uniforme tão surrado que, perto dele, eu sentia até um cheiro ruim. Entretanto, nenhum desses senhores se mostrava embaraçado — nem por causa da roupa nem por causa do rosto nem por qualquer questão moral. Nem este nem aquele imaginava que os outros olhavam para ele com nojo; e, mesmo se imaginasse, para ele não faria nenhuma diferença, contanto que o chefe não se dignasse a olhar para ele

daquele jeito. Agora, para mim, está perfeitamente claro que, em razão da minha vaidade sem limites e, portanto, da exigência exacerbada comigo mesmo, eu me olhava o tempo todo com uma insatisfação furiosa, que beirava o nojo e, por isso, em pensamento, atribuía a todo mundo minha forma de ver. Por exemplo, eu odiava meu próprio rosto, achava-o abominável, chegava a desconfiar que havia nele uma expressão canalha e, por isso, toda vez que chegava ao trabalho, esforçava-me de modo agoniante para me manter o mais isolado possível, para que ninguém pudesse farejar, em mim, alguma canalhice, e tentava dar ao rosto uma expressão de suprema nobreza. “Azar, não importa que seja um rosto feio”, eu pensava, “em compensação, tem de ser nobre, expressivo e, acima de tudo, inteligente *ao extremo*.” No entanto, com uma certeza angustiada, eu sabia que meu rosto jamais conseguiria expressar todos aqueles primores. E o mais horrível de tudo era que eu achava meu rosto positivamente idiota. E eu me contentaria muito bem só com a inteligência. Aceitaria até uma expressão canalha, contanto que, ao mesmo tempo, os outros achassem meu rosto muito inteligente.

É claro, eu invejava todos os funcionários da nossa repartição, do primeiro ao último, e também desprezava todos, porém, ao mesmo tempo, eu parecia ter medo deles. De uma hora para outra, acontecia de eu colocar todos eles acima de mim. Não sei como, de repente se passava comigo o seguinte: ora eu desprezava, ora eu me rebaixava. Uma pessoa culta e respeitável não pode ser vaidosa sem impor a si mesma um rigor ilimitado e, em certos momentos, desprezar a si mesma até as raias do ódio. No entanto, desprezando os demais ou me julgando inferior, eu baixava os olhos

diante de quase todo mundo que encontrava. Fazia até uma experiência: verificava se eu suportava o olhar deste ou daquele, e era sempre eu o primeiro a baixar os olhos. Isso me atormentava até me deixar furioso. Meu medo de ser ridículo também beirava a doença e por isso, como um escravo, eu adorava a rotina em tudo que parecia exterior; enveredava com amor pela trilha geral, seguida por todo mundo, e me assustava, até o fundo da alma, com a menor excentricidade. Mas, afinal, como eu poderia resistir? Eu era doentiamente evoluído, como deve ser uma pessoa evoluída do nosso tempo. Já eles eram todos obtusos e parecidos uns com os outros, como carneiros num rebanho. Em toda a nossa repartição, talvez só eu tivesse a impressão constante de que era covarde e escravo; justamente porque eu tinha também a impressão de ser evoluído. Mas não era só impressão, de fato acontecia isso, na realidade: eu era covarde e escravo. Digo isso sem o menor constrangimento. Qualquer homem respeitável de nosso tempo é e deve ser covarde e escravo. Essa é sua condição normal. Disso, estou profundamente convencido. Ele é feito assim e é projetado para isso. E não só no presente, por força de circunstâncias acidentais, mas sim em geral, em todos os tempos, o homem respeitável tem de ser covarde e escravo. É uma lei da natureza de todas as pessoas respeitáveis do mundo. E se acontecer de algum deles bancar o valente com alguma coisa, nem isso vai servir de consolo ou fonte de entusiasmo: de um jeito ou de outro, ele vai acabar se acovardando diante de outras coisas. Essa é a única e eterna conclusão. Só os burros e suas crias aberrantes bancam os valentes, mas mesmo eles só fazem isso até topar com o já

mencionado muro. Não vale a pena dar atenção a eles, porque não significam rigorosamente nada.

Outra circunstância me atormentava, naquela época: exatamente o fato de ninguém se parecer comigo nem eu me parecer com ninguém. “Então, eu sou único e eles são *todos*”, eu pensava e ficava remoendo isso.

Por aí se vê que eu ainda não passava de um menino.

Também acontecia o contrário. Afinal, às vezes dava nojo ir à repartição: não raro, eu chegava ao ponto de voltar para casa doente. Mas, de súbito, sem mais nem menos, tinha início uma fase de ceticismo e indiferença (comigo, tudo eram fases), e pronto, eu agora ria de mim mesmo, da minha impaciência e da minha náusea, e acusava a mim mesmo de *romantismo*. Ora eu não queria falar com ninguém, ora não só desandava a conversar demais como, ainda por cima, imaginava fazer amizade com alguém. De repente, sem mais nem menos, de uma hora para outra, toda a náusea desaparecia. Quem sabe, pode ser que ela nunca tivesse mesmo existido, dentro de mim, pode ser que fosse artificial, copiada dos livros. Até hoje, não consegui resolver a questão. Certa vez, eu até fiquei muito amigo deles, comecei a visitar suas casas, jogar baralho, tomar vodca, conversar sobre promoções… Mas, neste ponto, permitam-me uma digressão.

Nós, russos, em termos gerais, nunca tivemos românticos bobos que vivem no mundo da lua, como os alemães e, especialmente, os franceses, a quem nada pode afetar, mesmo que a terra trema embaixo de seus pés, mesmo que estejam massacrando a França inteira nas barricadas — eles continuam iguais, não mudam nem por uma questão de decência, e vão sempre entoar suas canções do

mundo da lua, até a beira do caixão, por assim dizer, porque são imbecis. Já nós, na terra russa, não somos imbecis; isso é sabido; e é nisso que nos distinguimos de tantas terras estrangeiras. Portanto, entre nós, não surgem, em seu estado puro, essas naturezas do mundo da lua. Foram os nossos publicistas e críticos "positivos" daquele tempo, sempre à caça dos Kostanjoglo e dos titios Piotr Ivánovitch,[3] por mera burrice tomados por eles como o nosso ideal, que sempre inventaram uma porção de coisas sobre os nossos românticos e os julgaram tão do mundo da lua quanto eram os da Alemanha ou da França. Ao contrário, as características do nosso romântico são frontal e completamente opostas às características europeias dos românticos do mundo da lua, e nenhuma reguazinha europeia vai servir para medir nada por aqui. (Mas me permitam empregar esta palavra: "romântico" — palavrinha antiga, respeitável, meritória e conhecida de todos.) As características do nosso romântico são: compreender tudo, *ver tudo e, muitas vezes, ver de modo incomparavelmente mais claro do que veem nossas mentes mais positivas*; não se conformar com nada nem com ninguém, mas ao mesmo tempo não desdenhar nada; contornar tudo, ceder a tudo, agir sempre de forma diplomática; o tempo todo, não perder de vista o propósito útil e prático (qualquer apartamentozinho custeado pelas autoridades, qualquer subsidiozinho e condecoraçãozinha) — ter em mira conquistar esse objetivo, por meio de quaisquer entusiasmos e livretos de versinhos líricos, e, ao mesmo tempo, conservar incólume dentro de si "o belo e o sublime", até a beira do caixão e, por falar nisso, enfim, conservar a si mesmo envolto em algodão, como se fosse uma pecinha de joalheria, nem que seja, por exemplo, em proveito do tal "belo e sublime". Tem espírito largo,

o nosso romântico, e é o mais trapaceiro de todos os nossos trapaceiros, garanto aos senhores… até por experiência própria. Claro, tudo isso, se o romântico for inteligente. Mas o que estou dizendo? O romântico é sempre inteligente, eu só queria observar que, embora tenha havido entre nós românticos imbecis, não se pode levar isso em conta, unicamente porque, ainda na flor da idade, eles se converteram definitivamente em alemães e, a fim de conservar de modo mais cômodo sua pecinha de joalheria, fixaram residência sei lá onde, a maioria em Weimar ou na Floresta Negra. Eu, por exemplo, desprezava sinceramente minha função no serviço público e só não mandava tudo para o inferno por uma questão de necessidade, porque ficava lá sentado e ganhava dinheiro por isso. O resultado, vejam bem, era que eu, apesar de tudo, não mandava o emprego para o inferno. É mais fácil o nosso romântico ficar louco (o que, aliás, é muito raro acontecer) do que mandar seu emprego para o inferno, se ele não tiver outra carreira em vista, e ele também nunca vai ser posto no olho da rua aos safanões, antes será levado para o manicômio, fazendo-se passar pelo “rei da Espanha”,[4] e isso se tiver ficado muito louco mesmo. Mas, afinal, entre nós, só os magrelinhos e os lourinhos enlouquecem. Em troca, um número incontável de românticos termina alcançando cargos de grande relevância. É uma versatilidade fora do comum! E que capacidade para os sentimentos mais contraditórios! Na época, isso era um consolo para mim, e agora também penso da mesma forma. É por isso que temos tantos “espíritos largos” que nunca perdem seu ideal, nem na hora da sua última queda; e embora não movam nenhum dedo em prol do tal ideal, embora sejam rematados bandidos e ladrões, ainda assim respeitam seu ideal original até as

lágrimas e, no fundo, são extraordinariamente honestos. Sim, senhor, só entre nós o mais rematado canalha pode ser, no fundo, uma pessoa honesta, e isso de maneira cabal e até sublime, ao mesmo tempo que não deixa nem um pouquinho de ser canalha. Repito, afinal, que toda hora surgem, entre os nossos românticos, tamanhos espertalhões nos negócios (e estou empregando a palavra “espertalhão” de maneira amorosa), que demonstram, de repente, tamanho senso de realidade e conhecimento positivo que as autoridades deslumbradas e o público, em sua estupefação, limitam-se a estalar a língua para eles.

A versatilidade é, de fato, assombrosa, e Deus sabe em que ela irá se transformar e como se desenvolverá, no decorrer das circunstâncias, e o que ela nos promete no futuro distante. E a matéria-prima não é ruim, senhores! Mas eu não estou dizendo isso por alguma patriotada ridícula. Aliás, estou convicto de que os senhores estão pensando, mais uma vez, que eu estou de brincadeira. Mas, quem sabe, pode ser que estejam, ao contrário, convencidos de que eu penso de fato assim. Em todo caso, meus caros, vou considerar ambas as opiniões dos senhores uma honra para mim, e também um prazer especial. E queiram perdoar esta minha digressão.

Claro, não mantive a amizade com os colegas do trabalho e, em muito pouco tempo, mandei todos para o inferno e, por causa da minha inexperiência de jovem, na época, parei até de cumprimentá-los com uma reverência, como se eu tivesse cortado relações. De resto, isso aconteceu comigo só uma vez. No geral, sempre fui sozinho.

Em casa, o que eu mais fazia era ler. Tinha vontade de usar as impressões exteriores para sufocar tudo que se acumulava, dia após dia, dentro de mim. E, entre as impressões exteriores, a única viável era a leitura. Claro, a leitura ajudava bastante — comovia, deliciava e atormentava. Mas, de vez em quando, aborrecia tremendamente. Apesar disso, eu tinha vontade de me movimentar e, de repente, afundava, não na devassidão, mas numa devassidãozinha escura, subterrânea, asquerosa. Dentro de mim, as paixõezinhas eram agudas, ardentes, por causa da minha irritabilidade eterna e doentia. Aconteciam ataques histéricos, com lágrimas e convulsões. Além da leitura, não havia para onde ir — ou seja, na ocasião, não havia à minha volta nada que eu pudesse respeitar e que me atraísse. Mais que tudo, a angústia se avolumava; me veio uma histérica sede de contradições, de contrastes, e aí me entreguei à devassidão. Afinal, não é absolutamente para me justificar que eu agora desandei a falar… Aliás, não! Menti! Eu queria exatamente me justificar. E é para mim mesmo que eu faço esta observaçãozinha, senhores. Não quero mentir. Dei minha palavra.

Eu me entreguei à devassidão no isolamento, à noite, em segredo, com medo, de modo sórdido, com vergonha, uma vergonha que não me largava nos momentos mais detestáveis e que, em tais momentos, chegava até à maldição. Já nessa altura, eu carregava na alma o meu subsolo. Tinha um medo tremendo de que, de algum modo, me vissem, me encontrassem, me descobrissem. Então eu andava por lugares muito diferentes e muito escuros.

Certa vez, à noite, ao passar por uma taberna, vi pela janela iluminada que uns senhores, de tacos nas mãos, estavam brigando junto à mesa de bilhar, e um deles acabou sendo jogado pela janela. Noutra ocasião, eu teria sentido repugnância, mas de repente me veio um daqueles momentos e senti inveja do tal senhor que foi atirado pela janela, e uma inveja tão grande que até entrei na taberna e fui ao bilhar: “Puxa, quem sabe eu me meto numa briga e também me jogam pela janela?”.

Eu não estava embriagado, mas o que os senhores queriam que eu fizesse? Afinal, a angústia pode devorar a gente até provocar esse tipo de histeria! Mas, no final, não deu em nada. Ficou claro que eu não era capaz nem de pular pela janela, e eu saí de lá sem ter brigado.

Lá dentro, quem me provocou logo de saída foi um oficial.

Eu estava parado no salão de bilhar e, por inexperiência, barrava o caminho por onde as pessoas tinham de passar; o oficial me puxou pelo ombro e, em silêncio — sem aviso nem explicação —, me tirou do lugar onde eu estava e me colocou em outro, e depois foi em frente, como se eu nem existisse. Uma surra, eu até podia desculpar, mas nunca poderia perdoar o fato de ele ter me trocado de lugar sem sequer perceber minha existência.

O diabo sabe o que eu não daria, naquela hora, por uma boa briga de verdade, uma briga mais digna, mais decente, por assim dizer, mais *literária*! Eu estava sendo tratado como se fosse uma mosca. O oficial tinha uns dez *verchok* de altura;[5] já eu sou baixinho e franzino. Uma briga, aliás, estava perfeitamente ao meu alcance: bastava protestar e, claro, eu seria jogado pela janela. Mas pensei melhor e preferi… cair fora dali, me roendo de raiva.

Confuso e perturbado, saí da taverna e fui direto para casa, mas no dia seguinte continuei minha devassidãozinha, ainda mais tímido, mais amedrontado, mais tristonho do que antes, como se tivesse lágrimas nos olhos — mesmo assim, continuei. Por falar nisso, não pensem que foi por covardia que tive medo do oficial; nunca fui covarde, no fundo, embora eu tenha sido covarde o tempo todo, na prática, mas… esperem um pouco antes de rir, há uma explicação para isso; eu tenho explicação para tudo, podem ter certeza.

Ah, quem dera o oficial fosse desses que aceitam travar duelo! Mas, não, ele era justamente um daqueles cavalheiros (extintos há muito tempo, infelizmente!) que preferiam agir com tacos de bilhar nas mãos ou, a exemplo do tenente Pirogóv, de Gógol, recorrer às autoridades.[6] Tais cavalheiros não travavam duelos e, em todo caso, achariam até indecente duelar contra um pobre civil — de resto, no geral, consideravam o duelo inconcebível, coisa de livres-pensadores, de franceses, mas nem por isso deixavam de ofender os outros à vontade, ainda mais no caso de terem dez *verchok* de altura.

Naquele caso, não foi por covardia que eu tive medo, mas sim por vaidade ilimitada. Não fiquei assustado porque ele tinha dez *verchok* de altura nem porque ia me dar uma surra dolorosa e me atirar pela janela; coragem física, na verdade, eu tinha; o que me faltava era coragem moral. Fiquei assustado porque todos os presentes — desde o petulante marcador de pontos de bilhar até o último funcionariozinho de rosto purulento e coberto de pústulas, que sempre rondava por ali com seu colarinho ensebado — não compreenderiam e iriam zombar, quando eu protestasse e falasse com eles em língua literária. Porque, sobre o ponto de honra, ou

seja, não sobre a honra, mas sobre o ponto de honra (*point d'honneur*),[7] até hoje, entre nós, é impossível conversar de outra forma que não em língua literária. Em língua comum, não dá para dizer nada sobre o "ponto de honra". Eu estava plenamente convencido (isto é que é senso de realidade, a despeito de todo o romantismo!) de que todos eles iriam estourar de tanto rir e mais nada, porém o oficial não iria apenas — ou seja, não de forma inofensiva — me dar uma surra, mas me aplicaria também, fatalmente, uma série de joelhadas e, com isso, me faria sair rolando em redor da mesa de bilhar, para depois, num gesto de misericórdia, me atirar pela janela. Claro, essa história mesquinha, no meu caso, não poderia parar por aí. Depois, encontrei muitas vezes esse oficial na rua e prestei atenção nele. Só não sei se ele me reconheceu. Na certa, não; concluo isto por alguns sinais. Mas eu sim, e olhei bem para ele, com raiva e ódio, e continuei a fazer isso… durante anos! Minha raiva até aumentava e se fortalecia com os anos. No início, discretamente, comecei a investigar o oficial. Para mim era difícil, porque eu não conhecia ninguém. No entanto, certo dia, na rua, alguém o chamou pelo sobrenome, com um grito, quando eu o seguia à distância, como se estivesse amarrado a ele por uma corda, e pronto, descobri seu sobrenome. Em outra ocasião, eu o segui até seu apartamento e, em troca de uma moeda de dez copeques, descobri com o zelador onde ele morava, em qual andar, se morava sozinho ou com alguém etc. — em suma, tudo o que se pode saber por meio de um zelador. Certa vez, de manhã, embora eu nunca tivesse me metido em literatices, de repente me veio a ideia de escrever para o tal oficial em forma de literatura de denúncia, de uma caricatura, sob a máscara de uma novela. E aí,

com prazer, redigi uma novela. Eu denunciei, cheguei até a caluniar; no início, reformulei seu sobrenome de modo que desse para reconhecer logo de cara, mas depois, com a reflexão mais madura, troquei o nome e enviei para a revista *Anais da Pátria*. Porém, na ocasião, ainda não vigorava a moda da denúncia e minha novela não foi publicada. Aquilo me deixou muito aborrecido. Às vezes, a raiva me sufocava. Enfim, resolvi desafiar meu adversário para um duelo. Redigi uma carta linda, cativante, implorando que ele pedisse meu perdão; em caso de resposta negativa, eu sugeria enfaticamente um duelo. A carta foi redigida de tal modo que, se o oficial tivesse ao menos um pouquinho de compreensão do "belo e sublime", fatalmente viria correndo ao meu encontro para me abraçar com força e me oferecer o penhor da sua amizade. E como isso seria bom! Que vida teríamos pela frente! Que vida! Ele me protegeria com sua imponência; eu o enobreceria com minha cultura avançada, é certo, e também… com as ideias, e muita coisa poderia acontecer! Imaginem os senhores que, a essa altura, já haviam se passado dois anos desde o dia em que ele me ofendera e meu desafio já representava um anacronismo grotesco, apesar de toda a habilidade da minha carta para explicar e encobrir tal anacronismo. Porém, graças a Deus (até hoje eu agradeço ao Altíssimo, com lágrimas nos olhos), não enviei a carta. Um calafrio percorre minha pele quando penso no que poderia acontecer, se tivesse enviado. E de repente… de repente, eu me vinguei da maneira mais simples, mais genial! De súbito, num lampejo, me veio uma ideia brilhante. Às vezes, nos feriados, depois das três horas, eu ia à avenida Niévski e ficava passeando no lado em que bate o sol. Melhor dizendo, eu não ficava passeando em absoluto, eu sofria

incontáveis tormentos, humilhações, ataques de rancor; mas, com certeza, era disso mesmo que eu precisava. Eu me esgueirava entre os passantes como um peixe, da maneira mais bela do mundo, e o tempo todo eu chegava para o lado e dava passagem ora para os generais, ora para os oficiais da guarda de cavalaria e dos hussardos, ora para os senhores nobres; naqueles momentos, eu sentia dores convulsivas no coração e um fogo na espinha, só de imaginar a indigência de meus trajes, a indigência e a vulgaridade da minha figurinha furtiva. Era um suplício terrível, uma humilhação constante e insuportável, que provinha da ideia, convertida numa sensação palpável e incessante, de que eu era uma mosca diante de toda aquela sociedade, uma sórdida e obscena mosca — mais inteligente do que todos, mais evoluída do que todos, mais nobre do que todos — isso nem é preciso dizer —, mas essa mosca cedia a vez para todos, era humilhada por todos, espezinhada por todos. Para que eu acumulava tais tormentos sobre mim, para que ia caminhar pela avenida Niévski, isso eu não sei! O fato é que, a qualquer oportunidade, eu me via *arrastado* para lá.

Na época, eu já estava começando a experimentar aquelas ondas de prazer das quais falei na primeira parte. E, depois do caso com o tal oficial, passei a me sentir arrastado para lá com mais força ainda: era na Niévski que eu o encontrava mais vezes, era lá também que eu me deleitava com sua figura. Ele também circulava por ali, especialmente nos feriados. Embora ele também chegasse para o lado e desse passagem para os generais e para personalidades ilustres e também se esquivasse como um peixe entre eles, quando, porém, se tratava de pessoas semelhantes a nós, ou até um pouco mais importantes, ele simplesmente passava por cima delas;

caminhava direto ao encontro das pessoas, como se na sua frente houvesse um espaço vazio, e em nenhuma hipótese lhes dava passagem. Eu me embriagava com meu rancor, enquanto olhava para ele, e… me roendo de raiva, eu sempre dava passagem para ele. O que me torturava era ver que nem na rua eu era capaz de me pôr em pé de igualdade com ele. “Por que você é sempre o primeiro a dar passagem?”, eu recriminava a mim mesmo, às vezes, num ataque de histeria, às três da madrugada. “Por que tem de ser você, e não ele? Afinal, existe alguma lei para isso, está escrito em algum lugar? Pois bem, que fiquemos então em pé de igualdade, como é costume acontecer quando pessoas educadas se encontram: ele vai abrir metade do caminho e você, a outra metade, e os dois vão passar um pelo outro, respeitando-se mutuamente.” Só que aquilo não acontecia e, apesar dos pesares, era eu quem dava passagem, enquanto ele nem percebia que eu lhe dava a frente. E aí, de súbito, me veio o lampejo de uma ideia espantosa. “E se eu encontrar com ele e… não der passagem? De propósito, não der passagem, mesmo que eu tenha até de lhe dar um empurrão: e aí, o que vai acontecer?” Essa ideia atrevida foi me dominando pouco a pouco, até não me dar mais sossego. Eu sonhava com aquilo o tempo todo, eu muitas vezes caminhava pela Niévski com a intenção declarada de planejar com mais exatidão como iria fazer quando de fato executasse aquilo. Eu estava em êxtase. Aquela intenção me parecia, cada vez mais, provável e possível. “Claro, não vou empurrar de verdade”, eu pensava, já mais bondoso, por antecipação, de tanta alegria, “só não vou dar passagem para ele, vou trombar com ele assim, de leve, sem machucar muito, só ombro contra ombro, na exata medida que a decência permite; de modo

que ele esbarre em mim com a mesma força que eu esbarrar nele.” Enfim, me decidi em definitivo. Só que os preparativos me tomaram tempo demais. Antes de mais nada, durante a preparação, eu precisava me apresentar da maneira mais sóbria possível e ter todo cuidado com minhas roupas. “Em todo caso, por exemplo, se acontecer um incidente em público (e o público, lá, é *superflu*:[8] a condessa vai lá, o príncipe D. vai lá, a literatura inteira vai passear lá), é indispensável estar bem-vestido; isso impressiona e nos coloca, na hora, de certa forma, em pé de igualdade aos olhos da alta sociedade.” Com tal propósito, pedi um adiantamento do salário e comprei luvas pretas e um chapéu decente na loja de Tchúrkin. As luvas pretas me pareceram mais sóbrias e de mais bom-tom do que as luvas cor de limão, que de início despertaram meu interesse. “É uma cor vistosa demais, como se a pessoa quisesse se destacar em excesso”, e assim acabei não comprando as luvas cor de limão. Fazia tempo que eu já tinha preparada uma boa camisa com abotoaduras brancas, feitas de osso; mas o capote ainda estava atrasando muito os meus planos. Meu capote, na verdade, até que não era tão ruim, servia para aquecer; só que era estofado de algodão e tinha a gola de pele de guaxinim, o que constituía o cúmulo do espírito de lacaio. Era necessário, a qualquer preço, trocar a gola por outra, de pele de castor, do tipo que os oficiais usam. Para isso, comecei a andar pelo Gostíni Dvor[9] e, depois de algumas tentativas, me detive numa pele de castor, alemã e barata. Essas peles de castor alemãs, embora se desgastem muito depressa e logo adquiram um aspecto bastante miserável, no início, com uma roupa nova, parecem até muito decentes; e, afinal de contas, eu só ia precisar dela uma vez. Perguntei o preço: apesar de

tudo, era caro. Após profundas ponderações, decidi vender minha gola de pele de guaxinim. A quantia que faltava, para mim uma soma bastante relevante, decidi pedir emprestada para Anton Antónovitch Siétotchkin, meu chefe de seção, homem modesto, mas sério e prático, que não emprestava dinheiro a ninguém, mas a quem eu fora especialmente recomendado, na época do meu ingresso no serviço público, por uma pessoa importante, que me havia encaminhado àquele emprego. Sofri demais. Pedir dinheiro para Anton Antónitch[10] me parecia monstruoso e infame. Fiquei duas ou três madrugadas sem dormir e, aliás, na época, em geral, eu dormia pouco, andava febril; o coração claudicava, trôpego e, de repente, começava a pular, pular, pular!… Anton Antónovitch, primeiro, ficou surpreso, em seguida ponderou e, apesar de tudo, me deu o empréstimo, depois de tomar de mim um documento assinado que lhe assegurava o direito de receber o dinheiro emprestado no prazo de duas semanas, descontado do meu salário. Desse modo, afinal, tudo ficou pronto; a bela pele de castor reinava no lugar do asqueroso guaxinim e eu comecei, pouco a pouco, a executar meu plano. Não podia me decidir de maneira afoita, às cegas; era preciso organizar tudo de forma estudada, meticulosa, pouco a pouco. Mas confesso que, depois de diversas tentativas, comecei quase a me desesperar: não havia meio de nós dois darmos um encontrão — era só isso! Por mais que tivesse me preparado, por mais que tivesse planejado — na hora, eu não tinha dúvida, parecia que íamos mesmo esbarrar um no outro, mas aí, quando eu olhava, pronto — mais uma vez, eu chegava para o lado, dava passagem a ele, que seguia em frente direto, sem notar minha existência. Quando eu estava caminhando na direção dele, chegava

até a rezar para que Deus reforçasse minha determinação. Certa vez, eu já havia me decidido, sem apelação, porém acabou que eu simplesmente caí aos seus pés, porque, no último instante, já a dois *verchok* de distância, não tive coragem. Ele passou por mim na maior tranquilidade e eu, como uma bolinha, voei para o outro lado. Naquela madrugada, adoeci de novo, com febre, e delirei. De súbito, tudo acabou da melhor maneira possível. No dia anterior, de madrugada, eu tinha decidido, de modo definitivo, não pôr em prática meu plano pernicioso, deixar tudo aquilo de lado e, com tal objetivo, fui para a avenida Niévski pela última vez, só a fim de observar como eu faria para deixar toda aquela história de lado. De repente, a três passos de meu inimigo, inesperadamente, tomei a decisão, contraí os olhos e… esbarramos ombro contra ombro, com firmeza! Não me desviei nem um *verchok* e segui em frente direto, em perfeito pé de igualdade! Ele nem mesmo olhou para trás e fingiu não perceber nada; mas era só fingimento, eu estava convencido disso. E até hoje estou convencido! Claro, eu levei a pior; ele era mais forte, só que a questão não era essa. A questão era que eu tinha alcançado o objetivo, mantive a dignidade, não recuei nem um passo e, em público, me conservei em rigoroso pé de igualdade social com ele. Voltei para casa completamente vingado de tudo. Estava em êxtase. Celebrei meu triunfo e cantei uma ária italiana. Claro, não vou descrever para os senhores o que se passou comigo três dias depois; se leram minha primeira parte, “Subsolo”, podem adivinhar sozinhos. Depois, o oficial foi transferido para não sei onde; agora, já faz catorze anos que eu o perdi de vista. O que será feito dele hoje, o meu amigo querido? Em quem estará pisando?

ii

Mas estava chegando ao fim a fase da minha devassidãozinha, e me veio uma náusea horrível. Quando batia o arrependimento, eu o rechaçava: como estava, já era nauseante de sobra. No entanto, aos poucos, me acostumei. Eu me acostumava com tudo, ou melhor, não é que eu me acostumasse, propriamente, mas, de certo modo, por livre e espontânea vontade, eu admitia suportar aquilo. No entanto, eu tinha uma saída que apaziguava qualquer coisa: fugir para “tudo o que é belo e elevado” — em sonhos, é claro. Eu sonhava demais, sonhei três meses a fio, escondido no meu canto, e acreditem que, em tais momentos, eu não parecia aquele senhor respeitável que, no tumulto do seu coração de galinha, costurou na gola do capote uma pele de castor alemã. De repente, eu me transformei num herói. Não admitiria falar com o meu tenente de dez *verchok* de altura nem se ele viesse me visitar em minha casa. Na ocasião, eu não era capaz sequer de conceber aquela pessoa. O que eram os meus sonhos e como eu conseguia me contentar com eles — é difícil responder agora, mas na ocasião eu me contentava com isso. Aliás, na verdade, agora eu também me contento com isso, em parte. Os sonhos me vinham muito mais doces e mais

fortes, depois da devassidãozinha, vinham com arrependimento e lágrimas, com maldições e êxtases. Havia momentos de um enlevo tão completo, de tamanha felicidade, que eu não sentia dentro de mim nem o mais ínfimo vestígio de zombaria, juro. Havia fé, esperança, amor. Acontece que, na época, eu acreditava cegamente que, de súbito, uma espécie de milagre, alguma circunstância exterior faria tudo se abrir, se alargar; de uma hora para outra, iria se descortinar o horizonte de uma atividade digna de mim, bela, benéfica e, o mais importante, *completamente pronta* (qual era, isso eu nunca sabia dizer ao certo, mas o principal é que já viria pronta), e então, de repente, eu avançaria impávido por este mundo de Deus, nada menos do que montado num cavalo branco e com uma coroa de louros. Eu não conseguia nem me imaginar num papel secundário e, justamente por isso, na prática, eu me encarregava, com toda a tranquilidade, de representar o mais insignificante dos papéis. Ou era herói ou era lama: não havia meio termo. Foi isso que me destruiu, porque, na lama, eu me consolava com a ideia de que tinha sido herói, no passado, e o herói encobria a lama com sua imagem: uma pessoa comum, dizem, tem vergonha de se enlamear, mas o herói é altivo demais para ficar todo enlameado, por isso eu podia me enlamear. É notável que tais acessos de “tudo o que é belo e sublime” me viessem também na hora da devassidãozinha, e exatamente quando eu já me encontrava bem lá no fundo, e eles me vinham em lampejos isolados, como que para lembrar que existiam, mas suas aparições, entretanto, não aniquilavam a devassidãozinha; ao contrário, pareciam até revigorá-la por um efeito de contraste, e vinham na medida exata indispensável para compor um bom molho. Esse

molho era feito de contradições e sofrimentos, de torturante análise interior, e todas essas torturas e torturazinhas acrescentavam uma espécie de toque picante, e até um sentido, à minha devassidãozinha — em suma, cumpriam plenamente a função de um bom molho. Tudo isso não deixava de ter, até, certa profundidade. E por acaso eu poderia consentir com uma devassidãozinha simples, vulgar, sem requinte, própria de um auxiliar de escritório qualquer, e suportar sobre mim toda essa lama? O que poderia me seduzir nessa devassidãozinha, a ponto de me fazer sair para a rua de madrugada? Não, senhores, eu tinha uma escapatória nobre para tudo…

No entanto, quanto amor, senhores, quanto amor eu padeci naquele tempo, em meus sonhos, naquelas “redenções em tudo o que é belo e sublime”: por mais que fosse um amor fantástico, por mais que nunca se aplicasse, na prática, a algo humano, apesar disso, era tão abundante, aquele amor, que depois nem se sentia mais a necessidade de aplicá-lo na prática: isso já seria, afinal, um luxo demasiado. De resto, tudo sempre terminava às mil maravilhas, com uma transição lânguida e inebriante rumo à arte, ou seja, às belas formas do ser, completamente prontas, roubadas à força dos poetas e dos romancistas e adaptadas a todos os serviços e a todas as exigências possíveis. Eu, por exemplo, triunfarei sobre todos; claro, todos vão virar pó e serão forçados a admitir, de bom grado, todas as minhas perfeições, já eu perdoarei a todos. Sendo poeta famoso e camareiro da Corte, vou me apaixonar; vou ganhar milhões sem fim e, prontamente, vou sacrificá-los em prol da espécie humana, e nessa hora confessarei para todo o povo as minhas desonras, que, é claro, não são meras desonras, pois

encerram em si uma dose extraordinária de “belo e sublime”, algo de manfrediano.[11] Todos vão chorar por mim, vão me beijar (de outro modo, não passariam de palermas), e eu partirei descalço e esfomeado para pregar ideias novas e desbaratar os retrógrados em Austerlitz.[12] Depois, vão tocar uma marcha, dar anistia, o papa vai consentir em partir de Roma e ir para o Brasil;[13] depois haverá um baile para toda a Itália na Villa Borghese,[14] que foi para a beira do lago de Como, pois o lago de Como foi transferido para Roma[15] exatamente com essa finalidade; depois haverá uma cena entre os arbustos etc. etc. — será que os senhores não sabem? Os senhores dirão que é vulgar e sórdido trazer tudo isso, agora, para diante do público, depois de tantos enlevos e lágrimas que eu mesmo confessei. Mas sórdido por quê, senhores? Por acaso acham que tenho vergonha de tudo isso e que tudo isso é mais tolo do que qualquer coisa que tenha acontecido na vida dos senhores, meus caros? E além do mais, acreditem, até que a cena que pintei não ficou ruim… Afinal, nem tudo se passou no lago de Como. No entanto, os senhores têm razão: na verdade, é vulgar e sórdido. E o mais sórdido de tudo é que agora eu comecei a me justificar para os senhores. E mais sórdido ainda é o fato de que agora estou fazendo este comentário. Aliás, já chega, senão isto não vai acabar nunca: sempre vai haver uma coisa mais sórdida do que outra…

Acontece que eu era totalmente incapaz de ficar sonhando por mais de três meses seguidos e então comecei a sentir uma necessidade implacável de me jogar de cabeça na sociedade. E me jogar de cabeça na sociedade significava visitar a casa de meu chefe de seção, Anton Antónitch Siétotchkin. Em toda a minha vida, ele foi a única pessoa com quem eu tive uma relação constante e,

hoje, chego a ficar admirado com essa circunstância. Porém, mesmo

assim, eu só o procurava quando entrava numa daquelas fases e meus sonhos alcançavam tamanha felicidade que era preciso a todo custo, e rapidamente, abraçar-me com as pessoas e com toda a humanidade; para tanto, era preciso ter pelo menos uma pessoa presente, em carne e osso. No entanto, só era possível visitar Anton Antónitch às terças-feiras (seu dia de receber visitas) e, portanto, foi preciso adaptar para a terça-feira minha necessidade de abraçar toda a humanidade. Esse Anton Antónitch residia nas Cinco Esquinas,[16] no quarto andar, num apartamento de quatro cômodos de teto baixo, cada um menor do que o outro, de aspecto modesto e amarelado ao extremo. Morava com duas filhas e a tia delas, que servia o chá. Uma das meninas tinha treze anos e a outra catorze, ambas de nariz arrebitado, e elas me deixavam tremendamente embaraçado, porque não paravam de cochichar entre si e dar risadinhas. O anfitrião costumava ficar no escritório, num sofá de couro, diante da mesa, ao lado de algum convidado grisalho, um funcionário da nossa repartição ou até de outro departamento. Lá, nunca vi mais do que dois ou três convidados, e sempre os mesmos. Conversavam sobre os impostos indiretos, sobre as negociações em curso no Senado, sobre o salário, sobre as promoções, sobre sua excelência, sobre as maneiras de ser valorizado etc. etc. Eu tinha paciência suficiente para ficar sentado perto daquelas pessoas como um tolo por umas quatro horas e escutar o que diziam, sem ter coragem nem capacidade de conversar com elas sobre o que quer que fosse. Eu caía num torpor, muitas vezes desandava a suar, uma paralisia pairava sobre mim;

mas aquilo era bom e útil. Ao voltar para casa, eu adiava por mais um tempo o meu desejo de abraçar a humanidade inteira.

No entanto, a bem da verdade, eu tinha outro conhecido, ou quase isso: Símonov, antigo colega da escola. Até que eu tinha muitos antigos colegas de escola em Petersburgo, mas não me dava com eles e já havia parado de cumprimentá-los na rua. Talvez eu tenha pedido transferência para outro departamento a fim de não ter de ficar na companhia deles e, assim, poder romper de uma só vez com toda a minha infância execrável. Maldita seja aquela escola, aqueles horríveis anos de trabalhos forçados! Em suma, eu me afastei dos colegas tão logo me vi liberto. Restaram duas ou três pessoas, que eu ainda cumprimentava ao encontrá-las. Entre elas, estava Símonov, que não se destacava por nada, em nossa escola, era tranquilo e ponderado, mas eu não percebia nele nenhuma independência de caráter ou mesmo honestidade. Também não acho que ele fosse lá muito limitado. Entre mim e ele, em outros tempos, houve momentos de bastante brilho, mas duravam pouco: de repente, era como se ficassem encobertos por uma neblina. Era evidente que aquelas recordações representavam um peso para Símonov, ele sempre parecia temer que eu voltasse ao tom antigo. Eu desconfiava de que, a seus olhos, eu fosse muito desagradável, mesmo assim ia à sua casa, pois não estava de fato convencido disso.

Entretanto, certa vez, numa quinta-feira, como não conseguia mais suportar minha solidão e sabia que, na quinta-feira, a porta da casa de Anton Antónitch ficava trancada, lembrei-me de Símonov. Enquanto subia ao quarto andar onde ele morava, fui pensando justamente que eu representava um fardo para aquele senhor e que

eu estava indo à sua casa à toa. Porém, como sempre acontecia que, no final, considerações daquele tipo me induziam a me meter, ainda mais fundo, em situações dúbias, eu entrei. Fazia quase um ano desde a última vez que eu tinha visto Símonov.

iii

Encontrei em sua casa mais dois antigos colegas de escola. Pelo visto, estavam conversando sobre um assunto importante. Nenhum deles prestou quase nenhuma atenção à minha chegada, o que foi até estranho, porque já fazia anos que eu não os encontrava. Obviamente, me consideravam algo equiparável à mais banal das moscas deste mundo. Nem na escola me tratavam assim, embora todo mundo lá me odiasse. Claro, eu compreendia que, agora, eles tinham de me desprezar pelo meu fracasso na carreira do serviço público e também por eu já ter decaído bastante, por vestir roupas ruins etc. etc., o que, a seus olhos, constituía o sinal da minha incapacidade e da minha minúscula relevância. Mesmo assim, eu não esperava tamanho grau de desprezo. Símonov chegou a se mostrar surpreso com minha chegada. Mesmo antes disso, ele sempre parecia surpreso com minha chegada. Tudo aquilo me deixou perplexo; sentei-me com certa angústia e me pus a escutar a conversa.

Travavam uma discussão séria, e até fervorosa, a respeito de um jantar de despedida que aqueles senhores pretendiam promover, em conjunto, já no dia seguinte, para seu colega Zvierkov, que era

oficial e acabara de ser transferido para uma província distante. Monsieur Zvierkov tinha sido meu colega durante todo nosso tempo de escola. Nas últimas séries, sobretudo, comecei a sentir ódio dele. Nas primeiras séries, ele era só um menino bonitinho e travesso, de quem todos gostavam. No entanto, eu tinha ódio dele também nas primeiras séries, e justamente porque era um menino bonitinho e travesso. Sempre, o tempo todo, ele foi mau aluno e, à medida que os anos passavam, foi piorando cada vez mais; no entanto, concluiu o curso com sucesso, porque tinha um bom padrinho. No seu último ano em nossa escola, ganhou duzentas almas de herança[17] e, como quase todos nós éramos pobres, logo passou a se mostrar fanfarrão diante de nós. Aquilo era um nojo, no mais alto grau, entretanto, apesar de tudo, ele continuava um bom menino, mesmo quando se mostrava fanfarrão. Entre nós, aliás, apesar das fantásticas e palavrosas formas exteriores de honestidade e honra, todos, com bem poucas exceções, chegavam a bajular Zvierkov, e tanto mais bajulavam quanto mais ele se mostrava fanfarrão. E não era em troca de qualquer vantagem que o bajulavam, mas só por ele ser uma pessoa favorecida pelos dons da natureza. Além do mais, de certo modo, era algo aceito e estabelecido entre nós considerar Zvierkov um especialista em matéria de tato e de boas maneiras. Este último ponto, em particular, me deixava furioso. Eu tinha ódio do som da sua voz, cortante e sem o menor traço de dúvida sobre si mesmo; odiava a adoração que ele tinha dos próprios gracejos, que acabavam, no caso dele, soando tremendamente cretinos, embora ele tivesse uma língua afiada; eu tinha ódio do seu rosto bonito, mas bobinho (pelo qual, aliás, eu trocaria de bom grado meu rosto *inteligente*), e também dos seus

expedientes desembaraçados de oficial de quarenta anos de idade. Eu tinha ódio do fato de ele falar de seus futuros sucessos com as mulheres (pois Zvierkov não se decidia a começar nada com as mulheres, antes de receber os galões de oficial, e já os aguardava com impaciência) e de dizer a todo instante que ia travar um duelo. Lembro que eu, certa vez, sempre muito calado, de repente me atraquei com Zvierkov, quando ele, numa conversa com os colegas numa hora de folga, falou sobre futuras indecências e, afinal, deixando-se empolgar com as próprias brincadeiras, como um cachorrinho ao sol, de súbito anunciou que nenhuma jovem camponesa da sua propriedade ficaria sem suas atenções, que aquilo era um *droit de seigneur*[18] e que, se os mujiques ousassem protestar, seriam todos chicoteados e todos aqueles canalhas barbudos teriam de pagar a corveia em dobro. Nossos colegas descarados aplaudiram, mas eu me atraquei com ele, e não foi nem um pouco por piedade das mocinhas e de seus pais, mas só porque os outros estavam aplaudindo um cretino tão grande. Naquela vez, levei a melhor, mas Zvierkov, por mais tolo que fosse, era também alegre e atrevido e por isso resolveu a situação com uma boa risada, e de tal modo que eu, na verdade, não saí tão vencedor assim: o riso jogou a favor dele. Depois, mais algumas vezes, foi ele quem levou a melhor sobre mim, no entanto, sem rancor, como que de brincadeira, de passagem, entre risos. Cheio de raiva e desprezo, eu nada respondia. Na formatura, ele fez menção de se aproximar de mim; não me opus muito, pois aquilo me deixou lisonjeado; entretanto, logo, e de maneira natural, nos afastamos. Mais tarde, eu soube de seus sucessos na caserna, como tenente, e de suas *farras*. Depois, chegaram outros rumores: sobre seu

progresso na carreira. Na rua, ele já não me cumprimentava e eu desconfiava que ele temia se comprometer, trocando saudações com um indivíduo tão insignificante quanto eu. Só uma vez o vi no teatro, no terceiro balcão, já usando alamares.[19] Ele cortejava as filhas de um velho general, para as quais fazia mesuras. Naqueles três anos, ele havia decaído muito, embora continuasse bastante bonito e ágil; um tanto estufado, começava a se encher de banha; era evidente que, lá pelos trinta anos, estaria de todo obeso. Pois bem, era para esse Zvierkov, prestes a partir, afinal, que nossos colegas desejavam oferecer um jantar. Naqueles três anos, o tempo todo, eles tinham convivido com Zvierkov, embora, no fundo, não se considerassem em pé de igualdade com ele, disso estou convencido.

Dos dois convidados de Símonov, um era Ferfítchkin, alemão russo[20] — baixa estatura, rosto simiesco, um bobalhão que zombava de todo mundo, meu inimigo encarniçado desde as primeiras séries da escola —, infame, petulante, um fanfarrãozinho que fingia alimentar a ambição mais sublime, embora, é claro, fosse no fundo um covardão. Era um dos admiradores de Zvierkov que o bajulavam por interesse e muitas vezes lhe pediam dinheiro emprestado. O outro convidado de Símonov era Trudoliúbov, indivíduo sem nada de especial, bastante honesto, mas que se curvava todo diante de qualquer um que fosse bem-sucedido, e só era capaz de conversar sobre promoções. Era uma espécie de parente distante de Zvierkov e isso, é tolo dizer, conferia a ele certa relevância em nosso círculo. Sempre me considerou o mesmo que nada; embora não me tratasse de forma nem um pouco gentil, ainda assim era tolerável.

— Ora essa, se pegarmos sete rublos de cada um — disse Trudoliúbov —, nós três juntaremos vinte e um rublos… dá para jantar muito bem. Zvierkov, é claro, não vai pagar.

— Mas é claro, se somos nós que estamos convidando — concluiu Símonov.

— Será possível que os senhores acham mesmo — intrometeu-se Ferfítchkin, com arrogância e veemência, como um lacaio petulante que se vangloria das condecorações do seu patrão general —, será possível que os senhores acham que Zvierkov vai deixar que nós paguemos tudo sozinhos? Vai até aceitar por cortesia, mas em troca vai pedir mais *meia dúzia* de garrafas por sua conta.

— Puxa, e como vamos dividir meia dúzia de garrafas, se somos quatro? — ponderou Trudoliúbov, atento apenas à meia dúzia.

— Muito bem, somos três, com Zvierkov somos quatro: vinte e um rublos no Hôtel de Paris, amanhã às cinco horas — concluiu Símonov, em definitivo, escolhido para ser o organizador do evento.

— Mas como vinte e um rublos? — perguntei um pouco alterado, e até, pelo visto, ofendido. — Se contarem comigo, não serão vinte e um, mas vinte e oito.

Achei que me oferecer de maneira repentina, sem ninguém esperar, ficaria até muito bonito e todos eles seriam vencidos de um só golpe e olhariam para mim com respeito.

— Por acaso o senhor também quer ir? — indagou Símonov com desprazer, mas evitando olhar para mim. Ele me conhecia como a palma da mão.

Eu ficava furioso porque ele me conhecia como a palma da mão.

— E por que não, senhor? Afinal, também sou colega dele, eu creio, e confesso que até me ofende ser deixado de fora. — E, de

novo, fiquei à beira de espumar.

— E onde é que vamos encontrar o senhor? — intrometeu-se Ferfítchkin, em tom rude.

— O senhor nunca se deu bem com Zvierkov — acrescentou Trudoliúbov, de sobrancelhas franzidas. Mas eu já me havia aferrado àquela ideia e não ia arredar pé.

— Parece-me que ninguém tem o direito de julgar esse assunto — retruquei com um tremor na voz, como se tivesse acontecido alguma coisa do outro mundo. — É exatamente por não ter, talvez, me dado bem com ele antes que, agora, faço questão de ir.

— Puxa, quem consegue entender o senhor… esses sentimentos elevados… — sorriu Trudoliúbov, com malícia.

— O senhor será incluído — decidiu Símonov, dirigindo-se a mim. — Amanhã, cinco horas, no Hôtel de Paris; não vá se enganar.

— E quanto ao dinheiro? — a meia-voz, Ferfítchkin tentou argumentar com Símonov, apontando para mim com um movimento da cabeça, mas logo silenciou, porque até Símonov ficou sem graça.

— Chega — disse Trudoliúbov, levantando-se. — Se quer tanto ir, que vá.

— Mas, afinal, nós temos a nossa rodinha de amigos — se enfureceu Ferfítchkin, também pegando o chapéu. — E isso não é nenhuma reunião oficial. Pode ser que não desejemos o senhor lá de maneira nenhuma…

Foram embora. Ferfítchkin, ao sair, nem me cumprimentou. Trudoliúbov mal inclinou a cabeça, sem olhar para mim. Símonov, com quem fiquei frente a frente, estava numa espécie de

perplexidade irritada e me olhava de um jeito estranho. Não sentou e não me convidou para sentar.

— Hum… sim… então, amanhã. E o dinheiro, o senhor vai dar agora? É para eu ter certeza — balbuciou, constrangido.

Fiquei vermelho; porém, ao ficar vermelho, lembrei que, desde tempos imemoriais, eu devia quinze rublos para Símonov, dinheiro que eu nunca havia esquecido, aliás, mas que, tampouco, nunca havia pagado.

— O senhor mesmo, Símonov, há de convir que eu não podia saber, quando vim para cá… e me aborrece muito ter esquecido…

— Está bem, está bem, não faz diferença. Pague amanhã, na hora do jantar. Afinal, era só para eu saber… O senhor, por favor…

Cortou a frase no meio e se pôs a andar pela sala, numa irritação maior ainda. Enquanto caminhava, começou a fazer paradas repentinas, apoiado nos saltos dos sapatos, que, naqueles momentos, ele batia com mais força no chão.

— Não estou atrapalhando o senhor? — perguntei, após dois minutos de silêncio.

— Ah, não! — animou-se, de repente. — Ou seja, na verdade, sim. Veja, eu ainda tenho de dar uma saída… Não é longe, fica logo ali… — acrescentou com voz de quem pede desculpa, em parte envergonhado.

— Ah, meu Deus! Mas por que não me disse? — exclamei, depois de pegar meu boné, aliás, com uma desenvoltura incrível, que só Deus sabe de onde me veio.

— Mas não fica longe… É logo ali, a dois passos… — repetiu Símonov, enquanto me levava até a porta, com um ar muito atarefado, que não lhe caía nada bem. — Então, até amanhã, às

cinco horas em ponto! — gritou para mim na escada: estava muito satisfeito, porque eu ia embora. Já eu estava enfurecido.

— Mas o que foi que deu em mim para me meter nessa história? — Eu rangia os dentes, enquanto caminhava pela rua. — Ainda mais para aquele porquinho do Zvierkov! Claro, eu não preciso ir; claro, é melhor mandar tudo isso para o inferno. Por acaso tenho alguma obrigação? Amanhã mesmo eu envio um bilhete para Símonov pelo correio…

Mas o motivo real para eu ficar furioso era que eu sabia, com toda a certeza, que no final das contas eu ia acabar indo lá; que eu iria de propósito; e que, quanto mais fosse inconveniente, quanto mais fosse indecoroso ir até lá, mais vontade eu teria de ir.

E havia até um obstáculo objetivo para meu comparecimento: eu não tinha dinheiro. Raspando tudo, me restavam só nove rublos. Mas sete eu teria de usar, no dia seguinte, para pagar o salário mensal de Apollon, meu criado, que morava e trabalhava em minha casa ao preço de sete rublos, sem direito à comida.

Não pagar o salário, era impossível, tendo em vista a personalidade de Apollon. Mas sobre esse canalha, sobre essa praga na minha vida, vou deixar para falar em outra ocasião.

No entanto, eu sabia, afinal, que, apesar de tudo, eu não ia pagar salário nenhum e iria, sem falta, ao tal jantar de despedida.

Naquela noite, tive sonhos monstruosos. Não admira: a noite toda, fui esmagado por lembranças dos anos de trabalhos forçados de minha vida escolar, e eu não conseguia me desembaraçar delas. Quem me enfiou naquela escola foram uns parentes distantes, dos quais eu dependia e dos quais, desde então, eu nunca mais tive notícia — me enfiaram lá na condição de órfão, já acabrunhado

pelas repreensões deles, já pensativo, calado e arredio, desconfiado de tudo. Os colegas me receberam com zombarias malévolas e impiedosas, porque eu não era parecido com nenhum deles. Só que eu não conseguia suportar zombarias; eu não conseguia me dar bem com eles com a mesma facilidade com que eles se davam bem uns com os outros. Tive ódio deles desde o início e me isolei de todos, fechado num orgulho assustadiço, ferido, exacerbado. A grosseria deles me revoltava. Riam cinicamente da minha cara, da minha figura desajeitada; entretanto, eles mesmos tinham as caras mais idiotas! Em nossa escola, de algum modo, as feições dos rostos se transfiguravam por completo, com o tempo, até adquirirem um aspecto particularmente imbecil. Quantas crianças lindas entravam na escola. Depois de alguns anos, dava repugnância só de olhar para elas. Ainda aos dezesseis anos de idade, com ar soturno, eu ficava espantado com os alunos; já na época, eu me assombrava com a mesquinharia de sua mentalidade, com a tolice de suas ocupações, brincadeiras, conversas. Havia tantas coisas indispensáveis que eles não entendiam, tantos assuntos estimulantes e maravilhosos pelos quais não se interessavam, que, sem querer, comecei a considerá-los inferiores a mim. Não era a vaidade ferida que me levava a isso e, pelo amor de Deus, não me venham com aquelas expressões protocolares que deixam a gente à beira de vomitar: que eu só ficava lá sonhando, enquanto eles já tinham, de fato, a compreensão das coisas da vida. Eles não entendiam nada de nada, nem sombra das coisas da vida e, eu juro, era isso o que mais me revoltava neles. Ao contrário, a realidade mais evidente, que mais saltava aos olhos, eles percebiam de forma estupidamente fantasiosa e, já na época, tinham se habituado a

reverenciar o sucesso individual. Tudo o que era justo, mas desdenhado e espezinhado, de tudo isso eles riam de forma cruel e infame. Tomavam um cargo elevado como sinal de inteligência; aos dezesseis anos, já trocavam ideias sobre sinecuras. Claro, boa parte disso vinha da estupidez, dos maus exemplos que os rodeavam o tempo todo, na infância e na adolescência. Eles eram depravados até as raias da monstruosidade. Sem dúvida, boa parte disso era, sobretudo, uma aparência, um cinismo calculado; claro, a juventude e certo frescor também transpareciam até mesmo neles, por trás da depravação; só que, neles, mesmo esse frescor nada tinha de atraente e se manifestava como uma espécie de libertinagem. Eu tinha um ódio tremendo deles, embora, talvez, eu fosse ainda pior do que eles. Por sua vez, eles me pagavam na mesma moeda e não escondiam a repugnância que sentiam por mim. Só que eu já não queria mais o amor deles; ao contrário, o tempo todo, o que eu desejava com mais ardor era a humilhação deles. A fim de me livrar de suas zombarias, comecei de propósito a estudar o máximo possível e consegui a duras penas um lugar entre os melhores alunos. Isso produziu efeito. Além do mais, todos eles começavam a compreender que eu já lia livros que eles não conseguiam ler e compreendia coisas (não incluídas nas matérias de nosso curso especial) de que eles nunca tinham ouvido falar. Eles encaravam isso com escárnio e ferocidade, mas se sentiam moralmente subjugados, ainda mais porque até os professores, por conta disso, me dedicavam sua atenção. As zombarias cessaram, mas restou a animosidade e se estabeleceram relações frias e tensas. No fim, eu mesmo não estava mais suportando: com os anos, desenvolveu-se a necessidade de companhia, de amigos.

Experimentei me aproximar deles; mas tal aproximação sempre resultava artificial e, por si mesma, logo chegava ao fim. Certa vez, tive uma espécie de amigo. Mas, no fundo, eu já era um déspota; queria dominar sua alma de forma ilimitada; queria incutir nele o desprezo pelo meio que o rodeava; exigia dele uma ruptura arrogante e definitiva com aquele meio. Eu o deixei assustado com minha amizade apaixonada; cheguei a levá-lo às lágrimas, às convulsões; ele era uma alma ingênua e sem forças para resistir; porém, quando se rendeu a mim por completo, logo passei a ter ódio dele e afastei-o de mim — como se eu precisasse de um amigo só para alcançar a vitória sobre ele, só para obter sua submissão. No entanto, eu não podia vencer a todos; meu amigo também não era parecido com nenhum dos outros e constituía a mais rara das exceções. Após sair de escola, minha primeira providência foi abandonar o cargo especial para o qual fui designado, a fim de romper todos os laços, amaldiçoar o passado e cobri-lo de cinzas… Só o diabo pode saber por que, depois de tudo isso, eu ainda arrastei meus pés até a casa do tal de Símonov!…

De manhã, me levantei cedo da cama e pulei em alvoroço, como se tudo fosse começar a acontecer naquele instante. Acreditava que uma reviravolta radical na minha vida estava em curso, e que ia se concretizar fatalmente naquele dia. Por falta de costume, quem sabe, durante toda a minha vida, diante de qualquer evento exterior, por mais ínfimo que fosse, sempre me parecia que estava prestes a ocorrer uma reviravolta radical na minha vida. No entanto, fui para o trabalho como de hábito, mas escapuli para casa duas horas mais cedo, a fim de me preparar. O mais importante, eu pensava, era que não precisava ser o primeiro a chegar, senão achariam que eu

estava contente demais. Porém coisas de uma importância tão colossal como essa existiam aos milhares, e todas me deixavam alvoroçado até a prostração. Eu próprio limpei minhas botas mais uma vez; Apollon jamais aceitaria, por nada neste mundo, limpar minhas botas duas vezes no mesmo dia, pois não julgava adequado. Então, eu mesmo as limpei, usando uma escova surrupiada no vestíbulo, para que ele não notasse de alguma forma e, depois, não me encarasse com desprezo. Em seguida, examinei com atenção minhas roupas e descobri que tudo estava velho, surrado, puído. Eu tinha me descuidado demais. O uniforme até que estava direito, talvez, mas eu não podia ir ao jantar de uniforme. O pior era que, na calça, bem no joelho, havia uma enorme mancha amarela. Eu pressentia que só aquela mancha ia me custar nove décimos de minha dignidade pessoal. Sabia também que pensar assim era uma baixeza muito grande. “Mas agora não dá tempo de ficar com ideias na cabeça; está na hora de agir”, pensei, e perdi o ânimo. Eu também sabia muito bem, naquele momento, que estava exagerando monstruosamente todos aqueles fatos; mas o que eu havia de fazer? Já não conseguia me dominar, tinha tremores de febre. No desespero, já imaginava que o “canalha” do Zvierkov me receberia com frieza e arrogância; que aquele asno do Trudoliúbov ia olhar para mim com um desprezo obtuso e inapelável; que o inseto do Ferfítchkin ia dar risadinhas sórdidas e petulantes às minhas custas, a fim de bajular Zvierkov; que Símonov, em seu íntimo, ia compreender muito bem tudo aquilo e ia me desprezar pela baixeza da minha vaidade, por minha falta de coragem; e eu também pensava, principalmente, em como tudo aquilo ia ser mesquinho, não *literário*, ultrajante. Claro, melhor mesmo seria não

ir. Só que isso era o mais impossível de tudo: quando algo começava a me puxar, eu logo me atirava de cabeça, por inteiro. Depois eu ia ficar xingando a mim mesmo pelo resto da vida: “Pronto, acovardou-se, acovardou-se em face da *realidade*, acovardou-se!”. Só que, ao contrário, eu sentia uma vontade tremenda de mostrar para aquela “corja” toda que eu não era nem de longe o covarde que eu mesmo imaginava ser. E não era só isso: mesmo naquele fortíssimo paroxismo de covardia febril, eu sonhava que levaria a melhor, que ia vencer, conquistar, obrigá-los a me adorar — nem que fosse “pela elevação das ideias e pela incontestável sagacidade”. Eles dariam as costas para Zvierkov, que ia ficar esquecido num canto, calado, com vergonha, e eu o esmagaria. Depois, talvez, eu faria as pazes com ele, ergueria um brinde, passaria a tratá-lo por *você*, em vez de *o senhor*; porém, para mim, de tudo aquilo, o que dava mais raiva, o mais ultrajante era que eu mesmo sabia, e sabia com toda a certeza, que eu, no fundo, não precisava de nada daquilo, que eu, no fundo, não desejava nem de longe esmagar, subjugar, conquistar, e que eu mesmo seria o primeiro a não dar sequer uma moedinha de dez copeques em troca de todo aquele resultado, se por acaso eu o pudesse alcançar. Ah, como eu rezei para que aquele dia passasse mais depressa! Numa angústia indescritível, eu me aproximava da janela, abria a janelinha de ventilação e observava a neblina turva que vinha caindo, espessa, por causa da neve molhada…

Por fim, meu medonho relógio de parede chiou que eram cinco horas. Peguei meu gorro e, tentando não olhar para Apollon — que desde a manhã já esperava, de mim, o pagamento do salário, mas que, por orgulho próprio, não queria ser o primeiro a mencionar o

assunto —, me esgueirei pela porta, deixando-o para trás, e embarquei numa carruagem de luxo, que eu tinha contratado de propósito com meus últimos cinquenta copeques, e fiz a viagem até o Hôtel de Paris como um autêntico senhor da alta sociedade.

iv

Desde a véspera, eu sabia que seria o primeiro a chegar. Mas a questão já não era mais quem chegaria primeiro.

No hotel, não só não havia ninguém como também só a muito custo encontrei nossa sala. A mesa nem estava totalmente arrumada. O que aquilo significava? Depois de muitas perguntas, enfim, consegui saber dos empregados que o jantar estava marcado para as seis horas e não para as cinco. A mesma coisa me confirmaram no bufê. Senti até vergonha de ficar perguntando. Ainda eram apenas cinco e vinte e cinco. Em todo caso, se mudaram o horário, pelo menos deveriam ter me avisado — é para isso que existe o correio —, em vez de me submeterem àquela "afronta", diante de mim mesmo e… e até diante dos empregados do hotel. Sentei-me; um empregado começou a pôr a mesa; na frente dele, de certo modo, meu ultraje foi ainda maior. Perto das seis horas, velas foram trazidas para a sala e se somaram aos lampiões já acesos. Contudo, nenhum empregado havia tido a ideia de trazer as velas, na hora em que cheguei. Numa sala vizinha, dois clientes de ar um tanto soturno, carrancudos e calados, estavam jantando em mesas separadas. Numa sala mais distante, havia

muito barulho; chegavam a gritar; ouviam-se as risadas de um bando numeroso; ouviam-se também alguns guinchos franceses atrozes: tratava-se de um jantar com damas. Em suma, era muito nojento. Poucas vezes passei momentos tão abomináveis e, assim, às seis em ponto, quando eles apareceram todos juntos, eu, no primeiro instante, me alegrei com sua chegada, como se fossem uma espécie de libertadores, e por pouco não esqueci que eu tinha o dever de me mostrar ofendido.

Zvierkov entrou na frente dos outros, obviamente era o líder. Ele e todos os demais riam; porém, assim que me viu, Zvierkov ficou sério, aproximou-se sem pressa, dobrou o corpo na linha da cintura, numa reverência, como se fosse para se exibir, e me estendeu a mão carinhosamente, mas não muito, com certo cuidado, quase com a polidez de um general, como se, ao mesmo tempo que me estendia a mão, também se resguardasse de alguma coisa. Eu, ao contrário, imaginei que ele, tão logo entrasse, iria dar uma gargalhada com seu riso de antigamente, fininho e esganiçado, e que, desde as primeiras palavras, despejaria suas piadas e gracinhas banais. Eu havia me preparado para ele desde o dia anterior, mas não esperava nem de longe tamanha arrogância, uma cortesia tão condescendente. Quer dizer então que, agora, ele já se considerava completamente, incomensuravelmente, superior a mim em todos os aspectos? Se ele quisesse apenas me ultrajar com aquela pose de general, não haveria nada demais, eu pensava; de um jeito ou de outro, eu mandaria tudo para o inferno. Porém, e se de fato, sem nenhum desejo de ofender, naqueles seus miolos de carneiro, tivesse se infiltrado, a sério, a ideiazinha de que ele era incomensuravelmente superior a mim e não podia me olhar senão

com ar protetor? Bastava essa mera suposição para eu começar a sentir falta de ar.

— Eu soube com surpresa do seu desejo de se juntar a nós — disse ele, entre sibilos e cicios, esticando as palavras, algo que antes não fazia. — Eu e o senhor, de certo modo, quase nunca nos vemos. O senhor se esquivava de mim. Sem motivo. Não sou tão terrível como o senhor pensa. Muito bem, em todo caso, estou contente de res-ta-be-le-cer…

E, com displicência, me deu as costas para colocar o chapéu na janela.

— Está esperando há muito tempo? — me perguntou Trudoliúbov.

— Cheguei às cinco horas em ponto, como me pediram ontem — respondi em voz bem alta e com uma irritação que prometia uma iminente explosão.

— Então você não avisou a ele sobre a mudança de horário? — Trudoliúbov virou-se para Símonov.

— Não avisei. Esqueci — respondeu ele, mas sem o menor remorso e, sem ao menos me pedir desculpa, foi providenciar as entradas do jantar.

— Então o senhor já está aqui há uma hora? Ah, coitado! — gritou Zvierkov em tom divertido, porque, no seu modo de ver, aquilo devia ser mesmo tremendamente engraçado.

A exemplo dele, o patife do Ferfítchkin riu com sua vozinha de cachorro, canalha e estridente. Estava achando mesmo muito engraçada minha situação constrangedora.

— Isto não tem graça nenhuma! — comecei a berrar para Ferfítchkin, cada vez mais tomado pela irritação. — A culpa é dos

outros, não minha. Não se deram ao trabalho de me avisar. Isto, isto, isto… é um verdadeiro absurdo.

— Não é só um absurdo, é bem mais que isso — rosnou Trudoliúbov, ingenuamente tomando minha defesa. — O senhor está sendo complacente demais. É uma verdadeira falta de civilidade. Claro, não foi de propósito. Mas como foi que o Símonov… Hum!

— Se fizessem essa brincadeira comigo — comentou Ferfítchkin —, eu acho que…

— Sei, o senhor mandaria que lhe servissem logo alguma coisa para beber — cortou Zvierkov — ou simplesmente pediria o jantar de uma vez, sem esperar os outros.

— O senhor há de convir que eu poderia muito bem ter feito isso, e sem pedir licença a ninguém — interrompi. — Se eu esperei, foi porque…

— Vamos sentar, senhores — gritou Símonov, entrando na sala. — Tudo pronto; o champanhe é por minha conta, está bem gelado… Acontece que eu não sei o endereço do seu apartamento. Como eu ia localizar o senhor? — Virou-se de repente na minha direção, mas, de novo, sem olhar exatamente para mim. Era óbvio que tinha algo contra a minha pessoa. Portanto, ele andara refletindo desde o dia anterior.

Todos sentaram; eu também. A mesa era redonda. À minha esquerda, sentou-se Trudoliúbov; à direita, Símonov. Zvierkov sentou-se à minha frente; Ferfítchkin, a seu lado, entre ele e Trudoliúbov.

— Mas me di-i-iga, o senhor está… em que departamento? — Zvierkov continuou a se ocupar comigo. Vendo que eu estava

embaraçado, supôs que precisava me tratar com afeição e, por assim dizer, me encorajar. “Mas o que é que ele quer? Que eu jogue uma garrafa em cima dele?”, pensei, tomado pela fúria. Por falta de costume, eu me irritava com uma rapidez estranha.

— Na repartição de… — respondi com voz entrecortada, olhando para o prato.

— E, para o sssenhor, é… vvvantajoso? Diiiga-me, o que levvvou o senhorrr a deixar o emmmprego anterior?

— O que me levvvou foi o ffffato de que eu queria deixar o emprego anterior. — Eu estiquei as palavras duas vezes mais, já quase sem conseguir me controlar. Ferfítchkin bufou. Símonov olhou para mim com ironia. Trudoliúbov parou de comer e se pôs a me observar com curiosidade.

Zvierkov ficou chocado, mas não quis deixar transparecer.

— Mu-u-uito bem, e quanto a seu sustento?

— Mas que sustento?

— Quero dizer, o seu salário.

— Mas o que é isto, um interrogatório?

Entretanto, respondi na mesma hora quanto eu ganhava. E fiquei horrivelmente vermelho.

— Não é nenhuma fortuna — comentou Zvierkov, com ar pomposo.

— Sim, senhor, não dá para jantar em restaurantes e cafés! — acrescentou Ferfítchkin, com insolência.

— Para mim, é uma verdadeira miséria — observou Trudoliúbov, muito sério.

— E como o senhor emagreceu, como mudou… de lá para cá… — acrescentou Zvierkov, já com certo veneno na voz, com uma

compaixão desaforada, enquanto olhava bem para mim e para minha roupa.

— Chega de encabular o coitado — gritou Firfítchkin, entre risadinhas.

— Prezado senhor, fique sabendo que não estou encabulado — explodi, afinal. — Escute bem! Eu estou aqui jantando, “num café e restaurante”, por minha própria conta, com meu dinheiro, e não dos outros, observe bem isto, monsieur Ferfítchkin.

— O quê-ê-ê? Mas quem é que não está aqui jantando por sua conta? O senhor parece… — Ferfítchkin fincou pé, vermelho como uma lagosta, fitando-me nos olhos com fúria encarniçada.

— É isssso messsmo — respondi, sentindo que tinha ido longe demais. — E acredito que seria melhor se nos ocupássemos com uma conversa mais inteligente.

— Parece, então, que o senhor pretende mostrar sua inteligência?

— Não se preocupe: aqui, seria de todo supérfluo.

— Mas, meu nobre senhor, o que foi que houve agora, que começou a cacarejar, hein? Será que não ficou maluco de vez, lá no seu *lepartamento*?

— Chega, senhores, chega! — bradou Zvierkov, com onipotência.

— Como isto é idiota! — exclamou Símonov.

— De fato, isto é uma tolice; nós nos reunimos amistosamente para a despedida de um bom colega e o senhor resolve ajustar contas logo agora — falou Trudoliúbov, dirigindo-se apenas a mim. — Foi o senhor mesmo que, ontem, nos pediu para vir, portanto não perturbe a harmonia geral…

— Chega, chega — gritou Zvierkov. — Parem, senhores, isto não fica bem. Olhem, é melhor que eu conte aos senhores como foi que,

três dias atrás, eu quase me casei…

E então teve início uma espécie de conto picaresco sobre como aquele senhor quase havia se casado três dias antes. Sobre o casamento, no entanto, não se ouviu nem uma palavra, porém, o tempo todo, no correr da história, cintilavam generais, coronéis e até camareiros da corte, enquanto Zvierkov despontava no meio deles quase como o líder de todos. Começaram os risos de aprovação; Ferfítchkin chegava a ganir.

Todos me deixaram de lado e então fiquei quieto, esmagado, reduzido a pó.

“Meu Deus, será que este é de fato meu meio social?”, pensei. “E que papel de bobo eu fiz na frente deles! Acho que dei confiança demais para Ferfítchkin. Os palermas acham que eles é que me fizeram uma honra, e não eu a eles! ‘Ficou magro! Que roupa!’ Ah, malditas calças! Agora há pouco, Zvierkov notou a mancha amarela no meu joelho… Mas o que é que estou fazendo aqui? Já, já, eu vou me levantar da mesa, pegar meu chapéu e simplesmente ir embora daqui, sem dizer nem uma palavra… Por desprezo! Mesmo que amanhã eu tenha de travar um duelo. Patifes. Não é por causa de sete rublos que vou ficar me lamentando. Na certa, estão pensando… Que vão todos para o inferno! Não vou chorar por causa de sete rublos! Já, já, eu vou embora daqui!…”

Claro que acabei ficando.

Por desgosto, eu bebia o Laffite e o xerez um copo atrás do outro. Por falta de costume, logo me embriaguei e, com a embriaguez, aumentou o despeito. De repente, me deu vontade de insultar todos eles da maneira mais descarada e depois ir embora dali. Aproveitar a hora certa e mostrar quem eu era — e aí eles iam dizer: apesar de

ridículo, até que ele é inteligente… e… e… em suma, que vão todos para o diabo!

Com insolência e olhos turvos, observei todos eles, um por um. No entanto, eles pareciam ter me esquecido por completo. Entre *eles*, havia barulho, alarido, alegria. Zvierkov não parava de falar. Comecei a prestar atenção. Zvierkov estava falando sobre alguma dama da mais alta sociedade a quem ele acabou induzindo a lhe fazer uma declaração de amor (claro, Zvierkov estava mentindo como um cavalo), para o que recebera a ajuda de um amigo íntimo, certo principezinho, o hussardo Kólia, dono de uma propriedade rural com três mil almas.

— No entanto, esse tal de Kólia, que é dono de três mil almas, não está aqui e não veio se despedir do senhor — me intrometi na conversa de repente. Por um momento, todos ficaram calados.

— O senhor agora está embriagado — enfim, Trudoliúbov se dignou a notar minha presença, olhando para mim de lado e com desprezo. Zvierkov me observava em silêncio, como se olha para um inseto. Baixei os olhos. Mais que depressa, Símonov tratou de servir champanhe.

Trudoliúbov ergueu sua taça, todos o acompanharam, menos eu.

— À sua saúde e boa viagem! — bradou para Zvierkov. — Aos velhos tempos, senhores, e ao nosso futuro, hurra!

Todos beberam sua taça até o fim e vieram se arrastando a fim de beijar Zvierkov. Eu nem me mexi; a taça continuava cheia, na minha frente, intacta.

— Mas o senhor não vai beber? — berrou Trudoliúbov, perdendo a paciência e se dirigindo a mim em tom de ameaça.

— Eu quero fazer um discurso especial… depois eu vou beber, sr. Trudoliúbov.

— Despeitado nojento! — exclamou Símonov.

Aprumei o corpo na cadeira e apanhei a taça, tomado por uma febre, preparando-me para algo extraordinário, sem que eu mesmo soubesse exatamente o que ia dizer.

— *Silence!* — gritou Ferfítchkin. — Abram alas para a inteligência!

Zvierkov esperava com ar muito sério, entendendo do que se tratava.

— Senhor tenente Zvierkov — comecei. — O senhor sabe que eu odeio fraseados, fraseadores, frasistas e roupas de cinturinha apertada… Este é o primeiro ponto; depois dele virá o segundo.

Todos se agitaram bastante.

— Segundo ponto: eu detesto conquistadores e histórias indecentes. Sobretudo quem conta histórias indecentes! Terceiro ponto: eu amo a verdade, a sinceridade e a honra — prossegui quase mecanicamente, porque eu mesmo já começava a gelar de pavor, sem entender como eu estava falando daquele jeito… — Eu amo o pensamento, monsieur Zvierkov; eu amo a camaradagem autêntica, em pé de igualdade, e não… hmm… Eu amo… Mas por que não? Também vou beber à sua saúde, monsieur Zvierkov. Seduza as circassianas,[21] atire nos inimigos da pátria e… e… À sua saúde, monsieur Zvierkov!

Zvierkov se levantou, curvou-se para mim numa reverência e disse:

— Sou muito grato ao senhor.

Ele estava terrivelmente ofendido, até empalideceu.

— Que o diabo o carregue — rugiu Trudoliúbov, batendo na mesa com o punho cerrado.

— Não, senhor, por essa ele vai ter de levar um murro na cara! — ganiu Ferfítchkin.

— Temos de pôr esse sujeito para fora! — exclamou Símonov.

— Nem uma palavra, senhores, nem um gesto! — gritou Zvierkov com ar solene, freando a indignação geral. — Agradeço a todos, mas eu próprio sou capaz de mostrar a este cavalheiro o quanto eu prezo suas palavras.

— Sr. Ferfítchkin, amanhã mesmo o senhor terá de me dar satisfação pelas palavras que pronunciou agora! — falei bem alto, me dirigindo a Ferfítchkin em tom grave.

— Quer dizer, um duelo, senhor? Estou a seu dispor — respondeu. Porém, com certeza, eu parecia tão ridículo ao lançar o desafio e aquilo era tão incompatível com a minha figura que todos os demais simplesmente rolaram de tanto rir e o próprio Ferfítchkin os imitou.

— Sim, é claro, vamos deixá-lo de lado! Já está completamente embriagado! — exclamou Trudoliúbov com nojo.

— Nunca vou me perdoar por tê-lo incluído no jantar! — rosnou Símonov mais uma vez.

“Pronto, é agora que eu vou jogar uma garrafa em cima de todos eles”, pensei, apanhei uma garrafa e… bebi um copo inteiro de uma vez só.

“Não, é melhor permanecer até o fim!”, continuei a pensar. “Os senhores ficariam contentes se eu fosse embora. De jeito nenhum. Vou ficar aqui de propósito e beber até o final, para mostrar que não dou aos senhores a menor importância. Vou ficar e beber, porque

isto aqui pode ser até uma taberna vagabunda, mas eu paguei para entrar. Vou ficar e beber, porque, para mim, vocês são uns fantoches, e uns fantoches que nem chegam a existir. Vou ficar e beber… e vou até cantar, se eu quiser, sim, senhor, vou cantar porque tenho o direito… de cantar… hum!”

Mas não cantei. Só tentei não olhar para nenhum deles; fiz umas poses muito independentes e, com paciência, esperei a hora em que eles mesmos, *primeiro*, decidissem falar comigo. Só que, infelizmente, não falaram comigo. E que vontade, que vontade eu tive, naquele momento, de fazer as pazes com eles! Bateram oito horas e, enfim, nove. Passaram da mesa para o sofá. Zvierkov se recostou num pequeno divã, apoiando uma perna numa mesinha redonda. Para lá também levaram a bebida. De fato, ele mandou servir três garrafas por sua conta. A mim, é claro, ele não convidou. Todos sentaram à sua volta, no sofá. Ouviam suas palavras quase com adoração. Era evidente que o amavam. “Por quê? Por quê?”, eu pensava. De vez em quando, chegavam a um êxtase de ebriedade e se beijavam.[22] Falavam do Cáucaso, do que era a verdadeira paixão, do *gálbik*,[23] dos postos mais vantajosos no serviço público, de quanto era a renda do hussardo Podkharjévski, que nenhum deles conhecia pessoalmente, e se regozijaram por ele receber uma renda tão elevada; falaram sobre a beleza e a graça extraordinárias da princesa D., que também nenhum deles jamais tinha visto; por fim, chegaram a concluir que Shakespeare era imortal.

Eu sorria com desdém e caminhava pelo lado oposto da sala, bem na frente do sofá, ao longo da parede, andava da mesa até a estufa e voltava. Queria, com todas as minhas forças, mostrar que

podia passar perfeitamente sem eles; entretanto, de propósito, batia com as botas no chão, parava apoiado nos saltos. Mas tudo em vão. *Nem assim* prestavam a menor atenção em mim. Eu tive a paciência de ficar passando bem na frente deles, das oito até as onze horas, sempre pelo mesmo lugar, da mesa até a estufa e da estufa direto para a mesa. “Estou andando porque eu quero e ninguém pode me proibir.” Um empregado que entrou na sala parou algumas vezes a fim de olhar para mim; por causa das constantes idas e vindas, minha cabeça rodava; em certos momentos, tive a impressão de estar delirando. Durante aquelas três horas, por três vezes fiquei ensopado de suor e depois me sequei. Às vezes, com uma dor abissal, venenosa, uma ideia se cravava em meu coração: passariam dez, vinte, quarenta anos e eu, mesmo assim, depois de quarenta anos, iria me lembrar, com repugnância e humilhação, daqueles minutos, os mais sórdidos e os mais ridículos de toda a minha vida. Seria impossível rebaixar a mim mesmo de modo mais desavergonhado e voluntário, e eu compreendia aquilo plenamente, plenamente, e mesmo assim continuava a caminhar da mesa até a estufa e a voltar da estufa para a mesa. “Ah, se vocês ao menos soubessem de que pensamentos e sentimentos eu sou capaz e como sou evoluído!”, eu pensava em certos momentos, enquanto me dirigia pensativo na direção do sofá, onde meus inimigos estavam sentados. Porém meus inimigos se portavam como se eu nem estivesse na sala. Uma vez, só uma única vez, se voltaram para mim, exatamente quando Zvierkov começou a falar de Shakespeare e eu, de súbito, gargalhei com desprezo. Soltei uma risada, bufando pelo nariz, de maneira tão sórdida e artificial que todos eles, de um só golpe, interromperam a conversa e me

observaram em silêncio por uns bons dois minutos, com ar sério, sem rir, enquanto eu caminhava ao longo da parede, da mesa até a estufa, e perceberam que *eu não lhes dava a menor atenção*. Só que não adiantou nada: eles não me dirigiram nenhuma palavra e, após dois minutos, me deixaram de lado mais uma vez. Bateram onze horas.

— Senhores — pôs-se a gritar Zvierkov, erguendo-se do sofá. — Agora, todos para *lá*.

— Claro, claro! — responderam os outros.

Virei-me bruscamente para Zvierkov. Eu estava tão atormentado, tão abatido, que preferia pôr logo um fim naquilo tudo, mesmo que tivesse de cortar meu pescoço! Tinha febre; os cabelos, ensopados de suor, secaram em contato com a testa e com as têmporas.

— Zvierkov! Peço perdão ao senhor — falei de modo brusco e decidido. — Ferfítchkin, ao senhor também, e a todos, a todos vocês, eu ofendi a todos!

— Ahá! Duelos não lhe agradam, não é, meu caro? — chiou Ferfítchkin com veneno.

Senti uma pontada de dor no coração.

— Não, eu não tenho medo de duelos, Ferfítchkin! Estou pronto a me bater contra o senhor amanhã mesmo, logo depois de fazermos as pazes. Eu até faço questão disso e o senhor não pode recusar. Quero mostrar ao senhor que não tenho medo nenhum de duelos. O senhor vai atirar primeiro e eu vou disparar para o alto.

— Está de brincadeira — comentou Símonov.

— Ele está é doido! — retrucou Trudoliúbov.

— Mas me deixe passar, o senhor ficou parado no meio do caminho!… Muito bem, o que é que o senhor deseja? — replicou

Zvierkov. Todos estavam vermelhos; os olhos de todos brilhavam: tinham bebido muito.

— Eu peço a sua amizade, Zvierkov, eu ofendi o senhor, mas…

— Ofendeu? O s-senhor? A mi-i-im? Pois fique sabendo, prezado cavalheiro, que o senhor nunca e em nenhuma circunstância, qualquer que fosse, poderia ofender a *mim*!

— Agora chega, para o senhor acabou-se, suma daqui! — enfatizou Trudoliúbov.

— A Olímpia é minha, senhores, está combinado! — gritou Zvierkov.

— Nem se discute, nem se discute! — responderam, entre risadas.

Fiquei parado, coberto pelo desprezo. O bando barulhento foi saindo da sala, Trudoliúbov arrastava alguma canção idiota. Símonov ficou para trás por um breve minuto, para dar uma gorjeta aos empregados. De repente, cheguei perto dele:

— Símonov, me empreste seis rublos! — falei em tom decidido e desesperado.

Ele deu uma olhada para mim, com uma surpresa extraordinária nos olhos um tanto embotados. Assim como os outros, estava bêbado.

— Então o senhor também quer ir *lá* conosco?

— Quero!

— Eu não tenho dinheiro! — respondeu em tom cortante, deu uma risada de desdém e fez menção de sair da sala.

Agarrei-o pelo capote. Aquilo era um pesadelo.

— Símonov! Eu vi que o senhor tem dinheiro. Por que me recusa? Por acaso sou algum cafajeste? Cuidado, não me recuse: se o

senhor soubesse, se o senhor soubesse para que eu estou pedindo! Disso depende todo, todo o meu futuro, todos os meus planos…

Símonov sacou o dinheiro do bolso e quase o jogou em cima de mim.

— Pegue, se o senhor é tão desaforado! — exclamou sem a menor piedade e saiu correndo a fim de alcançar os demais.

Fiquei sozinho um minuto. Desordem, restos de comida, um cálice partido no chão, bebida derramada, pontas de cigarro, embriaguez e delírio na cabeça, angústia torturante no coração e, por fim, um lacaio, que tinha visto tudo, tinha ouvido tudo, me fitava nos olhos com curiosidade.

— *Vamos lá!* — gritei. — Ou todos eles, de joelhos e abraçados às minhas pernas, suplicam a minha amizade, ou… ou eu vou dar uma bofetada em Zvierkov!

V

— Então aí está ele, aí está, afinal, o tal choque com a realidade — eu balbuciava, enquanto corria como um raio pela escada. — Isso quer dizer que já não é o papa que abandona Roma e foge para o Brasil; quer dizer que já não é mais um baile junto ao lago de Como!

"Que patife você é!", ressoou na minha cabeça. "Se vai ficar agora fazendo chacota dessas coisas."

— Que seja! — gritei, em resposta a mim mesmo. — Afinal, agora está mesmo tudo perdido!

Já não havia nem sinal deles; porém não importava: eu sabia para onde tinham ido.

Junto à porta, estava um cocheiro de praça noturno sozinho, num capote de lã, todo respingado da neve molhada que continuava a cair e que parecia até morna. O ar estava abafado e nebuloso. Seu cavalinho miúdo, malhado, peludo, também estava todo respingado, e tossia; lembro-me disso muito bem. Atirei-me na direção do trenó frágil; no entanto, mal apoiei um pé para embarcar, a lembrança da maneira como Símonov me dera os seis rublos, pouco antes, sorveu de mim toda a energia e eu, como um saco, desabei no trenó.

— Não! Há muito que fazer a fim de conseguir a minha desforra! — exclamei. — E eu vou me vingar, senão, nesta mesma noite, hei de encontrar o meu fim. Toca para a frente!

Partimos. Um verdadeiro turbilhão rodopiava dentro da minha cabeça.

“Implorar minha amizade de joelhos, isso eles não vão fazer. É uma miragem, uma miragem vulgar, repugnante, romântica e fantasiosa; igual ao baile no lago de Como. E por isso é que eu *tenho* de dar uma bofetada no Zvierkov! Sou obrigado a fazer isso. Portanto, está decidido: agora eu vou voando até lá para dar uma bofetada na cara dele.”

— Corre!

O cocheiro sacudiu as rédeas.

“Assim que eu entrar, dou logo a bofetada. Será que é preciso dizer algumas palavras, a título de introdução, antes de dar a bofetada? Não. Eu vou entrar e dar logo a bofetada. Todos vão estar sentados no salão, enquanto ele, Zvierkov, estará no sofá com a Olímpia. Maldita Olímpia! Uma vez, ela riu da minha cara e me recusou. Eu vou arrastar a Olímpia pelos cabelos e Zvierkov pelas orelhas! Não, é melhor uma orelha só e, puxando por essa orelha, vou arrastá-lo pela sala inteira. Talvez eles comecem a me dar pancadas e me expulsem de lá. Isto é até certo que aconteça. Pois que seja! De um jeito ou de outro, vou primeiro dar a bofetada: a iniciativa é minha; pelas leis da honra, isso é o que interessa; ele já vai ficar manchado e nenhuma surra será capaz de lavar a bofetada, só um duelo. Zvierkov vai ter de se bater comigo. E não importa que eles me deem uma surra. Danem-se, seus infames! O Trudoliúbov é quem vai bater mais: é muito forte; o Ferfítchkin vai me atacar à

traição, pelo lado e, na certa, vai puxar meu cabelo, não há dúvida. Mas que seja, que seja! Estou indo lá para isso. Seus miolos de carneiro serão, afinal, obrigados a compreender a fundo toda esta tragédia! Quando me arrastarem até a porta, vou berrar para todos que, no fundo, eles não valem nem o meu dedo mindinho."

— Corre, cocheiro, corre! — comecei a gritar.

O cocheiro chegou a levar um susto e brandiu o chicote bem alto. Eu gritava com uma voz até selvagem.

"Ao raiar do dia, vamos travar o duelo, já está decidido. Quanto à repartição, está tudo acabado. Agora há pouco, Ferfítchkin falou *lepartamento* em vez de departamento. Mas onde vou arranjar as pistolas? Bobagem! Vou pedir um adiantamento do salário e depois compro as pistolas. E a pólvora, e as balas? Isso é com os padrinhos. Mas como resolver tudo isso antes do raiar do dia? E onde vou arranjar um padrinho? Não tenho conhecidos…"

— Bobagem! — gritei, enquanto o turbilhão rodopiava, mais forte ainda, dentro da minha cabeça. — Bobagem!

"A primeira pessoa que eu encontrar na rua tem a obrigação de ser meu padrinho, custe o que custar, assim como qualquer pessoa é obrigada a tirar da água alguém que está se afogando. É preciso admitir mesmo as circunstâncias mais extravagantes. E se eu amanhã chamar o próprio diretor para ser meu padrinho, até ele vai ter de concordar, por puro sentimento cavalheiresco, e vai guardar segredo! O Anton Antónitch…"

O problema era que, naquele exato momento, eu percebia de modo mais claro e mais cristalino do que qualquer outra pessoa no mundo todo o execrável disparate das minhas suposições e todo o reverso da medalha, porém…

— Corre, cocheiro, corre mais, seu desgraçado, corre!

— Ah, patrão! — exclamou a força da terra.

De repente, um frio tomou conta de mim.

“Quem sabe não seria melhor… quem sabe não seria melhor… ir direto para casa? Ah, meu Deus! Para que, para que, ontem, eu fui inventar de ir a esse jantar? Não, é impossível! E para que ficar três horas andando para lá e para cá, da mesa até a estufa? Não: são eles, eles e mais ninguém, que vão ter de me pagar por eu ficar indo e vindo daquele jeito! Eles vão ter de lavar essa desonra!”

— Corre!

“E se eles me denunciarem à polícia? Não se atreverão! Vão ter medo do escândalo. E se Zvierkov, por desprezo, se recusar a duelar? Isso é até certo que aconteça; mas aí eu vou mostrar para ele… Vou aparecer de repente na estalagem, amanhã, na hora em que ele estiver saindo, vou agarrar sua perna, vou segurar seu capote na hora em que ele for subir na carruagem. Vou cravar os dentes na sua mão, vou dar uma boa mordida nele. ‘Vejam todos a que ponto pode chegar uma pessoa desesperada!’ Não importa que ele esmurre minha cabeça e que todos os outros façam o mesmo. Eu vou gritar para a plateia toda: ‘Olhem bem para este pirralhinho que vai seduzir as circassianas com a minha cusparada na cara!’.

“Claro, depois disso, está tudo acabado! A repartição vai desaparecer da face da terra. Vão me prender, vão me condenar, vão me expulsar do serviço público, vão me pôr na prisão, vão me mandar para a Sibéria, para uma colônia penal. Tanto faz! Daqui a quinze anos, em farrapos, na miséria, quando me soltarem da prisão, eu vou partir atrás dele. E vou achá-lo numa cidade de província, sei lá onde. Vai estar casado e feliz. Vai ter uma filha

crescida… Eu vou dizer: ‘Olhe só, seu monstro, olhe para minhas faces encovadas e para meus andrajos! Eu perdi tudo, a carreira, a felicidade, a arte, a ciência, *a mulher amada*, e tudo por sua culpa. Aqui estão as pistolas. Eu vim para descarregar minha pistola e… e eu perdoo você’. Aí vou disparar para o alto e nunca mais ninguém vai ouvir falar de mim…”

Até comecei a chorar, embora, naquele exato instante, eu soubesse muito bem que tudo aquilo tinha saído de Sílvio e do *Baile de máscaras*, de Liérmontov.[24] De repente, senti uma vergonha horrível, tanta vergonha que mandei frear o cavalo, desci do trenó e fiquei parado na neve, no meio da rua. O cocheiro olhava para mim com surpresa e suspirava.

O que eu podia fazer? Ir lá era impossível, o resultado seria absurdo; e também era impossível deixar tudo de lado, porque, então, o resultado seria… Meu Deus! Como eu podia deixar tudo aquilo de lado? Ainda mais depois de tamanho insulto!

— Não! — exclamei, enquanto me atirava de novo para dentro do trenó. — Já está predestinado, é a minha sina! Corre, corre para lá!

E, de impaciência, bati com o punho cerrado no pescoço do cocheiro.

— Mas o que deu em você, por que está brigando? — desatou a berrar o mujiquezinho, mas fustigou o pangaré de tal modo que o animal começou a dar coices.

A neve molhada desabava em flocos; desabotoei o casaco, não estava nem ligando para a neve. Esqueci todo o resto, pois tinha decidido, em definitivo, dar a bofetada, e eu sentia, com horror, que aquilo tinha de ser *já, a qualquer preço*, ia acontecer agora, e eu sentia também que *já não havia no mundo nenhuma força capaz de*

me impedir. Na escuridão nevada, lampiões desolados cintilavam tristonhos, como tochas num cortejo fúnebre. A neve se infiltrava por baixo do capote, por baixo da gravata, e derretia; eu nem me agasalhava direito: de um jeito ou de outro, estava tudo perdido! Enfim, chegamos. Desci de um salto, quase sem noção de mim mesmo, subi os degraus em disparada e comecei a bater na porta com as mãos e também com os pés. Sobretudo com os pés, e senti uma fraqueza tremenda nos joelhos. Logo abriram a porta; era como se já soubessem que eu viria. (Na verdade, Símonov já havia prevenido os demais que talvez viesse mais alguém e, naquele lugar, de fato, era preciso prevenir e, no geral, tomar precauções. Tratava-se de uma daquelas "lojas de modas" que havia na época e que, faz muito tempo, foram exterminadas pela polícia. De dia, era de fato uma loja; mas, à noite, quem tivesse uma recomendação podia ser recebido ali.) Atravessei a loja em passos ligeiros rumo ao salão, que eu já conhecia e onde brilhava uma única vela, e parei de repente, perplexo: não havia ninguém.

— Onde estão? — perguntei.

Mas estava claro que eles já haviam tido tempo de se dispersar…

À minha frente, estava uma personagem de sorriso tolo, a proprietária em pessoa, que me conhecia, de passagem. Um minuto depois, uma porta se abriu e outra personagem entrou.

Sem dar atenção a nada, saí caminhando pela sala e, ao que parece, falava sozinho. No caminho para lá, eu parecia alguém salvo da morte e, alegremente, com todo o meu ser, pressentia o seguinte: eu daria a bofetada a todo custo, eu daria aquela bofetada a qualquer preço! Só que agora eles não estavam ali e então… tudo desapareceu, tudo se transformou!… Olhei em volta. Ainda não

conseguia entender. De modo mecânico, lancei um olhar para a moça que havia entrado; à minha frente, surgiu de relance um rosto fresco, jovem, um pouco pálido, de sobrancelhas retas e escuras, com um olhar sério, que parecia um pouco espantado. Na mesma hora, gostei muito daquilo; eu teria ódio, caso estivesse sorrindo. Pus-me a observar com mais atenção, como se fizesse um esforço: nem todos os meus pensamentos estavam em ordem. Havia algo de bom e singelo naquele rosto, mas havia também uma seriedade que chegava a causar estranheza. Estou convencido de que, daquele jeito, ela saía perdendo em tal lugar e que nenhum daqueles palermas havia sequer reparado nessa jovem. De resto, nem se poderia dizer que era uma beldade, apesar de ser alta, forte, bem-feita de corpo. Vestia-se de modo extremamente simples. Mas algo asqueroso me mordeu; caminhei direto para ela…

Por acaso, olhei para o espelho. Meu rosto perturbado me pareceu repugnante ao extremo: pálido, maldoso, infame, de cabelos desgrenhados. “Tanto pior, isso até me deixa contente”, pensei. “Estou alegre justamente por parecer repulsivo aos olhos dela; eu gosto disso…”

vi

… Em algum lugar por trás da divisória, como se estivesse debaixo de uma grande pressão, como se alguém o estivesse asfixiando, um relógio começou a roncar. Depois do ronco estranhamente demorado, seguiu-se um retinir agudinho, nojentinho, indicando as horas de modo inesperadamente rápido — como se alguém, de súbito, desse pulos para a frente. Bateram duas horas. Voltei a mim, apesar de não estar dormindo, mas apenas deitado, num vago alheamento.

No quarto estreito, apertado e de teto baixo, atravancado por um imenso guarda-roupa, por caixas de papelão espalhadas e por uma barafunda de andrajos e de roupas quaisquer, a escuridão era quase completa. Um toco de vela aceso sobre a mesa, na ponta do quarto, estava se extinguindo, já bem no fim, e só de quando em quando rebrilhava. Dali a alguns instantes, viria a escuridão.

Não demorei a voltar a mim; de uma só vez e sem esforço, logo recobrei a consciência, como se ela, a consciência, estivesse de tocaia, me vigiando, para de novo se atirar sobre mim. No entanto, mesmo em meu alheamento, o tempo todo, restara na memória uma espécie de pontinho livre daquele alheamento, um pontinho em

torno do qual se moviam com dificuldade meus devaneios de sono. Porém o estranho era o seguinte: tudo que me acontecera naquele dia me parecia agora, já desperto, ter ocorrido muito antes, como se eu já tivesse vivido tudo aquilo havia muito tempo.

Na cabeça, havia uma embriaguez. Eu tinha a impressão de que algo pairava acima de mim, resvalava em mim, me excitava e perturbava. A angústia e o rancor ferviam de novo e procuravam uma saída. De repente, junto a mim, vi dois olhos abertos, que me observavam com curiosidade e obstinação. O olhar era frio e indiferente, tristonho, parecia de todo alheio; dava uma sensação opressiva.

No meu cérebro, ia se formando uma ideia triste e uma espécie de sensação sinistra percorreu todo o meu corpo, como na hora em que penetramos num subsolo úmido e bolorento. Era um tanto esquisito que justamente agora aqueles dois olhos cismassem de se pôr a me observar. Também lembrei que, no decorrer de duas horas, eu não havia falado nenhuma palavra para aquela criatura nem julgara que fosse necessário fazer isso; por algum motivo, pouco antes, tal situação até me agradava. Mas agora, de repente, absurda, repulsiva como uma aranha, me veio com clareza a ideia da depravação, que, sem amor, brutal e despudorada, começa sem rodeios por aquilo que coroa o amor verdadeiro. Assim, ficamos olhando demoradamente um para o outro, mas ela não baixava os olhos diante dos meus, e seu olhar não se alterava, a tal ponto que, afinal, não sei por quê, me deu medo.

— Como você se chama? — perguntei de modo abrupto, para acabar mais depressa com aquilo.

— Liza — respondeu quase num sussurro, mas sem a mínima cortesia, e desviou os olhos.

Fiquei calado.

— O tempo hoje… a neve… está horrível! — exclamei quase para mim mesmo, pus a mão atrás da cabeça e olhei para o teto.

Ela não respondeu. Tudo aquilo era medonho.

— Você é daqui? — perguntei, um minuto depois, quase furioso, a cabeça ligeiramente virada para ela.

— Não.

— De onde?

— De Riga — falou a contragosto.

— Alemã?

— Russa.

— Está aqui há muito tempo?

— Onde?

— Nesta casa.

— Duas semanas. — Falava de modo cada vez mais seco. A vela se apagara de todo; eu já não conseguia distinguir seu rosto.

— Tem mãe e pai?

— Sim… não… tenho.

— Onde estão?

— Lá… em Riga.

— E o que eles fazem?

— Nada…

— Como nada? Qual é a classe social deles?

— Pequena burguesia.[25]

— Você sempre morou com eles?

— Sim.

— Quantos anos tem?

— Vinte.

— Por que deixou seus pais?

— Por nada…

Aquele *nada* queria dizer: me deixe em paz, isto é enjoado.

Ficamos calados.

Só Deus sabe por que eu não ia embora dali. Para mim mesmo, era cada vez mais incômodo e aflitivo. As imagens de todo o dia anterior começaram a desfilar na minha memória, em desordem, como que por vontade própria, sem minha permissão. De súbito, recordei uma cena que tinha visto na rua, de manhã, quando eu caminhava depressa e preocupado rumo ao trabalho.

— Hoje estavam carregando um caixão e por pouco não o deixaram cair — falei de repente, em voz baixa, por nada, quase à toa, sem a menor vontade de entabular conversa.

— Um caixão?

— Sim, na praça Sennaia; estavam tirando de um porão.

— De um porão?

— Não de um porão propriamente, mas de um andar no subsolo… bem, você sabe… lá embaixo… numa casa mal-afamada… Tinha tanta sujeira em volta… Cascas, lixo… fedia… era nojento.

Silêncio.

— O dia hoje está horrível para um enterro! — recomecei, só para não ficar calado.

— Horrível por quê?

— Essa neve, tudo molhado… — Bocejei.

— Tanto faz — disse ela, de repente, após um breve silêncio.

— Não, é repugnante… — Bocejei de novo. — Na certa, os coveiros praguejavam porque a neve molhava tudo. E na certa tinha água dentro da sepultura.

— Por que tinha água na sepultura? — ela perguntou com certa curiosidade, porém falou de modo ainda mais bruto e mais seco do que antes. De repente, algo começou a me atiçar.

— É claro, a seis *verchok* de profundidade, já tem água. Lá no cemitério de Vólkovo, não se consegue cavar nenhuma cova seca.

— Por quê?

— Por quê? Ora essa, a área toda é cheia de água. Tudo aqui é um pântano. E aí eles colocam o caixão na água mesmo. Eu já vi… muitas vezes…

(Eu nunca tinha visto e nunca tinha ido ao cemitério de Vólkovo, só ouvia dizer.)

— Mas, então, para você, morrer não faz diferença nenhuma?

— Mas por que eu vou morrer? — retrucou ela, como se estivesse se defendendo.

— Um dia vai morrer sim, e vai morrer exatamente como a falecida de ontem. Também era uma… dessas moças… Morreu de tuberculose.

— Deve ser a tal menina que morreu no hospital… — Ela já devia saber da história, pensei, porque disse “a tal menina” e não a moça.

— Tinha uma dívida com a dona da casa — insisti, cada vez mais instigado pela discussão. — E prestou serviços para ela quase até o fim, apesar de estar com tuberculose. Os cocheiros de praça, ali em volta, estavam conversando com os soldados e contaram. Na certa, tinham conhecido a moça. Riam. Queriam ir depois à taberna para

beber à memória dela. — Eu estava inventando um monte de mentiras.

Silêncio, profundo silêncio. Ela nem se mexia.

— Não acha que morrer no hospital é melhor?

— Não dá tudo na mesma?… Mas por que é que eu tenho de morrer? — acrescentou com irritação.

— Agora não, mas e depois?

— Nem depois…

— Como não? Hoje você é jovem, bonita, fresca, por isso dão valor a você. Depois de um ano nessa vida, você não vai estar mais assim, vai murchar.

— Daqui a um ano?

— De um jeito ou de outro, daqui a um ano seu preço vai ser mais baixo — continuei, com um prazer perverso. — Você vai ter de mudar daqui para um lugar inferior, para outra casa. E, depois de mais um ano, vai para uma terceira casa, e irá sempre assim, cada vez mais para baixo e, depois de sete anos, vai parar lá naquele mesmo porão da praça Sennaia. Mas isso ainda não é o pior. A desgraça mesmo é se você, ainda por cima, pegar *alguma* doença, sabe, uma fraqueza no peito… ou se apanhar um resfriado ou alguma outra coisa. Numa vida como essa, é difícil curar uma doença. Ela se entranha com força, entende, e não larga mais. Aí, você vai morrer.

— Então, que eu morra — respondeu, já com muita raiva, e teve um rápido tremor.

— Mas dá pena.

— De quem?

— Essa vida me dá pena.

Silêncio.

— Você tinha um noivo, não tinha?

— O que o senhor tem com isso?

— Ora, eu não estou fazendo um interrogatório. Para mim, tanto faz. Por que você está zangada? Você pode ter tido os seus desgostos, é claro. Para mim, tanto faz. Mesmo assim, dá pena.

— De quem?

— Pena de você.

— Não tem motivo… — sussurrou de modo quase inaudível e, de novo, estremeceu.

Na mesma hora, aquilo me deixou exasperado. Como assim? Eu fui tão delicado e ela…

— Mas o que é que você está pensando? Acha que está no bom caminho, é?

— Não estou pensando nada.

— Se não está pensando, é pior ainda. Acorde enquanto há tempo. E ainda há tempo. Você ainda é jovem, bonita; podia se apaixonar, casar-se, ser feliz…

— Nem todas as mulheres casadas são felizes — cortou ela, com a fala acelerada e ríspida de antes.

— Nem todas, é claro. Mesmo assim, é muito melhor do que viver aqui. Nem tem comparação. Mesmo sem amor e sem felicidade, dá para levar a vida. Mesmo com desgosto, a vida é bela, é bom viver neste mundo, não importa como se viva. Mas aqui, o que existe além do… mau cheiro? Argh!

Virei a cara com asco; eu não estava mais argumentando com frieza. Eu mesmo começava a sentir aquilo que estava dizendo e fui me empolgando. Eu já estava sôfrego para expor minhas

ideiazinhas secretas, cultivadas às escondidas. De repente, algo se inflamou dentro de mim, uma espécie de objetivo “me ocorreu”.

— Não leve em conta o fato de eu estar aqui, eu não sirvo de exemplo. Talvez eu seja até pior do que você. Aliás, eu cheguei aqui bêbado — apesar de tudo, tratei logo de me justificar. — Além do mais, o homem nunca pode servir de exemplo para a mulher. A questão é outra: mesmo que eu me emporcalhe, me cubra de lama, apesar de tudo, eu não sou escravo de ninguém; eu chego, vou embora e, pronto, não estou mais aqui. Eu me sacudo bem e já sou de novo outra pessoa. Quanto a você, desde o início é uma escrava. Sim, uma escrava! Você renuncia a tudo, a toda a liberdade. E depois vai querer romper essa corrente, mas já não vai conseguir: ela vai prender você cada vez com mais força. Essa corrente maldita é assim. Eu conheço. Sobre outras coisas, eu já não vou falar, você também não ia entender, talvez, mas me diga lá: afinal, você com certeza está endividada com a dona da casa, não está? Pronto, está vendo só? — acrescentei, embora ela nem tivesse respondido, apenas me escutava em silêncio, com toda a atenção. — Aí está a sua corrente! Você nunca mais vai conseguir saldar a dívida. É assim que eles fazem. É a mesma coisa que vender a alma para o diabo… Além do mais… como se vai saber? Talvez eu seja tão infeliz quanto você, talvez eu me arraste na lama de propósito, também por causa de uma angústia. Afinal, as pessoas bebem por desgosto: pois bem, e eu estou aqui… por desgosto. Mas diga lá: o que há de bom aqui? Olhe, nós… nos deitamos… agora há pouco, e não dissemos nem uma palavra um para o outro, o tempo todo, e depois você ficou me olhando feito uma selvagem; e eu também fiquei olhando assim para você. Por acaso é assim que

as pessoas amam? Por acaso é assim que as pessoas devem se unir? Isso é só sem-vergonhice e mais nada!

— É isso mesmo! — de modo brusco e apressado, ela concordou comigo. Cheguei a me espantar com a presteza da resposta. Portanto, quem sabe, talvez a mesma ideia já andasse pela sua cabeça, enquanto ela me observava, pouco antes. E, portanto, também, quem sabe, ela já era capaz de ter certas ideias… “Que o diabo me carregue! Isso é curioso, isso é uma… *afinidade*”, pensei. E quase esfreguei as mãos. “Ora, como não se aproximar de uma alma tão jovem como essa?…”

Mais que tudo, era o jogo que me atraía.

Ela virou a cabeça mais para perto de mim e, foi o que me pareceu na escuridão, apoiou-a no braço. Talvez estivesse me observando. Que pena eu sentia de não poder ver seus olhos. Mas eu ouvia como ela respirava fundo.

— Por que veio para cá? — retomei, já com certa autoridade.

— Por nada…

— Mas é tão bom morar na casa dos pais! É quente, tem liberdade, é o nosso ninho.

— E se lá for pior?

“É preciso encontrar o tom”, passou pela minha cabeça. “De modo sentimental, não vou conseguir grande coisa.”

Entretanto, isso apenas me passou de relance pelo pensamento. Juro que ela me interessava de verdade. Além do mais, eu estava muito debilitado e suscetível. E o embuste, afinal de contas, casa muito bem com o sentimento.

— Quem vai saber? — me apressei logo em responder. — Acontece de tudo neste mundo. Na verdade, estou convencido de

que alguém ofendeu você e é muito mais fácil que os outros tenham feito mal a você do que você ter feito mal a *eles*. Afinal, eu não sei nada da sua história, mas uma jovem como você, com certeza, não veio parar aqui por vontade própria…

— E que tipo de jovem sou eu? — sussurrou em tom quase inaudível; mas deu para ouvir.

“Que diabo, eu já estou bajulando. Isto é repugnante. Mas talvez seja bom…” Ela ficou em silêncio.

— Escute, Liza, eu vou falar por mim! Se eu tivesse tido uma família desde pequeno, eu não seria como sou hoje. Penso nisso muitas vezes. Afinal, por pior que seja, numa família, tem sempre o pai e a mãe, e não inimigos, gente estranha. Mesmo que só uma vez por ano eles demostrem amor por você. Mesmo assim, você sabe que está em casa. Pois bem, eu cresci sem família; por isso, com certeza, fiquei desse jeito… sem sentimentos…

De novo, esperei um pouco.

“Talvez ela não esteja entendendo”, pensei. “É mesmo ridículo… uma lição de moral.”

— Se eu fosse pai e tivesse uma filha, acho até que eu ia amar minha filha mais do que amaria meus filhos homens, na verdade — recomecei, desviando do assunto, como se fosse para distrair Liza. Confesso que eu estava vermelho.

— E por quê? — perguntou.

“Ah, quer dizer que está me ouvindo!”

— Por nada, não sei, Liza. Veja: eu conheci um pai que era uma pessoa severa, inflexível, mas diante da filha ele ficava de joelhos, beijava seus pés e suas mãos, não se cansava de adorar a filha, é sério. Ela ia dançar numa festa e o pai ficava parado cinco horas de

pé no mesmo lugar, sem tirar os olhos dela. Era louco pela filha. Isso eu entendo. Tarde da noite, ela estava cansada, adormecia, mas o pai acordava de madrugada e ia beijar e benzer a filha adormecida. Ele mesmo andava sempre com um sobretudozinho ensebado, era avarento com todo mundo, mas para ela comprava tudo, dava os presentes mais caros, e que alegria, para ele, quando a filha gostava de um presente. O pai sempre gosta mais da filha do que a mãe. Para muitas moças, morar na casa dos pais é uma alegria! Acho até que eu nem deixaria minha filha se casar.

— Mas por que não? — perguntou, com um sorrisinho de nada.

— Eu teria ciúmes, juro. Ora essa, como ela poderia beijar qualquer outro homem? Vai amar um estranho mais do que ama o pai? É difícil imaginar. Claro, tudo isso é um absurdo; claro, no fim, todo mundo põe a cabeça no lugar. Mas eu acho que, antes de deixar a filha se casar, uma preocupação ia ficar me torturando, lá no fundo: eu ia rejeitar todos os noivos. Mas, apesar de tudo, acabaria aceitando o noivo que ela mesma amasse. Pois aquele que a filha ama parece sempre o pior de todos, para o pai. É assim. Muita coisa ruim acontece nas famílias por causa disso.

— Outros pais ficam contentes de vender a filha, em vez de casá-la de forma honesta — falou de repente.

“Ah! Então é isso!”

— Assim acontece nas famílias amaldiçoadas, Liza, em que não existe nem Deus nem amor — emendei logo, exaltado. — E onde não existe amor, também não existe razão. Há famílias assim, é verdade, mas não é disso que estou tratando. Para você falar desse jeito, está claro que não encontrou bondade na sua família. Você

deve ser muito infeliz mesmo. Hum… Essas coisas acontecem mais por causa da pobreza.

— E por acaso com os ricos é melhor? Mesmo na pobreza, as pessoas honestas vivem direito.

— Hum… é. Talvez. Mas tem uma coisa, Liza: as pessoas gostam de levar em conta só os desgostos, mas não a felicidade. Se considerassem as coisas direito, veriam que há uma dose de tudo reservada para cada pessoa. E que, se tudo vai bem na família, Deus abençoa, o marido se torna bom, ama você, é carinhoso, não sai de perto de você! É bom viver nessa família! Mesmo se acontece algum desgosto, de vez em quando, ainda assim é bom; afinal, quem é que vive sem algum desgosto? Você vai se casar e, talvez, *vai descobrir sozinha*. Vamos tomar, por exemplo, os primeiros tempos do casamento com a pessoa que você ama: que felicidade, às vezes, que felicidade! É o que mais se vê por aí. Nos primeiros tempos, até as brigas com o marido terminam bem. Tem mulheres que, quanto mais amam o marido, mais brigam com ele. É sério; conheci uma que dizia assim: “Pois é, eu amo tanto que faço você sofrer só para você sentir como eu amo”. Será que você não sabe que, por amor, a pessoa pode fazer o outro sofrer de propósito? E ainda mais as mulheres. E ela pensa assim: “Depois eu vou amar tanto, vou ser tão carinhosa, que não é nenhum pecado fazer o marido sofrer um pouquinho agora”. E em casa todo mundo vai se alegrar por você, e vai ser bom, vai ter alegria, paz, honestidade… Só que existem, também, algumas que são ciumentas. O marido sai para qualquer lugar, eu conheci uma assim, ela não aguenta de impaciência, sai esbaforida no meio da noite e vai espiar: será que ele não está lá, na casa tal, com certa mulher? Isso já é ruim. E ela

mesma sabe que é ruim e sente um aperto no coração, ela se castiga, e mesmo assim ama; é tudo por amor. E depois da briga, como é bom fazer as pazes, admitir a culpa diante dele, ou até pedir perdão! E como é bom, para os dois, como fica bom, de repente: é como se tivessem se conhecido de novo, se casado de novo, é como se o amor deles estivesse recomeçando. E ninguém, ninguém precisa saber o que acontece entre marido e mulher, se eles amam um ao outro. E, por pior que seja a briga entre os dois, eles não devem chamar nem a própria mãe para ser o juiz da questão nem devem contar para ninguém nada que sabem um do outro. Eles mesmos devem ser os juízes. O amor é um mistério divino e deve permanecer oculto dos olhos de todos, não importa o que tenha acontecido. Com isso, o amor é mais santo, é melhor. Eles vão respeitar mais um ao outro, e muita coisa depende do respeito. E se algum dia existiu amor, se eles se casaram por amor, por que o amor tem de acabar? Por acaso é impossível conservar o amor? É raro o caso em que não se pode fazer isso. Pois bem, e se você tem a sorte de arranjar um marido bom e honesto, por que o amor vai acabar? O amor do início do casamento vai acabar, é verdade, mas aí virá um amor ainda melhor. Eles vão se unir pela alma, todos os seus problemas vão ser resolvidos em comum; não haverá segredos entre os dois. Aí virão os filhos e mesmo os momentos mais difíceis parecerão uma felicidade; basta amar e ser corajoso. Então, o trabalho também vai ser uma alegria e se, algum dia, eles tiverem de abrir mão da sua comida para alimentar os filhos, também isso vai ser uma alegria. E, afinal, depois, os filhos vão amar você por isso; quer dizer, você está poupando para si mesma. Os filhos crescem e você sente que é um exemplo para eles, que

você é um amparo para eles e, quando você morrer, os filhos vão guardar, por toda a vida, os sentimentos e as ideias que você tinha, tal como receberam de você, e vão se comportar à sua imagem e semelhança. Quer dizer, é um grande dever. Então, como poderiam o pai e a mãe não se unirem ainda mais? Dizem que ter filhos é difícil, não é? Mas como podem dizer uma coisa dessas? Ter filhos é uma felicidade celestial! Liza, você gosta de crianças? Eu adoro crianças, tremendamente. Sabe, um menininho assim todo rosadinho que mama no seu peito… qual é o marido que não sente o coração todo dedicado à esposa, quando a vê sentada com o bebê no colo? O bebê rosadinho, rechonchudinho, se estica, todo dengoso, as perninhas e os bracinhos roliços, as unhazinhas bem limpas, miudinhas, tão miudinhas que é até engraçado de ver, e os olhinhos que já parecem compreender tudo. E ele mama, aperta o seu peito com a mãozinha, e brinca. O pai se aproxima, o bebê larga o peito, se empina todo para trás, olha para o pai, começa a rir, e só Deus sabe onde é que está a graça, e de novo, mais uma vez, começa a mamar. Ou ele pega e morde de leve o peito da mãe, se os dentinhos já começaram a nascer, e revira os olhinhos para ela: “Viu só? Dei uma mordida!”. Por acaso, tudo não é pura felicidade quando os três, marido, mulher e bebê, estão juntos? Nesses momentos, é possível perdoar muita coisa. Não, Liza: isso quer dizer que cada um precisa primeiro aprender a viver, para só depois acusar os outros!

“É dessas ilustraçõezinhas de revista, é dessas ilustraçõezinhas que eu preciso para conquistar você!”, pensei no íntimo, juro por Deus, e eu estava falando com sentimento, mas de súbito fiquei vermelho. “E se ela, de repente, der uma gargalhada? Onde é que

eu vou me enfiar?” Essa ideia me deixou em furor. No final da minha fala, eu me entusiasmara de verdade e agora meu amor-próprio parecia um tanto ferido. O silêncio se prolongava. Tive até vontade de lhe dar um cutucão.

— Mas o que é que o senhor… — começou ela de repente, mas parou no meio.

Entretanto, eu já havia compreendido tudo: em sua voz, agora, palpitava outra coisa, algo nem brusco nem bruto nem obstinado, como antes, mas manso e encabulado, e encabulado a tal ponto que, de repente, eu mesmo senti vergonha e culpa, diante dela.

— O que foi? — perguntei, com meiga curiosidade.

— O senhor…

— O que foi?

— O senhor, assim… está falando como num livro — disse ela e, de súbito, em sua voz, pareceu ressoar um toque de zombaria.

O comentário me alfinetou de forma dolorosa. Eu não esperava aquilo.

Mas eu não estava entendendo que ela, de caso pensado, usava a zombaria para se esconder, que este costuma ser o último recurso das pessoas envergonhadas e de coração inocente para se defender de alguém que, de modo bruto e importuno, tenta penetrar em sua alma, pessoas que, até o último minuto, por orgulho, não se rendem e temem expor seus sentimentos diante de nós. Já pela timidez com que ela, algumas vezes, tinha esboçado sua zombaria — que, no entanto, só no fim ela tomou coragem de expressar —, eu deveria ter adivinhado. Só que não adivinhei, e então um sentimento maldoso me dominou.

“Você não perde por esperar”, pensei.

vii

— Ah, chega, Liza, que história é essa de livro, se eu mesmo sinto uma indiferença nojenta. E nem é bem indiferença. Tudo isso despertou agora na minha alma… Será possível, será possível que você mesma não ache nojento ficar aqui? Não, é óbvio que o costume pesa muito! Só o diabo sabe o que o costume é capaz de fazer com uma pessoa. E será que você pensa mesmo a sério que nunca vai envelhecer, que vai ser eternamente bonita e que vão abrigá-la aqui pelos séculos dos séculos? E já nem estou falando da porcaria que é aqui… Aliás, veja bem o que eu vou lhe dizer sobre isto, sobre esta sua vida de agora: olhe só para você hoje, apesar de ser jovem, fresca, bonita, com espírito, com sentimento; pois bem, acontece que eu, agorinha mesmo, quando acordei, na mesma hora, me deu uma sensação de nojo por estar aqui com você! Só em estado de embriaguez é possível que alguém venha parar aqui. Mas se você estivesse em outro lugar, vivendo como vivem as pessoas decentes, aí, talvez, eu não só a cortejaria como até me apaixonaria por você, eu ficaria feliz só com um olhar seu, e mais ainda com uma palavra sua; eu ficaria espreitando-a no portão, cairia de joelhos diante de você; olharia para você como se fosse

minha noiva e ainda acharia isso uma honra para mim. Eu nunca me atreveria a pensar nada que fosse impuro a seu respeito. Mas aqui eu sei que basta eu assoviar que você, querendo ou não, vai vir para mim, e não sou eu que vou perguntar qual é a sua vontade, você é que vai me perguntar isso. O mais humilde dos mujiques pode até vender o próprio trabalho, mas mesmo assim não se escraviza completamente, ele sabe que tem um prazo. Mas e você, qual é seu prazo? Pense bem: do que você está abrindo mão, aqui? O que está vendendo? A alma, uma alma que não lhe pertence, você está vendendo a alma junto com o corpo! O seu amor, você entrega o seu amor para a profanação nas mãos de qualquer bêbado que apareça! O amor! Pois isso é tudo, pois isso é o diamante, é o tesouro de qualquer mocinha, o amor! Pois, para merecer esse amor, tem gente disposta a entregar a própria alma, a marchar para a morte. E agora quanto vale o seu amor? Você foi toda comprada, por inteiro, e para que alguém vai procurar o seu amor aqui, quando tudo é possível mesmo sem amor? Pois não existe ofensa maior para uma jovem, você não entende isso? Olhe, eu ouvi dizer que, aqui, tentam distrair vocês, tolinhas, permitindo que tenham amantes. Pois isso não passa de embuste, trapaça, isso é uma zombaria que fazem com vocês, mas vocês acreditam. Ele, o tal amante, será que ama você de verdade? Eu não acredito. Como é que vai amar, se sabe que logo alguém vai chamar você e ele vai ficar sozinho? Depois disso, nesse caso, ele não passa de um crápula! Por acaso tem um pingo de respeito por você? O que há de comum entre ele e você? Ele ri de você, e até a rouba … aí está todo o amor dele! E é sorte sua que ele ainda não bata em você. Talvez até bata. Se você tem um desses, pergunte só para

ele, pergunte se vai casar com você. Pois ele ainda vai dar uma gargalhada na sua cara, se não cuspir ou der um tapa… e isso quando ele mesmo não vale, talvez, nem duas moedinhas furadas de meio copeque. E para que, afinal, pense bem, para que você destruiu sua vida aqui? Será porque lhe dão café e comida farta? Mas para que estão alimentando você, afinal? Outra jovem, uma jovem honesta, não admite pôr na boca uma comida desse tipo, pois sabe por que motivo está sendo alimentada. Aqui, você está endividada, e estará sempre endividada, até o fim dos tempos vai estar endividada, até o dia em que os clientes começarem a sentir asco de você. E isso vai acontecer logo, não conte com a juventude. Pois, aqui, tudo voa como as carruagens na estrada. E vão acabar pondo você para fora. E não é só que vão pôr você para fora, pois bem antes disso vão começar a implicar com você, vão pegar no seu pé, vão começar a xingar… como se você não tivesse entregado sua saúde para eles, como se não tivesse destruído sua mocidade e sua alma em troca de nada, só para eles, mas sim, ao contrário, como se você é que tivesse arruinado e roubado a dona da casa e deixado sua patroa na miséria. E não espere receber apoio: suas colegas também vão investir contra você, só para agradar a patroa, porque aqui todas são escravas, faz tempo que elas não têm mais consciência nem piedade. Elas se aviltaram, e não existe no mundo nada mais nojento, mais sórdido, mais ultrajante do que os xingamentos que vão lançar contra você. E você vai deixar aqui tudo isso, tudo, sem sobrar nada, a saúde, a mocidade, a beleza, a esperança, e aos vinte e dois anos vai parecer que tem trinta e cinco, e vai ter muita sorte se já não estiver doente, reze a Deus para isso. Pois, agora, pode ser que você ache

que isso não dá trabalho nenhum, que é tudo uma farra! Só que não existe no mundo nenhum trabalho mais pesado e mais opressivo, não há nem nunca houve. Só de pensar, o coração parece se desmanchar em lágrimas. E você não vai se atrever a dizer nem uma palavra, nem meia palavra, quando enxotarem você daqui, vai sair como se a culpa fosse sua. Vai se mudar para outro local, depois para um terceiro, depois ainda para outro até, enfim, acabar lá na praça Sennaia. E lá vão começar a bater em você à toa; é um desses lugares onde isso é uma amabilidade; lá, o freguês é incapaz de fazer um carinho sem antes bater. Você não acredita que lá seja tão repugnante? Pois vá até lá, um dia, quem sabe, e veja com os próprios olhos. Certa vez, no Ano-Novo, vi uma mulher lá, do lado de fora, junto à porta. As colegas tinham posto a mulher para fora, de caçoada, para ela pegar um pouco de frio, só porque estava chorando muito, e fecharam a porta atrás dela. Às nove da manhã, já estava completamente bêbada, desgrenhada, seminua, cheia de marcas de pancadas. Mesmo com o pó de arroz, tinha olheiras escuras; corria sangue do nariz e dos dentes: um cocheiro qualquer tinha acabado de lhe dar uma lição. Estava sentada na escadinha de pedra, com um peixe seco e salgado nas mãos; ela soluçava, repetia alguma coisa sobre a sua “desgraceira”, e batia com o peixe nos degraus. Então, junto à varandinha, se juntaram uns cocheiros de praça e uns soldados embriagados e ficaram mexendo com ela. Você não acredita que vai acontecer o mesmo com você? Pois eu também gostaria de não acreditar, mas, quem vai saber, talvez há uns dez, oito anos, aquela mesma mulher com o peixe seco na mão, vinda sei lá de onde, talvez ela tenha chegado aqui bem fresquinha, como um querubim, inocente, purinha; nada

sabia da maldade, ficava vermelha com qualquer coisa que dissessem. Talvez fosse igual a você, talvez fosse orgulhosa, suscetível, diferente das outras, com ares de rainha, e soubesse no fundo que toda a felicidade do mundo estava à espera de quem se apaixonasse por ela e daquele por quem ela se apaixonasse. E está vendo só como terminou? Então, e se naquele mesmo minuto em que ela estava batendo com o peixe nos degraus sujos, embriagada, descabelada, se naquele minuto viessem à sua lembrança todos os anos que tinha vivido com pureza na casa dos pais, quando ainda ia à escola e, no caminho, o filho da vizinha a observava e acreditava que iria amar aquela menina por toda a vida, que iria pôr seu destino nas mãos dela, e que os dois iriam casar-se e amar um ao outro para sempre, assim que fossem adultos? Não, Liza, será que o destino, será que o seu destino vai ser acabar lá, naquele lugar, no porão, num cantinho qualquer, como aquela moça de hoje, e morrer de tuberculose, ainda que seja num hospital? Num hospital, você não disse? Muito bem, vão levar você para lá, mas e se a dona da casa ainda precisar de você? A tuberculose é uma doença tão séria; não é uma febrezinha à toa. Até o último instante, a pessoa tem esperança e diz que está bem. E vai se consolando. E para a dona da casa isso é vantajoso. Não se preocupe, é assim mesmo; quer dizer, você vendeu a alma e ainda por cima está devendo dinheiro, portanto não vai ter coragem de dar nem um pio. E vai morrer, todo mundo vai abandonar você, todo mundo vai lhe dar as costas… afinal, o que ainda restou para tomar de você? E ainda vão reclamar, porque você está ocupando um lugar de graça, está demorando muito a morrer. Você nem vai conseguir mais pedir água e, quando lhe derem água, vão praguejar contra você:

“Quando é que vai esticar as canelas de uma vez, sua desgraçada; está atrapalhando o sono dos outros, fica gemendo e os fregueses sentem nojo”. É assim mesmo; eu já ouvi essas palavras. Vão pegar você agonizante e meter no canto mais fedorento do porão, mais escuro, mais úmido; estirada lá, sozinha, o que é que você vai poder pensar? Vai morrer, e então mãos estranhas tratarão de arrumar você às pressas, entre resmungos, com impaciência, ninguém vai aparecer para dar uma bênção, ninguém vai dar um suspiro por você, cuidarão apenas de tirar logo esse peso das costas. Vão comprar um caixote qualquer, carregar como carregaram hoje aquela coitada e, depois, vão comemorar na taberna. Dentro da cova, lama, sujeira, neve molhada… não vai ser por você que vão ficar de cerimônia, não é? “Baixa logo ela de uma vez, Vaniukha; que *desgraceira*, até aqui essazinha fica com as pernas para cima. Puxa direito essas cordas aí, seu moleque.” “Desse jeito já está bom.” “Que bom o quê. Ela está virada de lado. Também era um ser humano, não era? Bom, então deixa assim mesmo, joga logo a terra.” E nem vão querer ficar muito tempo praguejando por sua causa. Vão despejar de uma vez o barro encharcado e azul e voltar logo para a taberna… E esse é o fim da sua memória no mundo; para os outros túmulos, virão os filhos, os pais, os maridos, mas para o seu, nem lágrimas nem soluços nem lembranças, e ninguém, ninguém nunca no mundo inteiro virá à sua sepultura, seu nome vai desparecer da face da terra, como se você nunca tivesse existido ou mesmo nascido! Só a lama, um verdadeiro pântano, e não adianta você bater na tampa do caixão de madrugada, quando os mortos se levantam: “Deixem-me sair daqui, pessoas bondosas, para eu viver um pouco no mundo! Eu estou viva, eu não vi a vida, minha vida foi

embora pelo ralo, beberam minha vida numa taberna da praça Sennaia; deixem-me sair, pessoas bondosas, quero viver de novo no mundo!…”.

Entrei num clima tão patético que cheguei perto de ter um espasmo na garganta e… de repente, parei, aprumei o corpo com o susto e, inclinando a cabeça de medo, me pus a escutar atento, com o coração palpitante. Havia motivo para ficar abalado.

Fazia tempo que eu pressentia que estava revirando sua alma toda e partindo seu coração e, quanto mais me convencia disso, mais desejava atingir esse objetivo, o mais rápido possível e com toda a força. O jogo, era o jogo que me atraía; aliás, não era só o jogo…

Eu sabia que estava falando de modo bruto, artificial, até livresco, numa palavra, eu não era capaz de falar senão “como num livro”. Mas isso não me atrapalhava; pois eu sabia, eu pressentia que seria compreendido e que o próprio tom livresco ia me ajudar. Mas agora, uma vez produzido o efeito desejado, de súbito, senti medo. Não, eu nunca, nunca tinha visto tamanho desespero! Ela estava deitada de bruços, o rosto afundado com força no travesseiro, que ela apertava entre os braços. Seu peito queria estourar. Todo o seu corpo jovem tremia como em convulsões. Os soluços sufocados dentro do peito a comprimiam, dilaceravam-na por dentro e, de repente, explodiram na forma de gemidos e gritos. E naquela hora Liza se apertou mais ainda ao travesseiro: ela não queria que ninguém ali, absolutamente ninguém, soubesse de seu tormento e de suas lágrimas. Mordia o travesseiro, dava mordidas no próprio braço, até sangrar (eu vi depois) ou, agarrando as tranças desfeitas entre os dedos, quase desfalecia com o esforço, enquanto continha a respiração e cerrava

os dentes. Fiz menção de dizer alguma coisa a ela, pedir que se acalmasse, mas senti que não teria coragem e, de repente, eu mesmo, tomado por uma espécie de calafrio, quase em pânico, me precipitei tateante para ir embora dali, de qualquer jeito e bem depressa. Estava escuro; por mais que eu me esforçasse, não conseguia chegar à saída. De repente, toquei numa caixinha de fósforos e num castiçal com uma vela inteira, intacta. Foi só a luz iluminar o quarto para Liza, de repente, pular da cama, sentar-se e, com o rosto um tanto contraído e um sorriso semilouco, olhar para mim quase atônita. Sentei-me a seu lado e peguei suas mãos; ela voltou à razão, atirou-se na minha direção como se quisesse me abraçar, mas não se atreveu e, em silêncio, baixou a cabeça diante de mim.

— Liza, minha amiga, eu falei por falar… me desculpe — tentei começar. Mas ela apertava minhas mãos entre os dedos com tanta força que adivinhei que não era aquilo que eu deveria dizer, e parei. — Tome aqui o meu endereço, Liza, venha me visitar.

— Eu vou… — sussurrou em tom decidido, ainda sem erguer a cabeça.

— Agora, eu vou embora, adeus… até logo.

Levantei, ela também levantou e, de repente, ficou toda vermelha, estremeceu, apanhou um xale na cadeira e jogou sobre os ombros, cobrindo-se até o queixo. Depois disso, mais uma vez, deu um sorriso meio doentio, ruborizou-se e olhou para mim com ar estranho. Era penoso; eu quis logo ir embora dali, sumir.

— Espere um pouco — ela falou, de repente, já no vestíbulo, junto à porta, enquanto me detinha, segurando meu casaco. Deixou ali a vela e correu para dentro: na certa, tinha se lembrado de algo e quis

me mostrar. Ao sair correndo, estava toda vermelha, os olhos brilhavam, um sorriso surgira nos lábios; o que seria? Esperei a contragosto; voltou depois de um minuto, com o olhar de quem pede perdão. Já não era, nem de longe, o mesmo rosto, o mesmo olhar de pouco antes, sombrio, desconfiado e teimoso. Agora, seu olhar era suplicante, meigo e, ao mesmo tempo, confiante, carinhoso, tímido. Assim olham as crianças para aqueles a quem amam muito e a quem estão pedindo alguma coisa. Liza tinha olhos castanho-claros, olhos lindos, vivos, capazes de refletir amor e também um ódio sombrio.

Sem nada explicar — como se eu, na condição de uma criatura superior, devesse saber tudo sem qualquer explicação —, me entregou um papelzinho. Naquele instante, seu rosto inteiro parecia iluminado pelo ar de triunfo mais inocente, quase infantil. Desdobrei o papel. Era a carta de um estudante de medicina, ou algo assim, dirigida a ela — uma declaração de amor muito grandiloquente, floreada, mas respeitosa ao extremo. Agora, não me lembro das expressões, mas recordo muito bem que, por trás do estilo elevado, transparecia um sentimento sincero, que não é possível fingir. Quando terminei de ler, encontrei, voltado para mim, seu olhar ardente, curioso e de uma impaciência infantil. Com os olhos, ela se aferrava ao meu rosto, à espera do que eu ia dizer. Em poucas palavras, às pressas, mas com certa alegria e com uma espécie de orgulho, explicou-me que tinha ido a um baile em algum lugar, numa casa de família, “de pessoas muito, muito boas, *pessoas de família*, onde *não sabem de nada*, absolutamente nada”, porque, afinal, ela era muito nova naquele ramo, tinha vindo trabalhar ali, assim, por nada… e ainda não decidira se ia ficar; de um jeito ou de outro, ela

iria embora assim que pagasse sua dívida… Pois bem, e lá apareceu o tal estudante, ele dançou a noite inteira, conversou com ela e Liza ficou sabendo que ele também era de Riga, tinha conhecido Liza ainda criança, os dois haviam brincado juntos, só que já fazia muito tempo… o estudante também conhecia os pais dela, mas *sobre aquilo* ele não sabia nada, nada, absolutamente nada, e nem desconfiava! E então, no dia seguinte ao do baile (três dias antes), ele havia mandado aquela carta, por intermédio de uma amiga com quem Liza tinha ido à festa… e… isso é tudo.

Baixou os olhos radiantes, um pouco encabulada, quando terminou a história.

Pobrezinha, ela guardou a carta do estudante como uma joia preciosa e correu para pegar sua única joia preciosa, não quis que eu fosse embora sem saber que alguém também a amava de forma honesta e sincera, que alguém falava com ela de maneira respeitosa. Com certeza, a carta estava destinada a permanecer guardada num escaninho, sem outras consequências. Não importa; eu estava convencido de que ela guardaria a carta a vida toda, como uma joia preciosa, como o seu orgulho e a sua justificação, e então, naquele momento, ela se lembrou da carta e a trouxe, para poder se orgulhar ingenuamente diante de mim, para se regenerar aos meus olhos, para que eu visse, para que eu fizesse elogios. Eu não disse nada, apertei sua mão e fui embora. Tinha tanta vontade de ir embora… Fiz todo o caminho a pé, apesar de a neve molhada continuar a cair em flocos, sem parar. Estava esgotado, abatido, perplexo. Mas a verdade já reluzia por trás da perplexidade. Uma verdade repugnante!

viii

Aliás, eu demorei a admitir essa verdade. Depois de algumas horas de um sono profundo, um sono de chumbo, acordei de manhã e, assim que todo o dia anterior voltou à minha consciência, até me admirei com meu *sentimentalismo* da véspera, com Liza, me admirei com todos aqueles "horrores e compaixões da véspera". "Afinal, uma mulher como aquela é mesmo de abalar os nervos de qualquer um, puxa vida!", concluí. "Mas para que eu tinha de dar a ela o meu endereço? E se ela vier aqui? Dane-se, ora essa, que venha; não há de ser nada…" Mas, *obviamente*, o principal, o mais importante de tudo, agora, não era isso: eu precisava agir depressa e, a qualquer custo, salvar minha reputação aos olhos de Zvierkov e de Símonov. Isso era o mais importante. E quanto a Liza, no meio daquela agitação toda, eu me esqueci dela por completo.

Antes de tudo, era preciso, bem depressa, saldar a dívida da véspera com Símonov. Decidi por um recurso desesperado: pedir uns bons quinze rublos emprestados para Anton Antónovitch. Como se fosse de propósito, naquela manhã ele se encontrava num humor excelente e me concedeu o empréstimo logo ao primeiro pedido. Aquilo me deixou tão contente que, enquanto assinava o recibo,

contei a ele, com *displicência* e certo ar de valentia, que na véspera tinha feito “uma noitada com amigos no Hôtel de Paris; era a despedida de um bom camarada, pode-se até dizer que é um amigo de infância e, sabe, ele é um tremendo farrista, sempre cercado de bajuladores… bem, é claro, é de boa família, possui uma fortuna considerável, uma carreira brilhante, espirituoso, simpático, se envolve com certas damas, o senhor entende: daí, nós bebemos meia dúzia além da conta e…”. E não houve nada; tudo aquilo foi contado de maneira muito natural, desembaraçada e presunçosa.

Chegando em casa, tratei logo de escrever para Símonov.

Até hoje, fico admirado ao lembrar o tom sinceramente cavalheiresco, cordial, franco de minha carta. Com habilidade, nobreza e, acima de tudo, sem nenhuma palavra supérflua, assumi toda a culpa. E me justificava, “se ainda, ao menos, me for permitido justificar-me”, alegando que, por conta de minha absoluta falta de costume de beber, embriaguei-me logo ao primeiro cálice, que (ao que parecia) eu tinha bebido quando ainda os aguardava no Hôtel de Paris, entre cinco e seis horas. Eu pedia desculpas, sobretudo, a Símonov, e pedia a ele que transmitisse minhas explicações a todos os demais, em particular a Zvierkov, a quem, “lembro como se fosse um sonho”, eu tinha a impressão de haver ofendido. Acrescentava que eu gostaria de falar com todos pessoalmente, porém estava com dor de cabeça e, acima de tudo, com vergonha. Fiquei satisfeito, em especial, com aquela “certa leveza”, que beirava a displicência (de resto, muito adequada), a qual, de repente, se refletiu também na minha maneira de escrever e que, melhor do que qualquer possível argumento, deixava claro para eles, de um só golpe, que eu encarava “toda a sordidez da véspera” de forma

bastante independente; nem de longe, nem em sonho, eu estava arrasado, como os senhores, com certeza, estavam imaginando, mas, ao contrário, eu encarava aquilo com tranquilidade, como convém a um cavalheiro que respeita a si mesmo. Como diz o ditado, a um bom amigo, é fácil perdoar.

— Puxa, tem até o espírito jocoso de um marquês, não é? — Eu me admirei, ao reler o bilhete. — E tudo porque sou uma pessoa evoluída e culta! No meu lugar, outros não saberiam como se desembaraçar da situação, mas eu já me desvencilhei e estou de novo pronto para outra farra, e tudo porque sou "um homem avançado e culto de nosso tempo". E na verdade, quem sabe, tudo aconteceu por culpa da bebida de ontem… Hum… Mas não, não foi culpa da bebida. Eu não bebi nem um gole de vodca entre cinco e seis horas, enquanto estava esperando por eles. Menti para Símonov; menti de forma desavergonhada; e mesmo agora não sinto vergonha…

Mas dane-se! O principal é que me safei…

Coloquei seis rublos dentro do envelope, junto com a carta, lacrei e pedi a Apollon que levasse para Símonov. Ao saber que havia dinheiro dentro do envelope, Apollon se mostrou mais respeitoso e aceitou ir até lá. À noitinha, saí para caminhar. A cabeça ainda doía e rodava, por causa da noite anterior. Porém, quanto mais anoitecia, quanto mais denso o crepúsculo, mais minhas impressões se alteravam e se confundiam e, com elas, meus pensamentos. Dentro de mim, no fundo do coração e da consciência, algo não queria morrer e se manifestava como uma angústia causticante. Em geral, eu vagava pelas ruas mais apinhadas de gente e com mais negócios, as ruas Meschánskaia e Sadóvaia, junto ao jardim de

Iussúpov. Eu sempre gostava muito de passar por essas ruas na hora do crepúsculo, exatamente quando a multidão se tornava mais numerosa, com todo tipo de transeuntes, comerciantes e artesãos de rostos preocupados, à beira da raiva, que se dispersavam rumo a suas casas, depois do trabalho. Eu gostava justamente daquela balbúrdia de gente mal paga, daquele prosaísmo sem disfarces. Dessa vez, todo o empurra-empurra da rua me deixou ainda mais irritado. Eu não conseguia de jeito nenhum me controlar, pôr as ideias no lugar. Algo se levantava, subia sem parar por dentro da alma, e doía, não queria se acalmar. Totalmente perturbado, voltei para casa. Era como se, em minha alma, pesasse um crime.

O tempo todo, me atormentava a ideia de que Liza ia chegar. Achava estranho que, de todas as lembranças da véspera, era a lembrança dela que, de algum modo, me atormentava em especial, totalmente separada do resto. À noitinha, eu já havia conseguido me esquecer por completo de tudo o mais, eu deixara tudo de lado e continuava plenamente satisfeito com minha carta para Símonov. Quanto a Liza, no entanto, por algum motivo, eu não estava satisfeito. Era como se eu só me atormentasse por causa de Liza. “E se ela vier?”, eu pensava o tempo todo. “Bem, azar, não há de ser nada, pode vir. Hum. Já é detestável o simples fato de Liza ver como eu vivo, por exemplo. Ontem, eu me apresentei diante dela como… um herói… E agora, hum? Aliás, é mesmo detestável que eu tenha me rebaixado tanto. O apartamento está uma verdadeira miséria. E ontem fui ao jantar naqueles trajes! E esse meu sofá encapado de lona encerada, com o estofo que espirra pelos buracos! E meu roupão, que não dá nem para me cobrir! Que farrapos… E ela vai ver tudo isso; e também vai ver o Apollon. Esse

animal vai ofender Liza, com certeza. Vai criar caso com ela, só para me fazer uma grosseria. E eu, é claro, vou me acovardar, como de hábito, vou começar a andar para lá e para cá diante dela, em passinhos miúdos, ficarei fechando as abas do meu roupão, vou ficar sorrindo, vou começar a mentir. Ah, que horror! Mas o horror mesmo nem está nisso! Ainda há algo mais importante, mais nojento, mais canalha! Sim, mais canalha! De novo, de novo, vou ter de usar aquela máscara desonesta, mentirosa!…”

Quando cheguei a esse pensamento, explodi de uma vez.

“Desonesta por quê? Desonesta como? Ontem eu falei com sinceridade. Lembro que, em mim, também havia um sentimento verdadeiro. Eu queria justamente despertar sentimentos nobres em Liza… Se ela chorou, isso é bom, vai ter efeito benéfico…”

Porém, apesar de tudo, eu não conseguia me acalmar.

Já de volta a casa, após as nove horas, quando, pelos meus cálculos, Liza não poderia mais vir, ainda assim, durante toda aquela noite, me parecia que ela já estava lá e, acima de tudo, eu a recordava sempre na mesma posição. Em pensamento, eu via com particular nitidez precisamente um instante de toda a noite anterior: o momento em que acendi o fósforo, iluminei o quarto e vi seu rosto pálido, contraído, seu olhar de mártir. E que sorriso desolador, forçado, retorcido, o sorriso de Liza, naquele minuto! Porém, na ocasião, eu ainda ignorava que dali a quinze anos eu iria rememorar Liza exatamente com o sorriso desolador, retorcido, inútil que ela trazia no rosto naquele minuto.

No dia seguinte, mais uma vez, eu estava pronto para considerar tudo aquilo um absurdo, fruto dos nervos esgotados e, acima de tudo, um *exagero*. Sempre tive consciência de que esse é meu

ponto fraco e, às vezes, eu sentia muito medo disso: “em tudo eu exagero, por isso sou claudicante”, eu repetia para mim mesmo, o tempo todo. Porém, aliás, “apesar dos pesares, Liza, quem sabe, virá de fato” — esse era o refrão com o qual eu concluía todas as minhas reflexões, àquela altura. Estava tão inquieto que, por vezes, chegava ao frenesi. “Vai vir! Não há como evitar, vai vir!”, eu gritava, enquanto corria pelo quarto. “Se não for hoje, há de ser amanhã, ela virá e vai me encontrar! Isso é o maldito romantismo de todos esses *corações puros*! Ah, miséria, ah, estupidez, ah, mediocridade dessas ‘almas sentimentais execráveis’! Ora, como não compreender, como, afinal, ao que parece, não compreender?…”

Mas neste ponto eu mesmo me detive, num estado até de grande perturbação.

“E como foram poucas, tão poucas”, pensava eu, de passagem, “as palavras necessárias, como foram poucos, tão poucos os idílios necessários (sim, e ainda por cima um idílio forçado, livresco, fictício), para revolver, num piscar de olhos, toda uma alma humana a meu bel-prazer. Isto sim é que é virgindade! Isto sim é que é frescor do solo!”

Às vezes, me vinha a ideia de ir eu mesmo a seu encontro, “contar tudo para ela” e implorar que não viesse à minha casa. Mas então, em face dessa ideia, crescia dentro de mim tamanha raiva que, e esta era minha impressão, eu seria capaz de esmagar aquela “maldita” Liza, se de repente calhasse de ela aparecer na minha frente, eu a cobriria de insultos, eu ia cuspir, enxotar, espancar!

Entretanto, passou um dia, outro dia e também um terceiro — ela não veio e eu comecei a me acalmar. Eu me alegrava em especial, e saía para passear, depois das nove horas da noite, às vezes até

começava a sonhar, sonhos até bastante doces, por exemplo: “Eu salvo Liza justamente porque ela vem à minha casa e eu lhe digo que… Eu a educo, eu a faço evoluir. Enfim, percebo que ela me ama, e me ama com paixão. Finjo que não estou entendendo (de resto, não sei para que estou fingindo; por nada, na certa, só para a cena ficar mais bonita). Enfim, muito perturbada, linda, ela tremia e soluçava, ao se jogar aos meus pés, e dizia que eu era seu salvador e que me amava mais que tudo no mundo. Eu me espantava, porém… “Liza”, eu dizia, “será que você acha mesmo que eu não notei seu amor? Eu via tudo, eu adivinhei logo, mas não me atrevi a ser o primeiro a tomar seu coração, porque eu exercia influência sobre você e temia que você, por gratidão, contra sua vontade, se obrigasse a corresponder ao meu amor, que você mesma provocasse à força, dentro de você, um sentimento que talvez não exista, e isso eu não queria, porque isso é… despotismo… Isso é uma indelicadeza (pois bem, em suma, a essa altura, eu me emaranhava por inteiro numa espécie de sutileza indescritivelmente nobre, europeia, ao estilo de George Sand…).[26] Mas agora, agora, você é minha, você é minha criação, você é pura, linda, você é a minha linda esposa.

E em minha casa, entra, livre,
Sem temor, legítima senhora![27]

Depois, começaremos a tocar nossa vida, viajaremos para o exterior etc. etc. Em suma, eu mesmo comecei a achar aquilo uma infâmia e terminei fazendo uma careta de nojo para mim mesmo.

“Mas não vão deixar que uma ‘mulher perdida’ saia por aí sozinha!”, eu pensava. “Acho que, afinal, não deixam que elas fiquem passeando, ainda mais de noite (por algum motivo, me

parecia que Liza tinha de vir à noite e, mais exatamente, às sete horas). De resto, ela me disse que ainda não estava completamente escravizada à dona da casa, mantinha alguns direitos especiais, portanto, hum! Que diabo, ela vai vir, sem dúvida nenhuma, ela vai vir!”

Ainda bem que, naquela altura, Apollon me distraía com suas grosserias. Ele estava exaurindo minha última gota de paciência! Aquilo era a minha praga, o flagelo que a Providência mandara para mim. Eu e ele trocávamos nossas alfinetadas o tempo todo, por anos seguidos, e eu tinha ódio dele. Meu Deus, como eu o odiava! Acho que nunca na vida odiei tanto alguém como odiava Apollon, ainda mais naquele momento. Ele era um homem de certa idade, cheio de si, que trabalhava parte do dia como alfaiate. Mas, sei lá por quê, me desprezava além de todas as medidas e me encarava de cima, com um ar insuportável. De resto, era assim, de cima, que encarava todo mundo. Bastava olhar para aquela cabeça alourada, de cabelos muito penteados até ficarem lisos, bastava olhar para aquele topete que ele montava na testa e besuntava com azeite, para aquela boca sempre armada em forma de *v*,[28] para logo ficar muito claro que estávamos diante de uma criatura que nunca admitia estar errada. Era pedante no mais alto grau, o pedante mais colossal de todos os pedantes que eu vi neste mundo; e ainda por cima com uma vaidade, quem sabe, apenas digna de um Alexandre da Macedônia. Era apaixonado por cada botão da própria roupa, por cada unha dos dedos — irremediavelmente apaixonado, e nem disfarçava! Tratava-me da maneira mais despótica, falava muito pouco comigo e, se calhava de me dirigir um simples olhar de relance, era um duro, majestosamente presunçoso e sempre

sarcástico, o que às vezes me levava à loucura. Cumpria suas obrigações com o ar de quem estivesse me fazendo a mais grandiosa caridade. No entanto, ele não fazia quase rigorosamente nada para mim e, no geral, nem se considerava obrigado a fazer o que quer que fosse. Não podia haver nenhuma dúvida de que me considerava o maior dos imbecis, do mundo inteiro e, se ele “me conservava a seu lado”, era só porque podia receber de mim um salário todos os meses. Aceitava “não fazer nada” em minha casa em troca de sete rublos mensais. Por causa dele, ainda vou receber o perdão de muitos pecados. Às vezes, o ódio chegava a tal ponto que, só por causa do seu modo de andar, por pouco eu não caía em convulsões. Porém, para mim, particularmente asquerosa era sua pronúncia cheia de chiados. Tinha a língua um pouco mais comprida do que o normal, ou algo parecido, e por isso, o tempo todo, chiava e ciciava e me parecia até que se orgulhava muito daquilo, imaginando que lhe conferia extraordinária dignidade. Falava baixinho, cadenciado, com as mãos cruzadas nas costas e os olhos baixos, voltados para o chão. Ele me deixava especialmente enfurecido quando acontecia de começar a ler os Salmos em voz alta, por trás da divisória do seu quarto. Travei muitas batalhas por causa daquelas leituras. Mas ele adorava recitar à noite, em voz baixa, monótona, cantada, como nos velórios. O curioso é que ele acabou fazendo mesmo isto: hoje em dia, é contratado para recitar os Salmos em cerimônias fúnebres, além de exterminar ratazanas e fabricar graxa. Mas, na época, eu não podia enxotá-lo, era como se estivesse quimicamente fundido à minha existência. Além do mais, ele mesmo não admitiria, por nada neste mundo, ir embora da minha casa. Para mim, era impossível morar de aluguel em quartos

mobiliados: meu apartamento era próprio, era a minha casca, meu estojo, onde eu me escondia de toda a humanidade, e Apollon, só o diabo sabe a razão, me parecia pertencer àquele apartamento e, durante sete anos a fio, não fui capaz de enxotá-lo.

Atrasar seu salário, por exemplo, apenas dois ou três dias era impossível. Ele criaria tamanho escândalo que eu nem saberia onde me enfiar. Mas, naquela ocasião, eu andava tão enraivecido contra todo mundo que, sem saber por que nem para quê, resolvi *castigar* Apollon e deixá-lo duas semanas sem salário. Já fazia tempo, uns dois anos, mais ou menos, que eu vinha planejando fazer aquilo — só para mostrar a ele que não devia ter a ousadia de ser tão petulante comigo e que, se eu quisesse, poderia perfeitamente não pagar salário nenhum. Decidi não falar com ele sobre tal assunto e até me manter calado, de propósito, a fim de dobrar seu orgulho e obrigá-lo a ser o primeiro a falar do salário. Pois nessa hora, eu ia tirar os sete rublos da gaveta, eu ia mostrar para ele que tinha o dinheiro, que já estava separado para esse fim, mas que eu "não quero, não quero, pura e simplesmente não quero pagar seu salário, e não quero porque não quero, *e pronto, acabou-se*", porque essa era a minha "vontade senhorial", porque ele não era respeitoso, porque era grosseiro; porém, se ele pedisse com respeito, aí, quem sabe, talvez eu me abrandasse e pagasse; do contrário, ele teria de esperar mais duas semanas, esperar um mês inteiro…

No entanto, por mais que eu estivesse enfurecido, ainda assim, foi ele que saiu vencedor. Não consegui resistir quatro dias. Ele começou como sempre começava em situações semelhantes, pois situações semelhantes já haviam ocorrido, já haviam sido testadas (e ressalto que eu já sabia de tudo aquilo de antemão, já conhecia,

de cor e salteado, toda a sua tática pérfida), mais exatamente: ele começava, portanto, cravando em mim um olhar muito severo, não baixava o olhar durante minutos a fio, em especial quando eu estava chegando ou saindo de casa. Se, por exemplo, eu tentava resistir e fingia não perceber tais olhares, Apollon, calado como antes, passava a aplicar novos suplícios. De súbito, sem mais nem menos, calhava de Apollon entrar em meu quarto, em silêncio, sorrateiro, quando eu estava caminhando ou lendo, e então ele parava junto à porta, colocava um braço nas costas, apoiava um pé um pouco mais à frente e apontava para mim o olhar, agora não mais severo e sim absolutamente desdenhoso. Se, de repente, eu perguntasse o que ele desejava, Apollon não respondia nada, continuava a olhar para mim com tenacidade por mais alguns segundos e depois, com os lábios contraídos de um jeito especial e com um ar muito cheio de si, me dava as costas bem devagar e, também muito devagar, se recolhia ao seu quarto. Duas horas depois, voltava e surgia de novo, do mesmo jeito, na minha frente. Às vezes, eu estava tão enfurecido que nem perguntava para Apollon o que ele queria: eu me limitava a erguer a cabeça de modo brusco e autoritário e me punha, também, a olhar fixo para ele. Assim, ficávamos olhando um para o outro durante uns dois minutos; por fim, ele me dava as costas, lentamente e com ar altivo, e se recolhia de novo durante duas horas.

Se nem depois de tudo isso eu aprendia minha lição e continuava a me mostrar indignado, ele, de repente, começava a suspirar, olhando para mim, e dava suspiros longos, profundos, como se apenas com tais suspiros medisse toda a profundidade da minha queda moral e, é claro, no fim, terminava alcançando um triunfo

completo: eu ficava louco de raiva, berrava, mas, apesar de tudo, era forçado a ceder no ponto em disputa.

Daquela vez, mal começaram as costumeiras manobras dos “olhares severos”, eu logo perdi o controle e, tomado pela fúria, me lancei contra ele. Eu já estava irritado demais, mesmo sem aquilo.

— Espere! — gritei num frenesi, quando ele, em silêncio, bem devagar e com um braço nas costas, começou a se virar a fim de ir para seu quarto. — Espere! Volte, volte, estou falando com você!

E devo ter urrado de forma tão estranha que ele, de fato, se voltou e ficou me examinando até com certo espanto. Porém continuou sem dizer nenhuma palavra, o que me deixou ainda mais furioso.

— Como é que você se atreve a entrar no meu quarto sem ser chamado e ficar olhando para mim desse jeito? Responda!

No entanto, depois de olhar para mim tranquilamente por meio minuto, ele começou, de novo, a me dar as costas.

— Espere! — berrei, e corri para ele. — Não se mexa! Isso. Agora, responda: o que você veio ver aqui?

— Se o senhor tem alguma ordem, meu dever é cumprir — respondeu, depois de mais um breve silêncio, em voz baixa e ciciando de modo cadenciado, com as sobrancelhas erguidas e inclinando a cabeça calmamente de um ombro para outro. E tudo isso com uma calma aterradora.

— Não é isso, não é isso que eu estou perguntando, seu carrasco! — gritei, trêmulo de raiva. — Pois eu mesmo vou lhe dizer, seu carrasco, por que você veio aqui: veio ver se eu não vou pagar o seu salário; você, por orgulho, não quer se rebaixar, pedir, e foi por isso que veio aqui me castigar, me torturar com seus olhares

cretinos, mas você, seu carrasco, nem desconf-f-f-fia de como isso é cretino, cretino, cretino e cretino!

Mais uma vez, Apollon ficou calado e começou a me dar as costas, mas eu o agarrei.

— Escute — gritei. — Aqui está o dinheiro, veja; olhe só! — Puxei o dinheiro da gaveta da mesinha. — Todos os sete rublos, mas você não vai receber nada, e não vai re-ce-ber até que venha, respeitosamente, de cabeça baixa, arrependido, pedir o meu perdão. Ouviu bem?

— Isso não vai acontecer! — respondeu com uma segurança um tanto forçada.

— Pois é assim que vai ser! — gritei. — Dou minha palavra de honra que vai ser assim!

— Mas eu nem tenho do que pedir perdão ao senhor — prosseguiu, como se nem percebesse meus gritos. — Ao contrário, foi o senhor que me ofendeu, me chamando de “carrasco”, e por isso eu posso até dar queixa na polícia.

— Vá! Dê queixa! — vociferei. — Vá agora, já, neste minuto, neste segundo! Mas ainda assim você é um carrasco! Carrasco! — Entretanto, ele se limitou a ficar olhando para mim, depois deu as costas e, já sem ouvir os gritos com que eu o chamava, seguiu mansamente para seu quarto, sem olhar para trás.

“Se não fosse a Liza, nada disso teria acontecido!”, decidi, em meu íntimo. Depois, passado um minuto, com ar grave e solene, mas com o coração batendo forte e devagar, fui ao encontro de Apollon, atrás da divisória.

— Apollon! — falei baixo, de modo pausado, mas ofegante. — Vá imediatamente, já, sem demora, à delegacia de polícia!

Entretanto, ele já estava sentado diante de sua mesa, tinha colocado os óculos e pegado algo para costurar. Porém, ao escutar minha ordem, de repente, bufou uma risada.

— Vá agora, neste minuto! Vá, senão você nem imagina o que vai acontecer!

— O senhor, de fato, ficou louco — ponderou, sem sequer levantar a cabeça, ciciando lentamente, enquanto continuava a enfiar a linha no buraco da agulha. — E onde já se viu uma pessoa dar queixa contra si mesma às autoridades? E quanto à sua tentativa de me assustar, o senhor está se esgoelando em vão, porque não vai acontecer nada.

— Vá! — esbravejei, agarrando-o pelo ombro. Sentia que estava a ponto de lhe dar um murro.

Entretanto, eu não percebi que, de repente, naquele instante, a porta do vestíbulo se abriu devagar, sem barulho, e uma figura qualquer entrou, se deteve e, com ar perplexo, começou a nos observar. Olhei de relance, gelei de vergonha e corri para o meu quarto. Lá, agarrando os cabelos com as duas mãos, encostei a cabeça na parede e quedei imóvel nessa posição.

Mais ou menos dois minutos depois, soaram os passos vagarosos de Apollon.

— Uma *qualquer* está aí perguntando pelo senhor — disse ele, olhando para mim com particular severidade, depois chegou para o lado e abriu caminho para Liza. Apollon não quis sair e ficou nos observando com ar sarcástico.

— Saia! Saia! — ordenei a ele, descontrolado. Naquele instante, meu relógio de parede fez um enorme esforço, emitiu um chiado e bateu as sete horas.

ix

E em minha casa, entra, livre,
Sem temor, legítima senhora![29]

Eu estava de pé diante dela, arrasado, morto de vergonha, embaraçado de modo asqueroso e, pelo visto, eu sorria enquanto tentava, com todas as minhas forças, me cobrir por trás das abas do meu roupãozinho de algodão esfiapado — exatamente, ponto por ponto, como eu tinha imaginado pouco antes, num momento de desânimo. Apollon, depois de permanecer ali por uns dois minutos, saiu, mas nem por isso me senti aliviado. O pior de tudo foi que ela, também, de repente, mostrou-se embaraçada, e de uma forma que eu não esperava. Por me ver assim, é claro.

— Sente-se — falei de modo automático e arrastei para ela uma cadeira junto à mesa, enquanto eu mesmo sentava no sofá. Obediente, Liza sentou-se logo, enquanto me mirava com olhos arregalados e, sem dúvida, esperava de mim alguma coisa. Foi também aquela ingenuidade da expectativa que me levou à loucura, mas me controlei.

Melhor seria aparentar que não havia nada demais, como se tudo aquilo fosse rotineiro e ela… Mas aí tive a vaga sensação de que ela ainda me pagaria caro *por tudo aquilo*.

— Você me pegou numa situação estranha, Liza — comecei, gaguejante, sabendo muito bem que era justamente assim que eu não devia começar. — Não, não. Não vá pensar sei lá o quê! — gritei, ao ver que, de repente, ela ficou vermelha. — Não me envergonho da minha pobreza… Ao contrário, encaro minha pobreza com orgulho. Sou pobre, mas sou nobre… É possível ser pobre e nobre — balbuciei. — Mas… não quer um chá?

— Não… — tentou responder.

— Espere um pouco!

Levantei-me de um pulo e corri para o quarto de Apollon. Eu precisava de um lugar qualquer para me enfiar.

— Apollon — sussurrei, com uma pressa febril, enquanto jogava na sua frente os sete rublos que eu trazia, o tempo todo, em meu punho cerrado. — Tome aí o seu salário; veja, estou pagando; mas, em retribuição, você vai ter de me salvar: vá correndo até a taberna e traga chá e dez torradas. Se não quiser ir, será o responsável por fazer uma pessoa muito infeliz! Você não sabe quem é essa mulher… Ela é tudo! Na certa, você está pensando alguma coisa… Mas não sabe quem é essa mulher!…

Apollon, sentado, já de volta a seu trabalho de alfaiate, outra vez de óculos, sem baixar as agulhas e, de início, em silêncio, olhou meio de lado para o dinheiro; depois, sem me dar a menor atenção, sem me dar nenhuma resposta, continuou a manobrar a linha, que ele ainda tentava enfiar no buraco da agulha. Esperei mais ou menos três minutos, de pé diante dele, de braços cruzados *à la*

Napoleon. Minhas têmporas estavam ensopadas de suor; eu mesmo estava pálido, eu sentia isso. Mas, graças a Deus, pelo visto, ele sentiu pena ao olhar para mim. Resolvida a questão da agulha, ele se levantou lentamente, empurrou a cadeira para trás lentamente, tirou os óculos lentamente, contou o dinheiro lentamente e, por fim, depois de me perguntar, com a cabeça virada sobre o ombro, se era para trazer uma porção inteira, Apollon, lentamente, saiu do quarto. Enquanto eu voltava para Liza, me veio à cabeça, no caminho, esta dúvida: não seria melhor fugir dali correndo, do jeito como estava, de roupão, sem rumo certo, mundo afora, sem pensar no que aconteceria depois?

De novo, sentei-me. Ela olhava para mim com ar inquieto. Ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Vou matá-lo! — gritei, de repente, batendo bem forte o punho cerrado sobre a mesa, a tal ponto que a tinta espirrou do tinteiro.

— Ah, o que o senhor está dizendo? — gritou ela, com um tremor.

— Eu vou matá-lo, eu vou matá-lo! — eu gania, enquanto esmurrava a mesa, num completo frenesi e, ao mesmo tempo, com perfeita consciência de como era tolo me mostrar em tal frenesi. — É que você não sabe, Liza, o que esse carrasco faz comigo. Ele é meu carrasco… Agora, foi buscar torradas, ele…

De repente, me desfiz em lágrimas. Foi um surto. Que vergonha eu sentia em meio aos soluços; mas já não conseguia contê-los. Liza ficou assustada.

— O que é que o senhor tem? O que é que o senhor tem? — gritava, em alvoroço, à minha volta.

— Água, me dê um pouco de água, olhe, pegue ali! — balbuciei com voz débil, embora ciente, no fundo, de que eu podia passar

muito bem sem água nenhuma e de que não precisava balbuciar com aquela voz débil. No entanto, eu estava *representando*, como se diz, a fim de salvar as aparências, embora o surto fosse verdadeiro.

Liza me deu água e olhava para mim como que desnorteada. Naquele instante, Apollon chegou com o chá. De repente, tive a impressão de que aquele chá, rotineiro e prosaico, era algo horrivelmente impróprio e mesquinho, depois do que havia ocorrido, e corei muito. Liza chegou a ficar assustada, enquanto observava Apollon. Mas ele saiu sem olhar para nós.

— Liza, você me despreza? — perguntei, olhando fixo para ela, trêmulo de impaciência para saber o que ela pensava.

Liza sentiu-se embaraçada e não conseguiu responder.

— Tome o chá! — exclamei com raiva. Estava furioso comigo mesmo, porém, é claro, era ela quem devia pagar por isso. De súbito, uma fúria aterradora contra Liza começou a ferver em meu coração; acho que seria capaz de matá-la. Para me vingar, jurei mentalmente não lhe dirigir a palavra durante todo o tempo. “Afinal, ela é a causa de tudo”, pensei.

Nosso silêncio já durava uns cinco minutos. O chá estava sobre a mesa; não tocávamos nele: cheguei ao ponto de não querer começar a beber para, desse modo, deixar Liza ainda mais constrangida; ela mesma estava sem graça de ser a primeira a beber. Olhava de relance para mim, de vez em quando, com ar perplexo e tristonho. Eu me mantinha tenazmente calado. O mártir principal era eu mesmo, está claro, pois tinha plena consciência de toda a baixeza repugnante da minha tolice raivosa e, no entanto, eu não conseguia me controlar.

— Eu quero… para sempre… ir embora de lá — começou Liza para, de algum modo, romper o silêncio, mas, coitada!, era exatamente assim que ela não devia começar a falar numa situação que, mesmo sem aquilo, já era idiota, e ainda mais para uma pessoa como eu, que, mesmo sem aquilo, já era também idiota. Senti até um aperto no coração, com pena de sua falta de habilidade e de sua franqueza desnecessária. Mas algo monstruoso logo esmagou toda compaixão dentro de mim; e até me instigou ainda mais: era melhor que o mundo acabasse de uma vez! Passaram-se outros cinco minutos.

— Estou incomodando o senhor? — ela começou, tímida, a voz quase inaudível, e fez menção de levantar.

Porém, assim que vi aquele primeiro lampejo de dignidade ferida, desatei a tremer de raiva e logo explodi.

— Para que foi que aqui veio você, pode me dizer, por favor, você? — comecei ofegante, sem mesmo pôr minhas palavras em ordem lógica. Eu queria exprimir tudo de uma só vez, de um só jato; nem me preocupei em saber por onde devia começar. — Por que veio? Responda! Responda logo! — gritei, quase fora de mim. — Vou lhe dizer para que você veio, minha cara. Você veio porque, daquela vez, eu lhe disse *palavras patéticas*.[30] Muito bem, aí você ficou enternecida, sentiu vontade de ouvir mais "palavras patéticas". Pois então fique sabendo, fique sabendo que, naquela hora, eu estava zombando de você. E agora também. Por que está trêmula? Pois é isso mesmo, eu estava zombando! Mais cedo, eu tinha sido insultado, durante o jantar, justamente por aqueles homens, sabe, que chegaram antes de mim. Eu fui até lá para dar uma surra num deles, um oficial; mas não consegui, eu não o encontrei mais lá; eu

tinha de vingar minha humilhação em alguém, tomar o que era meu, aí você apareceu e eu despejei minha raiva sobre você e zombei de você. Eles me humilharam, por isso também quis humilhar; fui estraçalhado como se fosse um trapo, por isso eu quis mostrar meu poder… Foi o que aconteceu, e você estava achando que eu tinha ido lá de propósito para salvar você, não foi? Não pensou isso? Não pensou isso?

Eu sabia que ela, na certa, ficaria confusa e não compreenderia os detalhes, mas eu também sabia que ela ia entender perfeitamente o fundo da questão. Foi o que aconteceu. Ficou branca como um lenço, quis falar alguma coisa, os lábios se torceram com ar doentio, mas, como se tivesse sido atingida por um golpe de machado, Liza tombou na cadeira. E depois, o tempo todo, ficou me escutando de boca aberta, de olhos arregalados, e trêmula de tanto horror. O cinismo, o cinismo de minhas palavras a esmagaram…

— Salvar! — prossegui, pulando da cadeira e correndo para lá e para cá, pelo quarto, diante dela. — Salvar de quê? E, quem sabe, eu mesmo devo ser até pior do que você. Naquela hora em que eu quis lhe dar uma lição de moral, por que você não jogou de uma vez na minha cara: “E você, diga lá, por que veio aqui, um lugar como este? Como é que ainda se atreve a dar lição de moral a alguém?”. Poder, poder, era do que eu precisava naquela hora, eu precisava de jogo, eu precisava levar você às lágrimas, à humilhação, à histeria, era disso que eu precisava, naquela hora! Mas, afinal, naquela hora, eu mesmo não aguentei, porque sou um lixo, fiquei com medo, e só o diabo sabe por que fiz a besteira de lhe dar meu endereço. E então, depois, mesmo antes de chegar em casa, eu já

estava xingando você de tudo quanto é jeito por causa do tal endereço. Eu já estava com ódio de você, porque eu menti para você, naquela hora. Porque só me interessa brincar com as palavras, ficar sonhando; mas, na realidade, sabe do que é que eu preciso? Que vocês todos sumam de uma vez, é isso! Eu preciso de tranquilidade. Agora eu sou capaz de vender o mundo inteiro por um copeque, só para que me deixem em paz. O que você prefere: que o mundo acabe ou que você fique sem beber o seu chá? Pois eu digo: o mundo que se dane e que eu possa beber sempre o meu chá. Você sabia disso, ou não? Muito bem, pois eu sei que sou um patife, canalha, egoísta, preguiçoso. E passei estes três últimos dias tremendo de medo de que você viesse aqui. E quer saber o que mais me perturbou nestes três dias? Foi que eu, na sua frente, me mostrei como um herói, mas aqui, de repente, você me veria neste roupão esfarrapado, como um mendigo execrável. Há pouco eu lhe disse que não tenho vergonha da minha pobreza; pois fique sabendo que tenho vergonha, sim, que é disso que eu mais tenho vergonha, que eu mais tenho medo, mais do que se eu roubasse, porque eu sou tão vaidoso que é como se tivessem arrancado minha pele e só o ar já me causasse dor. Mas será possível que até agora você não adivinhou que eu nunca vou perdoar você por ter me visto neste roupãozinho, na hora em que eu, como se fosse um cachorrinho bravo, pulei em cima do Apollon? O salvador, o ex-herói, que nem um cachorro vira-lata, peludo e ordinário, pulando em cima do seu lacaio, que está zombando dele! E aquelas lágrimas que há pouco derramei na sua frente, como uma mulherzinha envergonhada, as lágrimas que não consegui conter, eu também nunca mais vou perdoar você por isso! E até o fato de eu estar

agora confessando tudo isso, eu também nunca vou perdoar *você*! Sim, é você, só você que tem de responder por tudo isso, porque você apareceu desse jeito, porque eu sou um pulha, porque eu sou o maior dos nojentos, o maior dos ridículos, o maior dos mesquinhos, o maior dos tolos, o maior dos invejosos, entre todos os vermes que existem no mundo, que podem até não ser nem um pouco melhores do que eu, mas, mesmo assim, só o diabo sabe a razão, nunca se sentem embaraçados; mas olhe só para mim: a vida inteira, terei de ouvir desaforos de qualquer piolho que apareça na minha frente, e esse é meu traço característico! Mas o que é que eu tenho a ver, se você não vai entender nada disso? E o que é, afinal de contas, o que é que eu tenho a ver com você e o que é que me importa, se você está se matando ou não lá naquele lugar? Será que você entende que, agora, depois de eu ter falado tudo isso para você, eu vou sentir ódio de você, porque você estava aqui e ouviu tudo? Afinal de contas, uma pessoa só conta tudo deste jeito uma vez na vida, e ainda assim só num ataque de histeria!… O que mais você quer? O que mais você quer, depois de tudo isso: ficar aí plantada na minha frente, me torturar, não ir nunca mais embora daqui?

Mas então, de repente, se deu uma circunstância estranha.

Eu estava tão acostumado a pensar e imaginar tudo como vemos nos livros e a conceber tudo que existe no mundo tal como eu havia elaborado, antes, em meus sonhos, que nem compreendi, na hora, aquela circunstância estranha. Aconteceu o seguinte: ofendida e esmagada por mim, Liza compreendia muito mais do que eu imaginava. De tudo aquilo, Liza compreendia o que as mulheres

sempre compreendem, antes de qualquer outra coisa, quando amam com sinceridade, ou seja: que eu mesmo era infeliz.

O sentimento de susto e ofensa, em seu rosto, deu lugar, primeiro, a uma perplexidade amarga. Mas quando comecei a me chamar de canalha e pulha e minhas lágrimas rolaram (disparei todo aquele palavrório entre lágrimas), o rosto de Liza se sacudiu inteirinho numa espécie de convulsão. Fez menção de se levantar, de me interromper, e, quando terminei, ela não estava prestando atenção nos meus gritos (“Por que está aqui, por que não vai embora?”), mas sim ao fato de que devia ser muito doloroso, para mim, falar tudo aquilo. E estava tão intimidada, a pobrezinha. Ela se considerava infinitamente inferior a mim; como poderia ficar revoltada, ofendida? De repente, levantou-se da cadeira numa espécie de impulso incontrolável, no intuito de me abraçar, mas continuava intimidada demais, sem coragem de sair do lugar, e apenas estendeu os braços na minha direção… Nesse momento, meu coração também virou pelo avesso. De repente, ela se atirou sobre mim, envolveu meu pescoço em seus braços e começou a chorar. Eu também não me contive e chorei aos soluços, como jamais havia acontecido comigo…

— Não me deixam… Não posso… ser bom! — mal consegui falar, depois fui para o sofá, caí de bruços sobre ele e chorei quatro horas num verdadeiro ataque de histeria. Ela se apertou a mim, me abraçou e pareceu se imobilizar naquele abraço.

Porém, apesar de tudo, a questão era que a histeria tinha de passar. E aí (pois estou escrevendo a verdade asquerosa), estirado de bruços no sofá, o rosto enfiado com força na minha suja almofada de couro, bem aos pouquinhos, lá longe, sem querer, mas

de forma irreprimível, comecei a sentir que naquele momento, para mim, seria constrangedor levantar a cabeça e fitar os olhos de Liza. E do que eu tinha vergonha? Não sei, mas tinha vergonha. E também veio à minha mente conturbada a ideia de que os papéis, agora, tinham sido trocados em definitivo, que agora a heroína era ela e eu era exatamente igual à criatura humilhada e arrasada que Liza fora, diante de mim, naquela noite, quatro dias antes… E tudo isso me veio à cabeça quando eu ainda estava deitado de bruços no sofá!

Meu Deus! Será possível que, naquele momento, eu tinha inveja de Liza?

Não sei, até agora não consigo decidir, e na hora, é claro, eu conseguia entender menos ainda. Afinal, sem exercer poder e tirania sobre alguém, não sou capaz de viver… Mas… mas, afinal, com raciocínios, não se pode explicar coisa nenhuma, portanto, de nada adianta raciocinar.

Todavia me controlei e levantei a cabeça: em alguma hora, eu teria de fazer isso… E pronto… Até agora, estou convencido de que foi exatamente porque eu sentia vergonha de olhar para ela que, no meu coração, se acendeu e se inflamou, de repente, outro sentimento… o sentimento de domínio e de posse. Meus olhos brilharam de paixão e eu apertei suas mãos com força. Como eu a odiava e como ela me atraía naquele momento! Um sentimento reforçava o outro. Aquilo quase parecia uma vingança!… No seu rosto, de início, se estampou uma espécie de perplexidade, quase um medo, até, porém isso durou só um instante. Com arrebatamento e fervor, ela me abraçou.

X

Quinze minutos depois, eu estava correndo dentro do quarto, para lá e para cá, numa impaciência frenética, a todo instante chegava perto do biombo e espiava Liza, através de uma fresta. Ela estava sentada no chão, a cabeça recostada na cama e, na certa, chorava. No entanto, não ia embora e era aquilo que me irritava. Dessa vez, ela já estava sabendo de tudo. Eu a ofendera de forma definitiva, mas… de que adianta contar? Ela adivinhou que meu arroubo de paixão era, na verdade, uma vingança, mais uma humilhação para ela, e que ao meu ódio anterior, quase desprovido de objeto, agora se acrescentava um ódio *pessoal, invejoso*, contra ela… Entretanto, não afirmo que ela compreendesse tudo isso com clareza; em compensação, ela compreendia plenamente que eu era uma pessoa execrável e, acima de tudo, sem condições de amá-la.

Eu sei, vão me dizer que isso é inverossímil — é inverossímil ser tão cruel, tão estúpido como eu; talvez também acrescentem que é inverossímil eu não me apaixonar por ela ou, pelo menos, não dar valor àquele amor. Mas inverossímil por quê? Em primeiro lugar, eu já não era capaz de amar, porque, repito, amar, para mim, significava tiranizar e subjugar moralmente. Por toda a vida, não fui

capaz sequer de imaginar outro tipo de amor, e cheguei a tal ponto que, agora, às vezes, até penso que o amor consiste no direito que o objeto do amor concede, espontaneamente, ao outro de exercer uma tirania sobre ele. Nem em meus sonhos subterrâneos eu concebia o amor de outra forma senão como luta; o amor começava sempre pelo ódio e terminava na submissão moral, só que, depois disso, eu não conseguia imaginar o que fazer com aquele objeto submisso. E o que há nisso de inverossímil, se eu já havia conseguido me degenerar moralmente a tal ponto, já tinha me afastado a tal ponto da "vida viva"[31] que, pouco antes, me viera a ideia de acusar Liza de ter vindo me visitar a fim de ouvir "palavras patéticas" e deixá-la com vergonha; só que eu mesmo não adivinhei que ela não viera, de jeito nenhum, para ouvir palavras patéticas, mas para me amar, pois, para as mulheres, é no amor que se encerra toda e qualquer ressurreição, toda salvação de qualquer tipo de morte, e também todo renascimento, que não pode se manifestar de outro modo que não esse. Na verdade, eu já não sentia tanto ódio de Liza, na hora em que corria pelo quarto e espiava através da fresta do biombo. Só que, para mim, era insuportavelmente penoso o fato de ela continuar ali. Eu gostaria que ela sumisse. Eu queria "tranquilidade", ficar sozinho no meu subsolo. A "vida viva", por eu estar tão desacostumado com ela, me esmagava a tal ponto que era difícil até respirar.

Todavia, passaram-se mais alguns minutos e Liza continuava sem se levantar, como se estivesse desacordada. Tive o descaramento de bater de leve no biombo para avisá-la… De repente, ela se levantou sobressaltada, foi correndo buscar seu xale, seu chapéu, seu casaco, como se quisesse fugir de mim, para qualquer lugar…

Dois minutos depois, saiu lentamente de trás do biombo e olhou para mim com ar pesaroso. Dei um sorriso cruel, aliás, um sorriso forçado, *para salvar as aparências*, e me esquivei do seu olhar.

— Adeus — disse ela, a caminho da porta.

De repente, corri para ela, agarrei sua mão, abri-a e coloquei ali… em seguida, fechei-a de novo. Logo depois, lhe dei as costas e pulei para a outra ponta do quarto, a fim de, pelo menos, não ter de ver…

Neste momento, eu gostaria de mentir — escrever que fiz aquilo sem querer, fora de mim, desnorteado, por tolice. Mas não quero mentir e por isso digo francamente que abri sua mão e coloquei nela… de raiva. Foi na hora em que eu estava correndo para lá e para cá pelo quarto e ela estava sentada atrás do biombo que me veio à cabeça a ideia de fazer aquilo. Mas o que eu posso dizer com certeza é o seguinte: cometi aquela crueldade de propósito, admito, mas não foi de coração, e sim por causa da minha cabeça ruim. Aquela crueldade foi a tal ponto artificial, a tal ponto cerebral, deliberadamente inventada, *livresca*, que eu mesmo não suportei nem um minuto — primeiro, pulei para o canto do quarto a fim de não ver, mas depois, com vergonha e desespero, disparei de volta, atrás de Liza. Abri a porta do vestíbulo e fiquei escutando, atento:

— Liza! Liza! — chamei, na direção da escada, mas sem coragem, a meia-voz…

Não veio resposta, tive a impressão de ouvir seus passos nos degraus, lá embaixo.

— Liza! — gritei mais forte.

Não veio resposta. Mas, naquele instante, ouvi como a pesada porta de vidro da rua abriu devagar, com um rangido, e bateu de volta com todo o peso. O estrondo subiu pela escada.

Ela foi embora. Voltei para o quarto, pensativo. Eu me sentia horrível.

Parei junto à mesa, ao lado da cadeira onde ela havia sentado, e fiquei olhando para a frente, em desatino. Passou um minuto e, de repente, estremeci inteiro: diante de mim, sobre a mesa, eu vi… em suma, vi a nota azul de cinco rublos amassada, a mesma que, pouco antes, eu tinha colocado em sua mão. Era *aquela* nota; não podia ser outra; em casa, não havia outra. Portanto, ela teve tempo de tirar a nota da mão e colocar sobre a mesa, no instante em que pulei para a outra ponta do quarto.

E daí? Eu podia esperar que ela fizesse aquilo. Podia esperar? Não. Eu era tão egoísta, tinha tão pouco respeito pelas pessoas, na verdade, que nem era capaz de imaginar que ela o fizesse. E aquilo eu não suportei. Depois de um instante, como um louco, me vesti correndo, joguei sobre o corpo a primeira roupa que apareceu na minha frente e saí em disparada, atrás de Liza. Ela ainda não tinha se afastado duzentos passos quando cheguei à rua, esbaforido.

Tudo estava calmo, a neve se amontoava e caía quase perpendicular, formava um travesseiro sobre a calçada e a rua vazia. Não havia ninguém, nenhum barulho se ouvia. Os lampiões cintilavam tristes e inúteis. Percorri uns duzentos passos até o cruzamento e parei.

“Para onde ela foi? E para que estou correndo atrás dela? Para quê? Para me arrojar ao chão diante dela, chorar de arrependimento, beijar seus pés, implorar perdão?” Eu até queria isso; todo o meu peito se rompia em pedaços e nunca, nunca vou lembrar aquele momento com indiferença. “Mas… para quê?” Foi este pensamento que me veio. “Por acaso não vou sentir ódio dela

amanhã, quem sabe, justamente porque hoje beijei seus pés? Por acaso vou dar alguma felicidade para ela? Por acaso não descobri hoje, de novo, pela centésima vez, quanto eu valho? Por acaso não vou torturá-la?”

Fiquei parado na neve, observando a neblina densa, enquanto pensava no assunto.

“Não será melhor, não será melhor”, eu fantasiava, depois, já em casa, sufocando em fantasias a dor viva em meu coração, “não será melhor, agora, que ela carregue a humilhação consigo para sempre? Pois, afinal, a humilhação é uma purificação; é a consciência mais corrosiva e dolorosa! Amanhã mesmo eu já corromperia sua alma, já deixaria seu coração exaurido. Mas agora, dentro dela, a humilhação nunca mais vai se apagar e, por mais sórdida que seja a lama que a espera, a humilhação vai elevá-la e purificá-la… por meio do ódio… hum… talvez, também, por meio do perdão… Entretanto, será que tudo isso vai tornar as coisas mais fáceis para ela?”

E, na verdade, agora sou eu que estou fazendo uma pergunta ociosa: o que é melhor, uma felicidade rasteira ou sofrimentos sublimes? Pois bem, o que é melhor?

Era o que me passava pela cabeça, quando eu estava em casa, naquela noite, já quase sem vida, de tanta dor na alma. Eu nunca havia suportado tanto sofrimento e remorso; porém, na hora em que saí correndo do apartamento, seria possível haver a menor dúvida de que eu ia parar no meio do caminho e voltar para casa? Nunca mais vi Liza nem soube de nada a seu respeito. Só acrescento que fiquei muito tempo satisfeito com minha *frase* sobre a utilidade da

humilhação e do ódio, apesar de eu quase ter adoecido de angústia, na ocasião.

Mesmo agora, tantos anos depois, não sei como, eu acho *ruim* demais lembrar tudo isso. Agora, na verdade, há muita coisa que eu acho ruim lembrar, porém… não será melhor terminar aqui estas "Memórias"? Acho que cometi um erro ao começar a escrever. Pelo menos, senti vergonha o tempo todo em que escrevi esta *novela*: quer dizer que isto já não é literatura, mas um castigo correcional. Afinal, contar histórias compridas, por exemplo, sobre como joguei fora minha vida, metido num canto, por meio da depravação moral, da pobreza do ambiente, do afastamento do que é vivo e do rancor vaidoso no subsolo — juro por Deus, não é nada interessante; num romance, é necessário um herói, mas aqui foram reunidos, *de propósito*, todos os atributos de um anti-herói e, o mais importante, tudo isso vai produzir uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estamos desacostumados com a vida, todos nós claudicamos, uns mais, outros menos. E estamos tão desacostumados que, às vezes, sentimos certa repugnância da "vida viva" e, por isso, quando os outros nos lembram dela, nem conseguimos suportar. Pois chegamos a tal ponto que já consideramos que a verdadeira "vida viva" é quase um trabalho, quase um emprego e, no fundo, todos estamos de acordo que é melhor ficar nos livros. Então, por que, às vezes, sentimos uma comichão, por que inventamos extravagâncias, o que é que estamos pedindo? Nós mesmos não sabemos. Para nós, seria pior se nossos pedidos extravagantes fossem atendidos. Pois bem, experimentem, pois bem, deem para nós, por exemplo, um pouco mais de independência, desamarrem as mãos de qualquer um de nós,

ampliem a esfera de atividade, relaxem a tutela, e nós… sim, eu garanto aos senhores: logo vamos pedir de volta a tutela. Sei que os senhores, talvez, vão se irritar comigo por isso, vão começar a gritar, a bater os pés no chão: “Fale apenas de si mesmo e de suas misérias no subsolo, mas não se atreva a dizer *todos nós*”. Por favor, senhores, afinal, eu não estou querendo me justificar com essa *todosnosice*. Quanto a mim, propriamente, acontece apenas que, na minha vida, eu levei às últimas consequências aquilo que os senhores não se atreveram a levar nem à metade do caminho, e ainda por cima tomaram sua covardia como expressão da sensatez, e se consolaram com isso, enganando a si mesmos. Portanto, quem sabe, eu saio de tudo isso até mais “vivo” do que os senhores. Mas examinem com mais atenção! Afinal, nem sabemos onde vive agora este “vivo” nem o que ele é nem como se chama, não é? Deixem-nos sozinhos, sem livros, e na mesma hora vamos ficar confusos, vamos nos perder — não saberemos a que aderir, o que apoiar, o que amar, o que odiar, o que respeitar nem o que desprezar. Para nós, é opressivo até ser gente — gente com corpo e sangue próprios, de verdade; temos vergonha disso, consideramos isso uma humilhação e fazemos de tudo para nos tornarmos uns tais de seres humanos em geral, que nunca existiram. Nós já nascemos mortos e faz tempo que não nascemos mais de pais vivos, e isso nos agrada cada vez mais. Estamos tomando gosto. Em breve, vamos inventar não sei que jeito de nascer de uma ideia. Mas, chega; não quero mais escrever “do Subsolo”…

No entanto, ainda não terminam aqui as “memórias” deste paradoxista. Ele não se conteve e seguiu adiante. Mas a nós também parece que podemos parar por aqui.

Notas

apresentação

1. G. M. Fridlender, “Primetchánia” [Comentários]. In: *Sobránnie Sotchiníenia v Piatnadtsati Tomakh*. [*Obras reunidas em quinze volumes*], v. 4. Leningrado: Naúka, 1989.

2. Nicola Abbagnano, *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962, p. 948.

i. subsolo

1. Posto de oitava classe na hierarquia do serviço público do Império Russo, composto de catorze classes.

2. Expressão oriunda da filosofia do século xviii, como no livro *Observações sobre o belo e o sublime*(1764), de Kant. Na Rússia de meados do século xix, a expressão passou a ser citada com ironia, em detrimento da ideia de uma arte pura.

3. Francês: “homem da natureza e da verdade”. Referência ao filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-78).

4. Nome de um dentista famoso em São Petersburgo.

5. Alusão a uma corrente intelectual da época, chamada de ocidentalista, oposta aos chamados eslavófilos.

6. Francês: “velhaco, patife”.

7. Nikolai Nikoláievitch Guê (1831-94), pintor russo. Seus quadros, de temática religiosa, eram objeto de polêmica na época em que Dostoiévski escreveu esta novela.

8. Refere-se ao escritor M. E. Saltikov-Schedrin (1826-89), que em 1863publicou um artigo em defesa do pintor N. N. Guê, com o título “Cada um entenda como quiser”.

9. O trecho tem sido lido como uma polêmica com o crítico e filósofo russo N. G. Tchernichévski (1828-89). Mas trata-se, no caso, sobretudo, das teses do utilitarismo e do individualismo burguês, defendidas pelo filósofo inglês Jeremy Bentham, uma das fontes do pensamento de Tchernichévski. Isso fica explícito em toda a sequência deste capítulo, quando, entre outros pontos, se faz uma caricatura do “cálculo utilitarista”, de Bentham e Stuart Mill.

10. Henry Thomas Buckle (1821-62). Historiador inglês, autor de *História da civilização na Inglaterra*, traduzido e publicado no Império Russo em 1863. Defendia que a história era regida por leis estatísticas e positivas e que a história da Inglaterra valia como modelo universal.

11. Refere-se a Napoleão Bonaparte e a Napoleão iii, imperador da França de 1852a 1870. Ambos promoveram guerras de vastas proporções, em diversas partes do mundo.

12. Refere-se aos estados do Sul dos EstadosUnidos e à guerra civil, chamada de Guerra de Secessão, uma das mais mortíferas da história, cujo motivo declarado era o regime de trabalho escravo.

13. Ducado disputado numa guerra entre Dinamarca, Áustria e Prússia, entre 1863e 1864.

14. Líder cossaco que esteve à frente de uma enorme revolta camponesa, entre 1670e 1671, no sul do Império Russo.

15. Refere-se ao palácio de cristal construído em Londres, em 1851, para uma grande exposição internacional, destinada a celebrar as inovações tecnológicas da Revolução Industrial. Dostoiévski visitou esse palácio, anos depois, e registrou suas impressões, de modo bastante negativo, no livro *Notas de inverno sobre impressões de verão* (1863). Para o autor, o palácio inspirava o temor de um poder opressivo. A mesma imagem do "palácio de cristal e ferro" reaparece no romance *O que fazer?* (1863), de Tchernichévski, porém sob um ângulo positivo.

16. Personagem da tradição tártaro-mongol, essa ave é portadora da felicidade.

17. A. E. Anaiévski (1788-1866). Escritor constantemente satirizado na imprensa russa da época.

18. Francês: "aos animais domésticos".

19. A frase tem sido lida como alusão polêmica à seguinte expressão do escritor francês V. Considerand (1808-93), discípulo do filósofo francês Charles Fourier (1772-1837), propagador do chamado socialismo utópico: "Carrego a minha pedra para o edifício da sociedade do futuro".

20. Heinrich Heine (1797-1856), poeta alemão.

21. Refere-se ao livro *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau.

ii. a propósito da neve molhada

1. O crítico P. V. Ánnekov (1813-87), num comentário que se tornou célebre, escreveu, em 1847, que “a chuva fina e a neve molhada” constituíam um elemento obrigatório na paisagem de São Petersburgo nas obras dos novos escritores, da chamada “escola natural”.

2. Um dos poetas clássicos da literatura russa. Viveu entre 1821e 1878.

3. Kostanjoglo é personagem da segunda parte do romance *Almas mortas*, de N. Gógol. Piotr Ivánovitch é personagem do romance *Uma história comum*, de Ivan Gontcharóv. Ambos representam, em forma ideal, a imagem do capitalista empreendedor, que almeja o lucro e, por tabela, o progresso.

4. Referência ao personagem Popríschin, do conto “Memórias de um louco”, de N. Gógol, que se considerava rei da Espanha.

5. Significa que o oficial tinha 1,86metro. Um *verchok*equivale a 4,4centímetros. A altura das pessoas era indicada apenas pelo número de *verchok*, deixando implícita a medida equivalente a dois *archin* (1,42metro).

6. Refere-se ao personagem da novela *Avenida Niévski*, de Gógol, que deu queixa à polícia depois de levar uma surra.

7. Em francês, no original.

8. Francês: “supérfluo”. Aqui, significa “refinado”.

9. Grande mercado na esquina da avenida Niévski com a rua Sadóvaia, que ocupa todo um quarteirão.

10. Forma abreviada de Antónovitch.

11. Refere-se ao personagem do poema homônimo de Byron, “Manfredo”. Aqui, representa algo orgulhoso e altivo.

12. Batalha vencida por Napoleão icontra as tropas russas e austríacas, em 1805.

13. Referência à desavença entre Napoleão ie o papa Pio vii, que se tornou prisioneiro do imperador francês, nas cidades de Savona e Fontainebleau.

14. Referência ao baile de 15de agosto de 1806, aniversário de Napoleão, para celebrar a fundação do Império Francês. O baile se deu na Villa Borghese, cujo dono, Camillo Borghese, era cunhado de Napoleão.

15. O lago de Como fica perto da fronteira da Itália com a Suíça.

16. Local em São Petersburgo em que quatro ruas se encontram: avenida Zágorodni, rua Lomonóssov, rua Rubinstein e rua Raziézjaia.

17. Significa que ganhou uma propriedade rural com duzentos servos.

18. Francês: “direito de senhor”. Costume medieval europeu, em que o senhor feudal tinha o direito de obrigar toda camponesa a passar com ele a primeira noite após o casamento.

19. Cordões entrelaçados, usados em uniformes de militares de alta patente.

20. Os alemães nascidos na Rússia formavam uma das muitas nacionalidades que constituíam o Império Russo.

21. Denominação genérica do povo do noroeste do Cáucaso, onde o Império Russo, na época, expandia seu domínio.

22. Na Rússia, era costume os homens se beijarem na face e nos lábios.

23. Tipo de jogo de cartas.

24. Sílvio é personagem do conto “O tiro”, de Púchkin. *Baile de máscaras* é um drama de Liérmontov. As duas obras tratam da vingança.

25. No Império Russo, a palavra *meschánie*, de origem polonesa, designava os membros da classe média urbana. As classes sociais oficiais (nobres, camponeses, funcionários, religiosos etc.) faziam parte da identificação das pessoas.

26. Pseudônimo da escritora francesa Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-76).

27. Versos finais do poema de Nekrássov citado na epígrafe da segunda parte desta novela.

28. Em russo, *íjitsa*. Letra semelhante ao nosso *v*, que correspondia ao som *i*. Foi suprimida na reforma ortográfica de 1917.

29. Trecho do mesmo poema de Nekrássov citado na p. 75.

30. Referência ao romance *Oblómov* (1859), de I. Gontcharóv. Expressão que o criado Zakhar usa para ironizar os sermões de Oblómov, seu patrão.

31. Conceito difundido por intelectuais chamados eslavófilos, pelos quais o autor tinha certa simpatia. Mas também por escritores como Turguêniev e Herzen (Guértsen), de

tendência distinta.

Copyright © 2020 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright da apresentação © 2020 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (usa) Inc.

título original
Записки из подполья

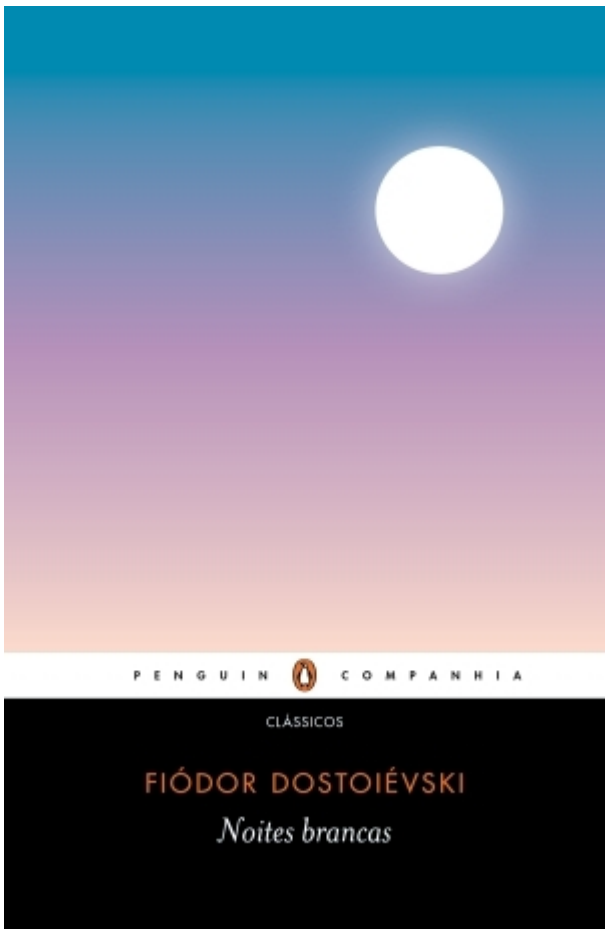
preparação
Leny Cordeiro

revisão
Huendel Viana
Paula Queiroz

versão digital
Rafael Alt

isbn 978-65-5782-528-0

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br


PENGUIN COMPANHIA
CLÁSSICOS
FIÓDOR DOSTOIÉVSKI
Noites brancas

Noites brancas

Dostoiévski, Fiódor
9788554512309
112 páginas

Compre agora e leia

Em *Noites brancas*, o jovem Dostoiévski mostra a sua versatilidade como escritor de gênero breve ao abordar um encontro inesperado entre um homem e uma mulher que se repetirá por quatro noites.

São Petersburgo, século XIX. Um homem solitário vaga pela cidade noite adentro, deixando que o sentimento de cada rua, esquina ou calçada o penetre. Durante a caminhada, avista uma mulher aos prantos encostada no parapeito de um canal. Ao acudi-la, tem início um idílio fadado a se dissipar como a tênue claridade das noites de verão na Rússia.
Quanto mais o anônimo narrador se aproxima da jovem Nástienka, mais parece se distanciar de sua melancólica vida anterior. Em quatro encontros, no entanto, a crescente intimidade dos dois personagens chega a um inesperado desfecho, quando a última noite por fim termina.
A novela de 1848, tida como uma das obras-primas de Dostoiévski no gênero breve, é acompanhada neste volume pelo conto "Polzunkov", escrito no mesmo ano, que mostra uma faceta mais caricata de um dos maiores autores da literatura russa.

Compre agora e leia

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS
Lima Barreto
Triste fim
de Policarpo
Quaresma
FICÇÃO
FICÇÃO

Triste fim de Policarpo Quaresma

Barreto, Lima
9788563397799
368 páginas

Compre agora e leia

No fim do século XIX, um major nacionalista, defensor da língua tupi e seguidor de manuais de agricultura, engaja-se em três projetos para defender a sua pátria. Introdução e notas de Lilia Moritz Schwarcz. Prefácio de Oliveira Lima.

Com uma literatura engajada e realista, Lima Barreto (1881-1922) compôs um romance cuja história oscila do humor ao drama. Ambientado no final do século XIX, o livro conta a história do major Policarpo Quaresma, nacionalista extremado, cuja visão sublime do Brasil é motivo de desdém e ironia. Interessado em livros de viagem, defensor da língua tupi e seguidor de manuais de agricultura, Policarpo é, sobretudo, um "patriota", e quer defender sua nação a todo custo. O patriotismo aferrado leva o protagonista a se envolver em projetos, que constituem as três partes do livro. Lançado pela primeira vez como folhetim no *Jornal do Commercio*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*
completa, em 2011, cem anos de sua primeira publicação. Esta nova edição traz uma introdução da historiadora Lilia Moritz Schwarcz, que, recorrendo ao original manuscrito e às resenhas da edição do autor publicada em 1915, faz uma análise contundente do romance e de seus personagens, desvendando o contexto social e

político em que foi escrito por Lima Barreto.
Complementando a fortuna crítica do livro, um texto de Oliveira Lima, publicado em 1916 no *Jornal do Commercio*, e também cerca de trezentas notas elaboradas por Lilia Moritz Schwarcz, Lúcia Garcia e Pedro Galdino que recuperam citações, textos, autores e personalidades históricas presentes no romance.

Compre agora e leia

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS
SÊNECA
SOBRE
A BREVIDADE
DA VIDA
GRANDES IDEIAS

Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio

Sêneca
9788543809724
80 páginas

Compre agora e leia

Na coleção Grandes Ideias, dois textos clássicos e incontornáveis de Sêneca sobre a arte de viver.
Os escritos do filósofo estoico Sêneca pertencem à categoria de obras que mudaram a humanidade e que, universais, resistem à passagem do tempo. Por meio de insights poderosos, eles transformam a maneira como nos vemos e já serviram de guia para inúmeras gerações por sua eloquência, lucidez e sabedoria.
Sobre a brevidade da vida e *Sobre a firmeza do sábio* foram concebidos em forma de cartas e apresentam reflexões essenciais quanto à arte de viver, à passagem do tempo e à importância da razão e da moralidade.
Traduzida do latim por José Eduardo S. Lohner, esta edição conta ainda com notas esclarecedoras do tradutor.

Compre agora e leia

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS
SIGMUND FREUD
O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO
GRANDES IDEIAS

O mal-estar na civilização

Freud, Sigmund
9788580861990
96 páginas

Compre agora e leia

Escrito às vésperas do colapso da Bolsa de Valores de Nova York (1929) e publicado em Viena no ano seguinte, *O mal-estar na civilização* é uma penetrante investigação sobre as origens da infelicidade, sobre o conflito entre indivíduo e sociedade e suas diferentes configurações na vida civilizada. Este clássico da antropologia e da sociologia também constitui, nas palavras do historiador Peter Gay, "uma teoria psicanalítica da política". Na tradução de Paulo César de Souza, que preserva a exatidão conceitual e toda a dimensão literária da prosa do criador da psicanálise, o livro proporciona um verdadeiro mergulho na teoria freudiana da cultura, segundo a qual civilização e sexualidade coexistem de modo sempre conflituoso. A partir dos fundamentos biológicos da libido e da agressividade, Freud demonstra que a repressão e a sublimação dos instintos sexuais, bem como sua canalização para o mundo do trabalho, constituem as principais causas das doenças psíquicas de nossa época.

Compre agora e leia

PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

VIRGINIA WOOLF

Mrs Dalloway

Mrs. Dalloway

Woolf, Virginia
9788543810638
328 páginas

Compre agora e leia

Um marco do romance modernista escrito por uma das autoras mais importantes de todos os tempos.

Obra mais famosa de Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway* narra um único dia da vida da famosa protagonista Clarissa Dalloway, que percorre as ruas de Londres dos anos 1920 cuidando dos preparativos para a festa que realizará no mesmo dia à noite.
Pioneiro na exploração do inconsciente humano por meio do fluxo de consciência, *Mrs. Dalloway* se consagrou tanto pelo experimentalismo linguístico quanto pelo retrato preciso das transformações da Inglaterra do períodoentre guerras. Misto de romance psicológico com ensaio filosófico, este livro resiste a classificações simplistas e inaugura um gênero por si só.
Precursor de algumas das maiores obras literárias do século XX, este romance é uma leitura incontornável que todo mundo deve fazer ao menos uma vez na vida.

Compre agora e leia